

O Rio de Janeiro do século XVIII no olhar dos viajantes ingleses

Traduções

Responsável:
DANILO LOPES BRITO

Pesquisa feita em caráter de iniciação científica e apresentada à Fundação Biblioteca Nacional por Danilo Brito (UFRJ/FBN), orientada por Luiz Barros Montez (UFRJ/FBN).

Fundação Biblioteca Nacional
Rio de Janeiro, 2 de setembro de 2008.

Sumário

Nota.....	3
Aeneas Anderson.....	4
Joseph Banks.....	13
George Barrington.....	32
John Barrow.....	36
James Lisle.....	61
Arthur Phillip.....	72
George Staunton.....	79
Watkin Tench.....	102
James Wilson.....	108

Nota

Desde seu início, a proposta do projeto relativo à presente pesquisa era traduzir relatos de viagem feitos de por ingleses que estiveram No Rio de Janeiro no século XVIII, de modo que o foco seriam justamente as descrições dessa cidade. Ao todo, traduzi nove autores – nove relatos, portanto – que representam bem o ponto de vista inglês e, de certa forma, europeu sobre aqueles que habitavam os trópicos.

A proposta de traduzir esses relatos surgiu a partir de uma inquietação acerca da escassez de materiais envolvendo essa temática. No entanto, meu interesse pelo assunto aumentou gradativamente e, ao longo do período de pesquisa, procurei apresentar meu trabalho, bem como algumas considerações, em eventos e em um curso de extensão ministrado na Faculdade de Letras da UFRJ. Ao fim de minha graduação, ocorrida no segundo semestre de 2007, participei do processo de seleção do mestrado do Programa de Pós-graduação em Lingüística Aplicada, também na Faculdade de Letras da UFRJ. A proposta dessa segunda fase da pesquisa consiste em uma análise discursiva de alguns relatos feitos por viajantes de uma mesma expedição – a saber, de Anderson, Barrow e Staunton.

Desse modo, portanto, a pesquisa não se encerra aqui. Pelo contrário: os textos traduzidos, se disponibilizados ao público, servirão como fonte de estudo sobre os relatos de viagem em si, além de estarem lingüisticamente acessíveis a mais pessoas. A pesquisa, além disso, abre caminho para uma série de novos estudos similares.

Anderson, Aeneas. *A Narrative of the British Embassy to China*. Dublin: Printed for William Porter, 1795. Trecho do Capítulo I. 16 - 24.

Às cinco horas da tarde ancoramos no porto de *Rio Janeiro* em águas de 15 *fathoms*. Passou pelo porto nesta tarde o *Hero of London*, um baleeiro dos mares do sul, vindo desses mares em direção a Londres. Um grande número de navios estava ancorado no rio¹, dentre os quais estava um português das Índias Orientais a caminho de casa e a bordo do qual se pensou em enviar cartas para a Inglaterra, passando por Lisboa. Com a chegada do *Hero*, porém, dispunha-se de um transporte com maior boa vontade e mais segurança.

Do rio, a vista que o local oferece é encantadora, consistindo de uma bela cadeia de montes cobertos com florestas cujos vales os transpassam, havendo neles majestosas quintas, proporcionando, uma visão de, ao mesmo tempo, elegância, riqueza e beleza.

O bote partiu e o primeiro tenente desembarcou na costa para comunicar o Vice-rei a chegada do Embaixador e pedir a saudação. Contudo, estando aquele oficial em terra natal, as formalidades usuais foram forçosamente suspensas.

Na manhã desse dia, o suplente do Vice-rei veio acompanhado por guardas e ajudantes em elegantes barças com o intuito de esperar por Lord Macartney para saber suas intenções e para fazê-lo ciente dos regulamentos aos quais todos os estrangeiros estão submetidos ao desembarcar em *Rio Janeiro*. Mas, uma vez que Sua Senhoria estava afligida pela gota, ainda se sentindo muito indisposta, Sir George Staunton e Sir Erasmus Gower receberam o suplente, que, após uma fala introdutória, participou de uma pequena refeição e voltou à terra.

¹ Não está clara a razão de Anderson falar em um Rio ao se referir ao porto. Na verdade, alguns mapas anteriores a essa viagem representam a Baía de Guanabara como um grande braço d'água. Provavelmente é essa a referência de Anderson.

O suplente do Vice-rei, com seus ajudantes, fizeram uma segunda visita ao navio para acompanhar a mensagem de parabenização do Vice-rei ao Embaixador quando de sua chegada ao Brasil, na qual era convidado a aceitar uma casa que ficaria a sua disposição pelo tempo que lhe parecesse necessário ficar aqui. Lord Macartney aceitou a proposta obsequiosa e Sir George Staunton foi em terra para fazer as preparações necessárias para sua recepção, que ocorreria assim que ele estivesse suficientemente recuperado para sair do navio.

O secretário do Vice-rei, assistido por vários cavalheiros, veio a bordo do *Lion* para saber quando o Embaixador desembarcaria, ficando contente em fixar a entrada do Vice-rei na Cidade de *Rio Janeiro* para treze horas do dia seguinte.

Ao meio dia, Sir Erasmus Gower, que esteve em terra para notificar o Vice-rei de que Lord Macartney estava pronto para desembarcar, voltou ao *Lion* a fim de conduzi-lo. Eles logo chegaram com todas as solenidades apropriadas para a ocasião. O ponto de desembarque, que fica exatamente em frente ao palácio do Vice-rei, estava cercado dos dois lados por regimentos a cavalo e guarda-costas do Vice-rei. O próprio Vice-rei estava lá com seus auxiliares oficiais, bem como as pessoas mais distintas da cidade, para receber o Embaixador, que foi conduzido ao longo da linha e saudado com honras militares. A solenidade tinha no geral uma aparência bem grandiosa, e uma enorme multidão de pessoas que queriam ver o fato formou-se. Eles então seguiram para o palácio do Vice-rei, passaram por um grande corredor raiado por soldados armados e animado com o som de música marcial, a caminho dos cômodos estipulados. Aqui a companhia ficou por algum tempo até que Lord Macartney e Sir George Staunton foram conduzidos à diligência do Vice-rei. Sir Erasmus Gower e o Capitão Mackintosh foram levados numa segunda e toda a companhia britânica foi acomodada em carruagens. O cortejo iniciou-se escoltado por uma tropa de ligeira cavalaria a

caminho da casa designada à recepção de Lord Macartney, que fica a cerca de duas milhas da cidade. Conforme passava, o Embaixador recebia toda honra devida à grande empresa na qual fora investido. Além disso, um capitão de guarda indicado pelo Vice-rei foi colocado em frente à casa, tendo recebido os visitantes britânicos com bandeiras esvoaçantes e música, bem como as honras militares. Assim concluiu-se a cerimônia de recepção do Embaixador em *Rio Janeiro*.

Seria não só tedioso como também desnecessário, em geral, mencionar as ocorrências diárias comuns durante nossa estada no Brasil. Limitar-me-ei, porém, àquelas circunstâncias que podem, por sua importância e novidade, interessar à mente e recompensar, até certo ponto, a atenção do leitor.

Lord Macartney, com toda sua comitiva, fez uma visita solene ao Vice-rei e foi recebido com todo traço de distinção e respeito. Os cavalheiros que participaram da ocasião jantaram com Sua Senhoria e, no fim da tarde, visitaram o jardim público do palácio²: esse jardim tem cerca de meio milha em extensão e metade disso em largura; é cercado por um forte muro alto e guardado na entrada por um grupo de soldados. A disposição interior consiste de um grande terreno gramado e passagens de cascalho, na qual há sombras agradáveis de árvores, além de ser perfumada com flores. No centro há uma grande *bason* d'água e um grande número de lamparinas colocadas entre as árvores de cada lado das passagens para iluminarem-nas. No fim do jardim há uma grande construção para bailes e música, mas, uma vez que a época de divertimentos desse lugar havia passado quando nele estivemos, devemos nos contentar em dar uma descrição do local, sem falar das diversões que lá ocorrem em certas épocas do ano em prol, não duvidamos, da recreação dos habitantes.

² Bem como no relato de J. Barrow, trata-se aqui do Passeio Público. (N. T.)

Toda sorte de preparação foi feita ao longo da galeria e da grande sala da casa de Lord Macartney para receber o Vice-rei, que nos notificou de sua intenção de retribuir a visita do Embaixador na manhã daquele dia. Às dez horas, Sir Erasmus Gower e os oficiais do *Lion* vestiram seus melhores uniformes, bem como o Capitão Mackintosh com os oficiais do *Hindostan*, e vieram em terra para participar da cerimônia.

Às onze horas, a partida do Vice-rei foi anunciada por um disparo da artilharia da guarnição e o guarda indicado pelo Vice-rei para ficar com o Embaixador imediatamente ficou em forma em frente à casa. Em meia hora o Vice-rei chegou com grande séquito, tendo um esquadrão de cavalos a sua frente e atrás de si, acompanhado por todos os oficiais e pessoas de distinção da cidade. Sua Excelência foi recebida por Lord Macartney à porta da casa e conduzida a um sofá na parte superior no melhor cômodo. Sir George Staunton então apresentou todos os cavalheiros ligados à Embaixada, de acordo com sua hierarquia, ao Vice-rei, que, após participar de um repasto muito elegante preparado para ele e sua comitiva, retornou da mesma forma, com as mesmas solenidades, tão distinto quando de sua chegada.

A vestimenta do Vice-rei era uma roupa escarlate muito valorizada pelo ouro, bordados e pedras preciosas; seus auxiliares usavam um lindo uniforme verde e dourado. Ele tinha ainda vários lacaios negros lado a lado que vestiam bons uniformes com grandes turbantes em suas cabeças e com longos sabres a seus lados.

Nessa manhã, ainda cedo, Sir George e Sr. Staunton, acompanhados pelo Sr. Barrow e um cavalheiro português, empreenderam uma pequena excursão pela região. Ao mesmo tempo eu aproveitei a oportunidade de visitar o lugar que sigo agora descrevendo, conforme minha capacidade de observação me permitir.

A cidade, que é por alguns chamada de São Sebastião e por outros de *Rio Janeiro*, fica do lado oeste do porto que tem esse mesmo último nome, numa localidade

de baixa altura e quase que cercada por montes que, por retardarem a circulação do ar, fazem do lugar bastante danoso à constituição dos europeus. Seu tamanho é expressivo, tendo de leste a oeste cerca de quatro milhas em comprimento, e cerca de duas milhas de amplitude do norte para o sul. As ruas são, pela falta de praças, regulares e uniformes, cruzando-se em ângulos retos: são bem pavimentadas, repletas de lojas de toda ordem, além de compostas por casas igualmente bem construídas e adaptadas ao clima. No centro da cidade, frente à praia, fica o palácio do Vice-rei: trata-se de uma construção grande, comprida e estreita, sem atrativos externos, mas contendo uma sucessão de aposentos nobres e espaçosos. Esse prédio tem apenas dois andares, sendo o de baixo designado aos funcionários domésticos e de menor categoria, e no de cima ficam os aposentos do Vice-rei; é construído de pedra áspera, rebocado com cal e coberto por telhas. A capela do Vice-rei é um edifício cuidado, perto do palácio, mas separado dele. As ruas são não só espaçosas apropriadas, mas também notáveis pela limpeza, muitas delas contendo uma variedade de lojas e depósitos que são dignos de cidades da Europa. Há um costume aqui que deveria ser imitado em todos os lugares de grande transação comercial, que é o de todas as pessoas da mesma profissão ocuparem a mesma rua, ou a mesma área; raramente sabe-se de alguma exceção. Da população desse lugar não pude obter nenhuma afirmação apurada, mas a julgar pelo tamanho da cidade e por observações em geral que pude fazer, pode-se considerar, penso eu, sem exagero, um total de duzentas mil almas. As pessoas, católicas romanas, são muito ligadas às cerimônias de sua religião, que cultuam com muita superstição. As igrejas são muito numerosas e ostentadoramente decoradas. Nos festivais de seus patronos, esses edifícios são ricamente adornados e belamente iluminados. De fato, alguns deles foram iluminados tão esplendidamente durante nossa estada que ofereciam um espetáculo estonteante, de modo que lembravam mais festas do que atos de devoção paroquial.

Perto do centro da cidade, em um promontório imponente, há um observatório público dotado de um aparato astronômico.

Os habitantes ostentam bastante através de suas vestimentas e todo tipo de gente tem o hábito de considerar espadas essenciais em suas aparições públicas, nem mesmo as crianças estão isentas do porte de tal arma ornamental. A vestimenta das damas lembra de certo modo as das mulheres européias, exceto no que diz respeito ao ornamento da cabeça. Seus cabelos são esticados para trás e adornados com flores artificiais, contas e plumas, fantásticamente arranjadas; atrás cai em variados cachos trançados e mesclados com fitas de várias cores, sendo que cada trança termina em uma rosa feita de fitas. Eles também usam uma grande manta de seda caída solta para trás sob forma de cauda que é segurada por um servo enquanto outro segura uma sombrinha para proteger do sol o rosto de sua senhora. As fêmeas do Brasil são geralmente de cútis pálida, mas têm uma certa delicadeza que faz delas objetos muito agradáveis, e a afabilidade de suas maneiras aumenta a agradabilidade de seus atrativos pessoais.

O comércio desse lugar é muito grande e é fonte de grande riqueza para os habitantes, bem como para a nação-mãe. Os muitos artigos que são de lá exportados são os mesmos produzidos em partes dos assentamentos portugueses no Brasil. Os ancoradouros são bem grandes e peculiarmente espaçosos; estávamos muito impressionados em observar a destreza com que os escravos carregavam e descarregavam as barcaças ao longo dos mesmos. O arroz, do qual grande quantidade pareceu ser exportada desse assentamento, estava todo contido em couro cru de boi.

A uma distância pequena da cidade, em seu lado oeste, há um grande convento, mas mais digno de nota por sua força e elegância. Ele é construído em torno de vários pátios quadrangulares pavimentados com grandes placas de pedra, cercados por

varandas e mantidos em estado de perfeita limpeza. É dividido em duas partes, cada uma delas apropriada a uma comunidade religiosa de cada sexo.

As pessoas que compuseram a comitiva do Lord Macartney foram agraciadas com a permissão de visitar esse convento; as freiras aproveitaram oportunidades de atirar-lhes uma variedade de pequenos e elegantes brinquedos de fabricação própria. Sua situação de confinamento e devoção não as impediu de saber a arte de manufaturar artigos de outro tipo, chamados *billets doux*, que elas tentaram dar a alguns visitantes ingleses. Eles até mesmo pediram ao Lord Macartney, na presença do diretor do convento, para usar sua banda de música, que consentidamente tocou concertos em várias manhãs dentro daquelas paredes sagradas. Há também um jardim muito espaçoso no qual as damas religiosas podem desfrutar da recreação que conseguem encontrar em um lugar como esse, cercado por paredes de pelo menos quarenta pés de altura que, como se não fossem suficientemente seguras, são constantemente vigiadas do lado de fora por um grupo de soldados.

A noroeste da cidade há um aqueduto estupendo que é um objeto de incomum curiosidade. Tem a forma de uma ponte, tem oitenta arcos e, ao menos em algumas partes, tem cento e cinquenta pés de altura, podendo ser visto de diferentes pontos de vista, o que causa um efeito peculiar, chegando aos poucos acima das maiores construções da cidade. Essa imensa cadeia de arcos estende-se ao longo de um vale e une os montes que o formam. A finalidade com que se fez tal construção é clara, já que ela leva a água de fontes perpétuas, à distância de cinco milhas, para a cidade, onde, por meio de canos plúmbeos, é conduzida a um grande e elegante reservatório na praia, em frente ao palácio do Vice-rei. Essa água é da melhor qualidade e é ademais tão abundante que não só proporciona o necessário para todas as vontades dos habitantes, como também reabastece os navios que vêm ao porto – um elemento muito necessário.

O estabelecimento militar em *Rio Janeiro* fica em uma base muito distinta. Os soldados são não só bem vestidos e disciplinados, como também têm permissão de gozar de todos os privilégios dos cidadãos. Isso parece ser uma política do governo português, muito sábia aliás, pois faz com que a situação dos soldados na colônia seja ao mesmo tempo confortável em si, e respeitável em seu caráter, além de, até certo ponto, como imagino, ser fonte de vantagens financeiras. Assim, a lealdade e zelo dos soldados são felizmente assegurados em uma localidade tão importante por seu valor, e onde a vigilância e a fidelidade daqueles que a guardam se torna mais necessária por conta da grande distância entre a mesma e a nação mãe. Se seu pagamento é feito proporcionalmente de acordo com o serviço que fazem nessa colônia ou se eles têm alguma regalia, não sei dizer, mas certamente parecem estar em um estado de relativa prosperidade que não se percebe em nenhum outro grupo de soldados que vi, ou dos quais ouvi. O número de tropas em *Rio Janeiro*, incluindo cavalaria e infantaria, chega a ser de vinte mil homens, e as milícias somam não menos que o dobro disso. Paralelamente, o lugar é muito bem fortificado, tanto pelo homem quanto pela natureza. Está situado a cerca de duas milhas da entrada da baía e é defendido por nove poderosos fortes, bem equipados com artilharia e suficientes guarnições. Há também duas pequenas ilhas no meio da baía, uma na entrada, chamada Forte Santa Cruz, e outra a pequena distância, aliada ainda à força de sua localização e à dificuldade de atacá-la.

Sir George Staunton foi com um grupo em uma excursão ao monte Pão de Açúcar³, uma alta rocha situada do lado esquerdo da entrada do porto; às cinco da tarde, Lord Macartney, que estava ainda muito indisposto, voltou discretamente, acompanhado de Sir Erasmus Gower, a bordo do *Lion*.

³ No original, *Sugar Loaf Hill*. (N. T.)

Após toda a bagagem ter sido posta em carrinhos de mão para ser levada à praia, os oficiais que comandaram a guarda da casa na qual Lord Macartney residiu designaram um grupo de soldados para ajudar com cada carro, até que todas as cargas foram colocadas a bordo dos barcos que as aguardavam. Enquanto eu ajudava nisso, tive a oportunidade de ver o Vice-rei voltar majestosamente da igreja, na qual ele esteve para prestar homenagens em cerimônias peculiares de sua religião.

Às dez e meia da manhã levantamos âncora e fomos até o forte de Santa Cruz; logo chegamos a águas de cinquenta *fathoms*. No dia seguinte, saímos cedo do porto e deixamos *Rio Janeiro*.

Joseph Banks. *Journal of the Right Hon. Sir Joseph Banks*. London: Macmillan & Co., 1896. Chapter II (*Rio de Janeiro* – Nov. 13 – Dec. 7, 1768). Referência: Obras Gerais, III – 196,4,9

13 de Novembro⁴. Assim que chegamos ao rio⁵, o capitão enviou seu primeiro tenente, Sr. Hicks, com um aspirante de marinha para achar um piloto. O barco voltou, contudo, sem os oficiais, mas sim com um subalterno português. O timoneiro nos contou que o oficial fora detido e assim permaneceria até que capitão fosse embora. Então, um barco de dez remos, no qual havia cerca de uma dúzia de soldados, zarpou e remou em volta do navio; ninguém dentro dele aparentou ao menos nos notar. Quinze minutos depois um outro barco zarpou, a bordo do qual estava um *Disembargador* e um coronel de um regimento português. Esse último nos fez muitas perguntas e a princípio pareceu desencorajar nossa estada, mas acabou sendo extremamente gentil e nos assegurando de que o governador nos daria toda assistência em seu poder. O tenente, disse ele, não estava detido, mas não teve permissão para desembarcar devido à *practica* e seria mandado a bordo imediatamente.

14. O Capitão Cook foi à orla nessa manhã. Ele voltou com um oficial português no barco e também com um inglês, Sr. Foster, um tenente a serviço dos portugueses. Nós fomos informados de que não poderíamos ter um abrigo nem dormir em terra e de que ninguém, além do capitão e de alguns marinheiros, como foi requerido em serviço, teria permissão para desembarcar. Nós, os passageiros, fomos particularmente objetados. Apesar disso, tentamos ir à terra ao anoitecer com a desculpa de fazer uma visita ao Vice-rei, mas fomos parados pelo barco de guarda. O capitão foi em terra para reclamar com o Vice-rei, que disse estar agindo sob ordens do rei de Portugal.

⁴ O relato de 13 a 24 de novembro sobre o modo com o Capitão Cook foi tratado no Rio foi bastante condensado do *Journal* original. (Nota do Editor)

⁵ Aqui, Banks fala em “rio” (*river*, no original) fazendo provável referência à entrada da baía, que, por ser estreita, foi considerada por alguns como um rio.

15 e 16. O capitão reclamou em vão com o Vice-rei de nossa proibição para desembarcar e especialmente de um sentinela colocado em seu barco, o que havia sido feito, o disseram, como uma honra.

17. O capitão e eu escrevemos petições reclamando do comportamento de V. Excelência, que, para conosco, que estávamos em um navio do rei, era quase uma quebra de decoro.

18. Recebemos respostas às nossas reclamações: alegaram que o capitão não tem nenhum motivo para reclamar, já que recebeu o tratamento usual que se costuma dar em todos os portos do Brasil; quanto a mim, informaram-me que, como eu não trouxe credenciais próprias da corte de Lisboa, é impossível que me permitam desembarcar.

19. Nós enviamos respostas às cartas de V. Excelência. O tenente encarregado delas teve ordens de não permitir um guarda dentro de sua embarcação. O barco de guarda o deixou passar, mas o Vice-rei, ao tomar ciência disso, ordenou que sentinelas fossem postos na embarcação. O tenente recusou-se a ir a bordo a menos que se retirassem, razão pela qual o trouxeram a bordo de um barco de guarda e detiveram sua tripulação. Ele contou que os homens em nossa pinaça não ofereceram a menor resistência, mas foram ainda assim tratados de forma muito rude, sendo golpeados pelos soldados várias vezes. O guarda devolveu as cartas fechadas.

Nessa noite, por algum da má administração, nosso bote de bordo se soltou e ficou à deriva, carregando com ele meu pequeno barco. O escaler foi mandado atrás dele e conseguiu engatá-lo, mas apesar de todos os esforços da tripulação, os barcos logo se perderam de vista. O escaler voltou às duas da matina com a notícia de que os outros dois barcos estavam perdidos. No entanto, nós estávamos contentes pelos homens que foram achados sãos e salvos, pois eles estiveram em grande perigo.

20. O escaler foi enviado à costa para procurar assistência para recuperar nosso bote de bordo: ele voltou com nossa pinaça e nossa tripulação, além de um barco do Vice-rei que teve ordens de nos ajudar a encontrar nossos barcos.

A tripulação da pinaça declarou que foi confinada em um repugnante calabouço, no qual suas companhias eram, em grande parte, negros acorrentados. O timoneiro comprou um aposento melhor por sete patacas (mais ou menos o mesmo número em *shillings* ingleses). A pinaça retornou à noite com os dois barcos e tudo que neles estava.

21. Chegaram cartas do Vice-rei; na minha, ele dizia de forma muito educada que não estava em seu poder permitir que eu desembarcasse. Na do capitão, ele levanta dúvidas sobre o fato de nosso navio ser realmente um navio do rei⁶.

23. Uma resposta à última carta do capitão o acusa de contrabando.

24. Dr. Solander foi à cidade como cirurgião do navio para visitar um frei que desejava que o cirurgião fosse levado até ele: Dr. Solander recebeu cortesias do povo.

26. Eu mesmo fui em terra nessa manhã antes do dia nascer e fiquei até alta noite. Enquanto estive em terra firme, encontrei vários habitantes, que foram muito gentis ao me levarem a suas casas, onde comprei deles provisões para o navio por um preço relativamente baixo: um leitão razoavelmente gordo por onze *shillings*, um pato-bravo por pouco menos de dois *shillings* etc.

Nessa região, vi que era abundante a variedade de plantas e animais, muitos dos quais não foram descritos por nossos naturalistas, já que poucos tiveram a oportunidade de vir aqui. De fato, ninguém, mesmo os curiosos, que eu saiba esteve aqui desde Marcgrav e Piso por volta de 1640. Sendo assim, é fácil imaginar o estado da história natural dessa região.

⁶ Em seu relato, John Hawkesworth explica que o *H.M.S. Endeavour*, famoso navio que deu a volta ao mundo comandado pelo capitão Cook, era, na verdade, um tipo de navio mercante. (N. T.)

Fazer um catálogo do que achei seria um esforço sem muito propósito, já que cada particularidade é mencionada nos catálogos gerais desse lugar. Contudo, não posso deixar de mencionar algumas que me chamaram muita atenção e me deram, conseqüentemente, certo prazer. Essas eram em grande parte plantas parasitas, especialmente *Renealmiae* (não tendo eu sido afortunado o bastante para um *Epidendrum*), e as diferentes espécies de *Bromelia*, nunca descritas antes. Vi aqui *Karratas* crescendo em um tronco deteriorado de não menos que 63 pés de altura, de modo que o tronco estava de tal forma coberto que o todo parecia uma árvore de *Karratas*. O desenvolvimento da *Rhizophora*⁷ também me agradou bastante, embora eu já tivesse uma boa noção a esse respeito em Rumphius, que tem uma ótima figura da árvore em seu *Herb. Amboin.* [v. Iii. Tab. 71,72]. Junte a isso o fato de toda a região estar coberta com as lindas flores de *Malpighiae*, *Bannisteriae*, *Passiflorae*, se contar *Poinciana* e *Mimosa sensitiva* e uma linda espécie de *Clusia*, da qual vi várias. Em resumo, os pontos mais selvagens daqui tinham uma enorme quantidade de flores, sendo alguns mais belos que nossos mais bem planejados jardins. Uma vista breve de infundável deleite; ainda assim, o olho cansar-se-ia sem dúvida se tal vista fosse contínua.

Os pássaros de muitas espécies, especialmente os menores, pousam em grande abundância nos galhos, muitos dos quais revestidos com a mais elegante plumagem. Eu atirei em um *Loxia brasiliensis* e vi vários espécimes deles. Insetos também estavam aqui em grande quantidade: muitas espécies deveras belas, mas bem mais ágeis que as nossas espécies européias, principalmente as borboletas, das quais quase todas voavam próximas às copas das árvores e eram de difícil captura, exceto quando a brisa do mar

⁷ *Mangrove tree.*

soprava fresca, o que as fazia abaixar e ficar entre as árvores, onde poderiam ser pegas. Vi também uma espécie de beija-flor, mas não consegui atirar neles.

Os bancos do mar, e mais notavelmente todas as beiras de pequenos riachos eram repletas de uma quantidade incontável de pequenos caranguejos (*Cancer vocans*, Linn⁸), que detêm uma enorme presa. Entre esses havia muitos cujas duas presas eram bem pequenas e de igual tamanho. Segundo meu empregado negro, essas eram as fêmeas dos outros e, de fato, todas as que examinei, que foram muitas, provaram ser fêmeas. Mas se eram da mesma espécie que *C. Vocans* não posso determinar com tão pouco conhecimento.

Eu vi pouco cultivo, a que não se parecia dedicar muito esforço. Grande parte era pasto no qual havia um gado magro, que magro continuará, pois quase toda espécie de capim que observei aqui eram plantas rasteiras e, por isso, tão próximas ao chão que, ainda que sejam suficientes para mordidas de cavalo ou carneiro, me parece extraordinário o fato de gado cornífero pode viver aqui.

Também vi seus jardins ou pequenas leiras nas quais cultivam vários elementos de jardim europeus, como couves, ervilhas, grãos, feijão, nabos, rabanetes brancos, abóboras etc., mas todos muito inferiores aos nossos exceto o último talvez. Eles também plantam melancias e abacaxis, as únicas frutas que os vi cultivar; as melancias são muito boas, mas os abacaxis são muito inferiores aos que eu provei na Europa. Eu dificilmente tive um que pudesse ser considerado como de média qualidade, muitos estavam piores do que alguns que vi sendo jogados fora da mesa na Inglaterra, onde ninguém os comeria. Embora geralmente muito doces, não têm o menor sabor. Nesses jardins também plantam inhame e mandioca, que fornece pão ao lugar, pois, como nosso trigo de pão europeu não crescerá aqui, toda a farinha que eles têm é trazida de

⁸ É possível que Linn seja uma abreviação de *Linnaeus*, como o taxionomo sueco Lineu é conhecido em língua inglesa.

Portugal com altíssimo custo, caro demais até para pessoas de classe-média comprarem, muito menos os mais pobres.

27. Quando os barcos voltaram do reabastecimento d'água, contaram-nos que homens foram enviados ontem a procura de algum de nós que pisou em terra sem licença. Concluimos que isso se referia ou ao Dr. Solander ou a mim, o que fez com que fosse necessário que não mais fôssemos em terra enquanto ficássemos.

1º de Dezembro. Soubemos que o Sr. Foster fora levado sob custódia, acusado de contrabando. A causa real, acreditamos, foi o fato de ele ter mostrado controle sob seus compatriotas, uma vez que ouvimos ao mesmo tempo em que cinco ou seis ingleses residentes da cidade e um pobre português que costuma observar nosso pessoal levando coisas para os barcos também foram postos na prisão sem explicações.

2. Nessa manhã, graças a Deus, nós conseguimos tudo o que queríamos dessa gente iletrada e mal-educada, então levantamos âncora e fomos até o ponto da *Ilhoa dos Cobras*, onde editávamos parados esperando um vento propício que viria toda noite do continente. Um brigue espanhol de *Buenos Ayres* com cartas para a Espanha chegou há mais ou menos uma semana. Seus oficiais foram recebidos em terra com toda polidez possível e receberam permissão para ficar em uma casa sem a menor hesitação. O capitão, Don Antonio de Montenegro y Velasco, com grande educação se ofereceu para levar nossas cartas a Europa. Nós aproveitamos essa circunstância fortuita e enviamos nossas cartas a bordo nessa manhã.

Procuramos usar nossos barcos para rebocar o navio e chegamos quase ao lado de Santa Cruz, principal fortificação deles, quando, para nossa grande surpresa, atiraram duas vezes em nós e um dos tiros passou bem próximo de nosso mastro. Nós prontamente paramos e enviamos um mensageiro para inquirir a razão do ocorrido. Disseram que nenhuma ordem foi recebida no sentido de permitir que passássemos e

que, sem isso, nenhum navio jamais passou por aquele forte. Fomos obrigados a mandar alguém à cidade para saber o motivo de tal comportamento extraordinário. A resposta, que chegou por volta das onze horas, era a de que houve um engano: o brigadeiro esquecera de enviar a carta, que, por sua vez, havia sido escrita alguns dias atrás. Foi o barco porém que a enviou. Tivemos licença para continuar. Nós então começamos a levantar a âncora, que fora lançada em um fundo lamacento quando atiraram em nós. Mas ela estava de tal forma presa em uma rocha que não poderia ser pega enquanto a brisa terrestre soprasse, o que continuou hoje até quatro da tarde. Assim que a brisa do mar veio, enchemos nossas velas. E, conduzindo o navio acima da âncora, recolhemo-na, mas fomos obrigados a retroceder quase a mesma distância que o tínhamos rebocado durante a manhã.

Hoje e ontem, o céu esteve repleto, de maneira incomum, de borboletas, grande parte de um mesmo tipo, das quais trouxemos a bordo do navio quantas bem quisemos. A quantidade era tão grande que posso dizer que, às vezes, era possível ver milhares de uma só vez em qualquer direção para qual se olhasse. A maior parte delas estava bem acima de nosso mastro.

6. Nenhuma brisa terrestre hoje. Estávamos, portanto, confinados, em nossa desagradável situação, sem possibilidade de nos movermos. Muitas pragas foram rogadas a V. Excelência.

7. Âncora suspensa e a caminho do mar. Assim que chegamos a Santa Cruz, o piloto quis ser dispensado e, com ele, nosso inimigo navio-guarda foi-se. Fomos deixados, então, como nossos próprios senhores e logo resolvemos ir a terra em uma das ilhas da boca do porto. O mar estava muito favorável, mas mudamos o curso para ir a uma ilha chamada *Raza*, na qual coletamos muitos tipos de plantas e alguns insetos. *Alströmeria Salsilla* havia aqui em abundância, bem como *Amaryllis mexicana*.

Ficamos até mais ou menos quatro horas da tarde e voltamos a bordo exaustos, pois o desejo de fazer tudo que conseguíssemos em pouco tempo exigiu muito de nós, expostos aos mais quentes raios do sol do meio-dia.

Agora que praticamente já estamos no mar e finalmente tomamos distância dessa gente encenqueira, não posso deixar de gastar algum tempo descrevendo-a. Embora eu mesmo não tenha estado nenhuma vez em seu vilarejo, acho que minha inteligência, vinda do Dr. Solander e do Sr. Monkhouse, nosso cirurgião, um homem muito sensato, que esteve em terra todo dia para comprar nossas provisões, não pode se distanciar muito da verdade.

A cidade do Rio de Janeiro, capital dos domínios portugueses na América, situa-se nos bancos de um rio de mesmo nome. Ambos são assim chamados, eu diria, devido ao santo romano *Januarius*, de acordo com o costume espanhol e português de nomear suas descobertas com os nomes dos santos dos quais são devotos.

A cidade é regular e bem construída à moda portuguesa, tendo cada casa uma pequena sacada com cerca de treliça. O tamanho é bem maior do que imaginei, provavelmente um pouco inferior a qualquer cidadezinha interiorana da Inglaterra, como Bristol e Liverpool. As ruas são retas, uma cruza a outra fazendo ângulos retos e uma têm uma vantagem peculiar: a maioria dessas ruas seguem apenas uma direção e são comandadas pelos canhões de sua cidadela, chamada São Sebastião, que se localiza no topo de um monte, vigiando a cidade.

É abastecida com água dos montes vizinhos por um aqueduto sobre dois seguimentos de arcos, dos quais dizem ser bem altos em alguns pontos. A água é levada a uma fonte na praça principal, exatamente em frente ao palácio do governador. A fonte é guardada por um sentinela, que tem trabalho considerável para manter regularidade e ordem entre tantos que estão lá a esperar. A água também é distribuída em alguma outra

parte da cidade, mas como chegar até lá eu não ouvi; diz-se que a água de lá é melhor que a da fonte, que é bastante indiferente. Tanto é assim que não gostamos dela, ainda que tenhamos ficado dois meses no mar, tempo no qual nossa água era quase sempre ruim.

As igrejas são muito belas, mais ornamentadas que até mesmo as da Europa, e todas as cerimônias de sua religião são feitas com mais mostra. Suas possessões são particularmente extraordinárias. Todo dia uma ou outra paróquia tem uma procissão solene com todas as insígnias da igreja, do altar, “pastor” etc., através da qual essas paróquias imploram por qualquer coisa que possam conseguir e as pessoas rezam de toda forma em cada esquina. Enquanto estivemos lá, umas das maiores igrejas da cidade estava sendo reconstruída e, por essa razão, a paróquia a deixava para andar por toda a cidade, o que era feito semanalmente, e coletar muito dinheiro para continuar com a reforma. Nessa cerimônia, todos os garotos de certa jovem idade eram obrigados a comparecer, e o mesmo valia para os filhos dos fidalgos. Cada um deles vestia uma sotaina preta com um curto casaco vermelho de mangas até a metade do braço, e levava nas mãos uma lanterna segurada no fim de uma vara de cerca de seis ou sete pés de comprimento. A luz que isso produz (pois havia sempre 200 lanternas, no mínimo) é maior do que se pode imaginar. Eu mesmo, que a vi pelas janelas da cabine, chamei meus companheiros, imaginando que a cidade estava em chamas.

Além dessa religião ambulante, qualquer um que ande pelas ruas tem oportunidades suficientes para mostrar sua afeição a qualquer santo do calendário, pois em cada esquina ou enfrente de cada casa há um pequeno armário no qual um santo ou outro mora. E, por temerem não ver seus oratórios à noite, equipam tais com uma pequena lâmpada que fica em frente a uma janelinha de vidro. É comum rezar e cantar hinos para esses oratórios com toda a vociferação imaginável, o que se pode depreender

ao saber-se que eu e todos no navio ouvíamos tal barulho claramente toda noite, embora estivéssemos a uma milha e meia da cidade.

O governo desse lugar parece bem mais despótico que o de Portugal, embora, por outro lado, muitas precauções tenham sido tomadas em nome da metrópole. Os principais magistrados são o Vice-rei, o governador da cidade e um conselho, cujo número de componentes não sei, mas ouvi dizer que o voto de Minerva é do Vice-rei. Sem o consentimento desse conselho, nada deve ser feito. Ainda assim, os dias mostram que o Vice-rei e o governador, pelo menos, se não todo o resto, fazem as coisas mais injustas sem consultar ninguém. Por exemplo: colocar um homem na prisão sem dar-lhe ouvidos e lá mantê-lo até que ele se conforme de qualquer maneira a sair sem perguntar o motivo pelo qual fora preso, ou, na melhor das hipóteses, mandá-lo para Lisboa pra lá ser posto à prova sem deixar que sua família saiba seu destino, como é muito comum. Nós vivenciamos tal situação aqui, pois cada um que nos serviu como intérprete ou nos ajudou a comprar provisões foi posto na prisão meramente, suponho, para mostrar-nos seu poder. Devo, porém, excluir disso um John Burrith, um oficial com a vestimenta deles, um homem que esteve aqui por trinta anos e se tornou tão português que é conhecido por nada menos que *Don John*. Ele estava a nosso serviço, mas seus atos eram tão cheios de um medo suspeito de ofender os portugueses que nos pareciam repugnantes. É necessário que cada um que venha aqui conheça seu caráter, que é mercenário, satisfeito com pouco, todavia, como o presente a ele dado demonstrou: consistia de uma dúzia de cervejas, dez galões de conhaque, dez pedaços de bife de bordo e a mesma quantidade de carne de porco. Isso foi o que ele mesmo pediu, enviou a bordo um barrilhete para aguardentes e com isso ficou mais que contente.

Eles têm um método muito singular de evitar que as pessoas façam viagens: impedi-las, suponho, de ir a qualquer distrito onde haja ouro ou diamantes, pois há mais

desses distritos do que eles podem guardar. Há certos limites além dos quais nenhum homem deve ir; eles variam todo mês ao arbítrio do Vice-rei: às vezes a poucas léguas da cidade, às vezes a muitas. Todo homem deve, em consequência disso, ir à cidade para saber onde tais limites estão, pois, se ele for pego pelos guardas, que constantemente patrulham esses limites, será sem sombra de dúvida preso, mesmo se for um dos guardas, a menos que ele possa dizer onde [os limites] estão.

Os habitantes são muito numerosos. São portugueses, negros, índios, aborígenes da região. O município do Rio, cuja extensão não pude saber, mas soube que era apenas uma parte pequena da *capitanea*, ou província, contem, diz-se, cerca de 37 mil brancos e em média 17 negros p/ cada branco, o que faz com que seu número seja no total 666 mil. Quanto aos índios, esses não vivem nesses arredores, embora muitos deles estejam sempre aqui fazendo o trabalho do rei, o que são obrigados a fazer em rodízio, por pouco dinheiro, proposta pela qual eles vieram de suas habitações longínquas. Vi muitos deles, pois os próprios remavam nosso navio-guarda. Eles têm uma leve cor de cobre e longos cabelos lânguidos e negros. Não soube nada sobre seu bom-senso ou maneira de viver em casa.

Aqui, o exército é formado por doze regimentos de soldados de linha, seis portugueses e seis crioulos, e pela mesma quantidade de milícia provinciana, que pode ser reunida ocasionalmente. Os habitantes mostram grande controvérsia para com os soldados de linha, pois, como o Sr. Foster me contou, se alguém não tirasse o chapéu ao encontrar um oficial, seria imediatamente agredido, costume que as pessoas notavelmente polidas passaram a usar com estrangeiros de aparência fidalga. Todos os oficiais desses regimentos devem comparecer três vezes por dia à *Sala*, ou recepção do Vice-rei, onde eles formalmente pedem comandos e recebem freqüentemente a mesma

resposta: “não há nada novo”. A razão dessa política, conforme me contaram, é prevenir a ida deles ao interior, e é muito eficaz.

Assassinatos são mais freqüentes aqui, eu imagino, do que em Lisboa, já que as igrejas assumem sobre si a responsabilidade de dar proteção aos criminosos. Um infortúnio desse tipo aconteceu diante dos olhos do S. Evans, nosso timoneiro, um homem em quem posso confiar. Ele viu duas pessoas juntas conversando, aparentemente de forma amigável, quando um repentinamente sacou uma faca, esfaqueou o outro duas vezes e fugiu perseguido por alguns negros que também viram o ato. Não sei que evento se seguiu a esse.

Do país eu sei um pouco mais que da cidade, já que estive em terra um dia inteiro. Vi então terras limpas, mas em grande parte de qualidade indiferente, embora haja sem dúvida muitas deveras boas, como o açúcar e o tabaco mandados para a Europa daqui claramente comprovam. Mas tudo o que vi era empregado em pasto, algo que eles têm em larga escala, ainda que suas pastagens sejam as piores que já vi devido à pequenez da grama. Conseqüentemente, a carne vendida no mercado, ainda que bem barata, é tão magra que um inglês mal a pode comer. Eu vi, de certo modo, grandes plantações de *Jatropha Manihot*, que chamada nas Índias Ocidentais de *Cassada* e aqui *Farinha de Pao*, ou *wooden meal*⁹, um nome muito apropriado, pois as massas que eles fazem com isso têm gosto de algo feito com serragem. Ainda assim, esse é o único pão comido aqui, pois pão europeu é vendido por cerca de um *shilling* por *pound*¹⁰ e é bem ruim por conta da farinha, que geralmente esquentam ao vir da Europa.

A região produz muito mais artigos, mas como não os vi, nem ouvi a seu respeito, não os vou considerar, embora o lugar seja capaz de produzir o que quer que as nossas ilhas

⁹“Farinha de madeira”

¹⁰ Medida de peso equivalente a 453,59g.

das Índias Ocidentais produzam. Apesar disso, eles não têm nem café, nem chocolate, mas importam ambos de Lisboa.

Não posso, porém, deixar de falar de suas frutas. As que estavam em época durante nossa estada eram abacaxis, melões, melancias, laranjas, limas, limões, limões doces, cidras, bananas-da-terra e outras bananas, mangas, abricós, cajus e castanhas, *Jambosa*¹¹, um outro tipo que dá uma frutinha preta, cacaus, dois tipos de coco e bagas. Sobre esses frutos, devo separadamente dar minha opinião, já que, sem dúvida, parecerá estranha a alguns a afirmação de que eu tenha comido muitos deles, especialmente abacaxis, melhores na Inglaterra que qualquer outro com o qual me deparei. Começo então com esses, já que essa foi a fruta sobre a qual tive as melhores expectativas, por ser, acredito, natural dessa região, apesar de nunca ter visto ou ouvido dizer que nasciam nesses arredores. São cultivados do mesmo modo como cultivamos repolhos na Europa, mas com menos cuidado, sendo as plantas colocadas entre bases feitas a partir de quaisquer materiais de jardinagem, e sofrem as conseqüências disso: seu preço fica raramente acima de um *vintain*, geralmente abaixo disso, o que equivale a três *halfpence*.

Dr. Solander e eu concordamos que todos os frutos que comemos eram bem inferiores aos que comemos na Inglaterra. Mesmo que sejam em geral mais doces e suculentos, não têm sabor, são como açúcar derretido em água. Seus melões são ainda piores, a julgar pelo único espécime que tínhamos, que era completamente farinhoso e insípido. Suas melancias, no entanto, são muito boas, pois têm um pouco sabor ou, ao menos, um certo grau de acidez que as nossas não têm. As laranjas são grandes e muito suculentas e nos pareceram boas, sem dúvida melhores do qualquer alguma que tenhamos provado em casa, mas Itália e Portugal provavelmente produzem laranjas tão

¹¹ *Eugenia jambos*, Linn. (N. A.)

boas quanto essas; estivemos lá em sua melhor época. Os limões e as limas são como os nossos; limões doces são adocicados e sem sabor. As cidras têm um leve gosto enjoativo: do contrário, teríamos gostado delas. As mangas não estavam em bom estado, mas prometiam ser uma fruta muito refinada. Tinham mais ou menos o tamanho de um pêssego, com um gosto fabuloso, mas a que tínhamos estava estragada, pois tinha um gosto de aguarrás, o qual, pelo que sei, a fruta madura não tem. As bananas têm tamanho e formato de pequena salsicha compacta, envoltas em uma casca amarela grossa que, ao ser descascada, revela uma fruta tão consistente quanto a mistura de farinha e manteiga, um pouco enlodada, porém. Seu gosto é doce e tem um leve perfume. O *acajou* ou *casshew*¹² tem o formato de uma maçã, mas maior. Seu gosto é desagradável, pois um tanto ácido e amargo: uma castanha cresce na parte de cima da fruta. A banana-da-terra diferencia-se [da banana] por ser mais longa, mais fina e menos deliciosa. Ambas as frutas pareceram ruins à maior parte dos nossos, mas depois de algumas, fiquei afeiçoado por elas. Os abricós são maiores que uma maçã verde inglesa e têm uma casca de um amarelo intenso: a poupa é bem insípida, ou até ruim, e repleta de sementinhas redondas cobertas por uma grossa mucilagem que entope a boca. *Jambosa* é a mesma que vi em Madeira, uma fruta feita mais para o cheiro que para o gosto. A de outro tipo é pequena e preta e seu gosto lembra muito nossas uvas-do-monte inglesas. O cacau é tão bem conhecido na Inglaterra que preciso apenas dizer que experimentei alguns tão bons lá quanto qualquer um daqui. Os cocos são geralmente de dois tipos: um longo com forma de tâmara, o outro, redondo. Ambos são torrados, o que torna suas sementes comestíveis e, mesmo assim, não são tão bons quanto cacau. As bagas parecem muito com uvas negras. São o fruto do *Bactris minor*, mas mal têm polpa, e não têm nada além de uma leve acidez para serem recomendadas. Há também

¹² Caju. (N. T.)

os frutos de várias espécies de pêra espinhosa, muito insípidos, e um pêssego também se revelou muito ruim.

Embora esse região devesse produzir muitos remédios de grande valor, não achamos nenhum nas farmácias além do *Pareira Brava* e *Balsam Capivi*, ambos de boa qualidade, os quais compramos por preços muito baratos. Eu suponho que o comércio de drogas seja em grande parte levado para o norte e consiste de madeiras para fazer corante, ao menos não ouvimos algo a respeito.

Das manufaturas, não sei de nenhuma produzida aqui além de redes de algodão, dentro das quais as pessoas são levadas, como nós fazemos com liteiras. Essas redes são feitas principalmente pelos índios. Mas as principais riquezas da região vêm das minas, que se situam bem ao norte. De fato, ninguém me disse a distância, pois a localização delas é encoberta com muito cuidado e tropas eram costumeiramente empregadas na guarda dos caminhos que a elas levam. Desse modo, é quase impossível para qualquer um conseguir, ao menos, vê-las, exceto para aqueles que estão lá empregados. Ninguém sequer tentaria isso por curiosidade, pois quem quer que seja achado na estrada sem modos de dar uma boa explicação para estar ali é imediatamente enforcado¹³. Sem dúvida, uma enorme quantidade de ouro vem dessas minas, mas é comprado com um grande custo de vidas. 40 mil negros são anualmente importados com o consentimento do rei por esta razão. Ainda assim, no ano retrasado eles morreram tão rápido que foram trazidos mais 20 mil para a cidade do Rio.

Aqui, acha-se também pedras preciosas em grande quantidade, tão grande que eles não permitem que se colete mais do que uma determinada quantidade por ano. Um grupo é enviado à região onde elas são achadas, tendo ordem para voltar quando atingirem a quantidade estipulada, o que às vezes fazem em um mês mais ou menos.

¹³ É curiosa a observação de Banks, que diz anteriormente que quem fosse encontrado nessas circunstâncias era preso. (N. T.)

Eles voltam então e, depois disso, a morte é certa para quem for encontrado na região sob qualquer pretexto até o ano seguinte. Diamantes, topázios de várias qualidades diferentes e ametistas são as pedras normalmente mais achadas. Da primeira não vi nenhuma, mas soube que o Vice-rei detém grandes quantidades dela e que as venderia sob ciência do Rei de Portugal. Nesse caso, porém, não seriam de modo algum mais baratas do que as da Europa. Comprei alguns espécimes de topázios e ametistas. Desses, os primeiros eram divididos em tipos de valores bem diferentes, chamados aqui *pinga d'agua qualidade premeiro e segundo e chrystallos ormerillos*. Foram vendidos grandes e pequenos ou bons e ruins todos juntos, por oitavas, ou a oitava parte de uma onça. O primeiro tipo por *4s. 9d.*, o segundo por *2s. 4d.*, o terceiro por *3d.*, mas era necessário um grande contrabando para obtê-los.

Anteriormente havia aqui joalheiros que cortavam pedras, mas há cerca de quatorze meses chegaram ordens do Rei de Portugal de não mais trabalhar pedras aqui sem o seu consentimento. Os joalheiros foram obrigados a dar todas as suas ferramentas ao Vice-rei e desde então não podem fazer nada para seu sustento. Há, contudo, um certo número de escravos que cortam pedras para o Rei de Portugal.

A moeda corrente aqui é a mesma de Portugal, especialmente “pedaços” de 36 *shilling* ou moeda feita aqui, que é muito rebaixada, particularmente a prata. Essas são chamadas *petacks*¹⁴, das quais há dois tipos, uma de menor valor que a outra, facilmente distinguíveis pelo número de *reis*¹⁵ nelas marcados, mas são pouco usadas. Eles também têm moedas de cobre como as de Portugal de cinco ou dez *rey*¹⁶. Duas dessa última valem três *halfpence*; quarenta *petacks* valem trinta e seis *shillings*.

O porto do Rio de Janeiro é certamente muito bom: a entrada não é larga, mas a brisa do mar, que sopra a cada manhã, torna fácil a entrada de qualquer navio e, quando

¹⁴ Patacas.

¹⁵ Réis

¹⁶ Idem.

se emparelha com a cidade, a brisa aumenta prodigiosamente, de modo que quase qualquer navio pode ancorar em águas de cinco ou seis *fathoms* com fundo lodoso. O porto é defendido por várias construções, especialmente a entrada, onde ele é estreito e onde se localiza a fortificação mais forte, Santa Cruz, e outra do lado oposto. Há também uma plataforma que reúne cerca de vinte e duas armas bem abaixo do Pão de Açúcar na orla marítima que parece, por sua vez, inteiramente pensada para impedir o desembarque de um inimigo em uma baixada de areia, pela qual há uma passagem para a parte de trás da cidade. Esta parte está completamente sem defesa, exceto pelo fato de toda a cidade estar exposta às armas da cidadela, São Sebastião, como eu disse antes. Entre Santa Cruz e a cidade há várias pequenas baterias de cinco ou dez armas e uma razoavelmente grande, uma chamada *Berga Leon*. Imediatamente antes da cidade está a *Ilhoa dos Cobras*, uma ilha fortificada por todos os lados que parece incapaz de fazer grande dano devido ao seu tamanho imenso. Ela ao menos demandaria mais homens para defendê-la, ainda que mal, em caso de um ataque, o que se poderia possivelmente ignorar em uma cidade totalmente sem linhas ou defesa ao seu redor. Santa Cruz, a principal fortificação deles, na qual eles mais confiam, parece bastante incapaz de oferecer alguma grande resistência se atacada com astúcia por navios. É um forte de pedra, repleto de armas, é verdade, mas elas ficam fileira sobre fileira, e estão conseqüentemente muito expostas ao ataque de um navio que possa lançar mão de toas, ou menos. Além disso, eles não têm fonte de água além de uma cisterna na qual é retida a água da chuva ou em que, em tempos de seca, se põe água da região adjacente. Eles foram obrigados a construir essa cisterna abaixo do chão por medo de que a água ficasse contaminada pelo calor o clima, o que o acesso livre do ar previne. Conseqüentemente, um tiro fortuito quebraria a cisterna e os defensores estariam reduzidos às necessidades vitais.

Uma pessoa que certamente entende a respeito me disse, e acredito que esteja certo, que um pouco para o sul, logo além da parte sul do porto, havia uma baixada na qual barcos poderiam desembarcar com toda facilidade, sem obstruções, já que não há atividades por lá; dessa baixada não se caminha mais que três horas até a cidade, na parte de trás, tão desprovida de defesa quanto o local de desembarque. Mas isso me parece incrível. Ainda assim, estou inclinado a acreditar nessas pessoas, cuja política consiste em impedir o máximo possível que outros observem-nos. Por isso, pode ser que, como meu informante me disse, a existência dessa baixada tenha sido tardia. De fato, se não fosse por essa política, eu poderia acreditar em qualquer coisa de sua estupidez e ignorância. Como um exemplo disso, o governador da cidade, Brigadeiro-General Don Pedro de Mendoza y Furtado, perguntou ao capitão de nosso navio se o trânsito de Vênus, que íamos observar, não era a passagem da estrela do norte para o Pólo Sul, como ele disse ter sempre entendido.

O rio, e de fato toda a costa, abunda na maior variedade de peixes que eu já vi; eram raros os dias em que não tínhamos uma ou duas novas espécies trazidas até nós. Na verdade, a baía é o lugar mais conveniente à pesca que já vi, pois ela é repleta de ilhas entre as quais há água rasa e praias apropriadas para lançar a rede de arrasto. Não só a baía, mas também o mar é repleto de golfinhos e grandes cavalas de vários tipos que prontamente mordem os anzóis que habitantes jogam de seus barcos, com essa intenção. Resumindo, a região é capaz, com muito pouca indústria, de produzir um suprimento infindável, tanto de necessidades quanto de luxos. Se a baía estivesse na mão dos ingleses, veríamos logo a consequência disso, já que as coisas são tão abundantes mesmo sob direção dos portugueses, que eu tomo, sem exceção, pela raça mais preguiçosa e ignorante do mundo.

O clima aqui é, suponho, muito bom. Durante toda nossa estada, o termômetro nunca esteve acima 83^{o17}, mas tínhamos freqüência de chuvas e uma vez ventou muito forte. Estou inclinado a acreditar que essa região tem mais chuvas que as demais de mesma latitude no norte parecem ter não só pelo ocorrido durante nossa curta estada, mas por Marcgrav, que nos dá observações meteorológicas feitas ao longo de três anos acerca desse clima. Parece que chovia por aqui quase todo dia do ano, mas especialmente em maio e junho, quando chovia praticamente sem parar.¹⁸

¹⁷ 83°F equivalem a cerca de 28°C.

¹⁸ No manuscrito, segue-se aqui uma lista de 316 plantas coletadas por Banks nas redondezas do Rio de Janeiro. (N. do E.)

George Barrington. *A Voyage to New South Wales*. Londres, 1795. Capítulo III.

Ao completarem os navios seu reabastecimento de água potável, o sinal foi dado para que cada pessoa pertencente à esquadra retornasse a bordo de suas respectivas naus e, na manhã seguinte, para levantar âncora: com uma brisa agradável, logo perdemos a costa de vista. Dirigimo-nos para o sudoeste até chegarmos ao meridiano de *St. Jago*, ponto no qual determinamos nosso curso com a intenção de ancorar na baía de *Port au Prayo*¹⁹, mas quando chegamos fomos surpreendidos por uma brisa que soprava em nossa direção, de modo que pensamos que a tentativa de adentrar a baía seria muito arriscada e nos faria perder muito tempo e, por conta disso, foi determinado que desistíssemos da idéia e um sinal foi feito nesse sentido. Mudamos então nosso curso para o sul e, ao cruzarmos a linha do Equador, a prática de passar rente e afocinhar fora pontualmente vivenciada: ao meio dia, uma voz rouca saudou o navio, como que vinda do mar, dizendo “*Ho! O navio! Ho!*”, cuja resposta foi a designação de um navio para esse fim; “*Olá! Que navio é esse?*”, “*O Albermarle*”, “*Eu não lembro de ele ter passado por aqui antes. Irei a bordo para examiná-lo*”. Meia dúzia das figuras mais grotescas entrou no navio, como que vindas do seio das profundezas; tendo lançado uma rede na proa para subirem. Com muita propriedade andaram pelo tombadilho superior: as principais personagens eram Netuno e Anfitrite, seguidos por suas ninfas e nereidas, encarnados pelos marujos mais velhos do navio. Estavam tão desfigurados com ocre vermelho, batas e perucas feitas de mialhar emaranhado, que era difícil identificar suas fisionomias. Após receberem do capitão o pedágio, que consistia de meio galão de bebida alcoólica e 2 *Pound* de açúcar²⁰, por ter sido essa a primeira vez que cruzamos a linha, eles interrogaram todas as pessoas no convés. Quando quem quer

¹⁹ Também citado como *Port Praya*. Trata-se do porto da Ilha de *St. Jago*, uma das ilhas do Cabo Verde.

²⁰ Dois *Pound* de açúcar equivalem a cerca de 908 gramas.

que fosse dissesse que já tinha, ou não, feito tal travessia anteriormente, Sua Majestade das águas, com muita categoria, dizia a um de seus ajudantes, que carregava um grande livro: *“Olhe se você tem esse cavalheiro catalogado no meu livro.”*; caso a resposta fosse negativa, pedia-se então o rum e o açúcar com insistência. Ao chegar a minha vez, meu amigo, o capitão, quis que minha cota fosse a ele atribuída. Ao terminarem no tombadilho superior, passaram ao exame de seus próprios companheiros após terem-se preparado para a cerimônia para tratar daqueles que não puderam pagar com uma visita ao porão de Netuno. Para tanto, amarraram um cordame na lais de verga principal com uma alçaprema²¹ de ferro na ponta para assento. A única exibição foi com a pessoa do cozinheiro que, por não estar disposto a uma conciliação, atraiu o rancor dos visitantes; já que ele se recusou imperiosamente a pagar, embora pudesse, o puseram na alçaprema e colocaram o cordame da verga entre suas pernas e amarram para evitar que caísse. Eles então o suspenderam e, seguindo-o até a verga, mergulharam o pobre diabo da altura de quase 50 pés na água, o que fizeram três vezes. Quando o trouxeram a bordo ele estava tão exausto que se pensou que sua vida estava em perigo, o que pôs um fim a tal evento. Assim, os outros rebeldes foram perdoados após uma barbeação feita por Netuno e seus assistentes: a tripulação estava sentada em um pedaço de tábua colocada perpendicularmente em um grande barco de remo; a navalha era parte de um aro de ferro e o sabão não era o fino Windsor, mas uma composição à base de piche, sebo e mais toda sujeira que pudessem juntar. A desagradabilidade desse ato de pura angústia, lembrando que a mão do barbeador não era das mais leves, faz com que a vítima queira desesperadamente sair dali, o que faz com que a tábua sobre a qual ela está sentada ceda e o pobre coitado é inesperadamente imerso, cabeça e orelhas, na água acumulada no fundo da embarcação. Os destinados a isso são mantidos reféns, de modo que não fazem

²¹ Trata-se de uma espécie de alavanca em forma de pino, geralmente usada como apoio.

idéia do que os espera, mas, quando a terrível experiência passa, eles já não pensam mais nisso e procuram entrar na brincadeira. A multa os fez tão alegres quanto folgazões e o dia acabou com danças e cantorias no castelo de proa; todos, exceto o cozinheiro, esqueceram suas humilhações e se juntaram à noite sociável.

Uma brisa bastante favorável nos levou gentilmente até pelo mar até que chegamos em *Cape Frio*: à meia noite tínhamos visto *Cape*, que é uma ilha pequena, a 2 ou 3 milhas do continente. Tivemos pouco vento e um tempo variante entre o *Cape* e *Rio Janiero*, um percurso de 50 ou 60 milhas. Um sopro de vento do mar nos levou às ilhas, momento no qual ancoramos na boca do porto. Na manhã seguinte, o representante foi à costa para apresentar seus respeitos ao Vice-rei e à tarde levantamos âncora e adentramos o porto; quando passamos pelo forte, os saudamos com 13 armas, o que responderam com 11 (não éramos homens de função de guerra), e ancoramos à borda da cidade. Os navios estavam em geral bem, havendo perdido poucos de seus reclusos: na nossa passagem de *Teneriffe*²² para esse lugar perdemos apenas quatro homens e uma mulher, o que é número insignificante, considerando o estado de confinamento, mudança de clima e o lado nocivo de viver tanto tempo apenas com provisões conservadas em sal. Carne fresca e vegetais foram logo trazidos da costa quando ancoramos e vários barcos populares, cheios de abacaxis, bananas, laranjas e toda espécie de fruta tropical, vieram até nós e os tripulantes se serviram delas. Eram tantas frutas que o gasto de distribuir algumas a cada indivíduo toda manhã não era considerado.

O porto é muito espaçoso e dará conta de praticamente qualquer número de navios, e nele se pode navegar sem medo de tempo ruim. A Cidade de *Saint Sebastian* é razoavelmente grande e construída regularmente, mas localizada em solo baixo e

²² Uma das Ilhas Canárias.

pantanosos, cercada de altos morros, o que faz com que a seja privada das baixas do mar e do continente, de modo que os meses de verão são insuportavelmente quentes e, claro, bastante danosos à saúde. Algumas poucas ruas são bem largas, mas em geral são estreitas demais; a praça em frente ao ponto de desembarque do porto é espaçosa, e ao seu lado sul fica o palácio do Vice-rei, uma belíssima construção de pedra, cujo interior, diz-se, é decorado com riqueza. O interior das igrejas é decorado com a maior abundância, e a maior parte delas tem um excelente órgão e boas pinturas em diferentes altares.

Aqui, mecânicos e comerciantes têm seus negócios em partes distintas da cidade, sendo algumas ruas em particular apropriadas para fins de comércio: aqui você achará toda uma rua de armeiros, outra de alfaiates e uma terceira de carpinteiros etc.

Os numerosos fortes e baterias que cercam *Saint Sebastian* dão-lhe um ar de força, mas se um inimigo tomar a ilha de *Cobres*, que é muito próxima da cidade, contemplando-a, com a ajuda de alguns navios grandes a obrigaria a capitular.

Os produtos e exportações de *Rio Janeiro* são ouro, açúcar, arroz, café e grande parte dos remédios de valor: levamos uma coleção de sementes e algumas mudas de pés de tamarindo, banana, laranja, limão e goiaba para tentar cultivá-los no solo de *New South Wales*²³.

²³ Nova Gales do Sul, na atual Austrália.

John Barrow. *A Voyage To Conchinchina, In The Years 1792 And 1793*. London: Printed for T. Cadell and W. Davies in the Strand, 1806. Chapters IV (*Rio de Janeiro*) and V (*The Brazils*). Referência: *Obras Raras*, 51,3,12

A ilha de Santiago, no estado lastimável em que a achamos no ano de 1792, detendo pouco mais que umas poucas frutas e uma escassa fonte de água barrenta, não tornou possível a extensão de nossa estada para além do tempo que era absolutamente necessário para nos prepararmos para a continuação da viagem. Assim sendo, levantamos âncora em 7 de outubro e, em direção sudoeste com um enérgico vento alísio, apenas tangemos o limite sul do Mar do Sargasso (ou “mar das algas daninhas”) dos portugueses, às vezes chamado de *Grassy Sea*²⁴. Nós então vimos somente umas poucas plantas dispersas; mas na viagem de volta, ao nos distanciarmos para o oeste, a superfície do mar esteve por vários dias literalmente coberta por elas. A amplitude dessa superfície varia de acordo com a força e a direção dos ventos prevalecentes e das correntes; mas o que pode ser corretamente chamado de “Mar Gramado” está compreendido entre o 18° e o 32° paralelos da latitude norte e entre o 25° e o 40° meridianos da longitude oeste. A opinião comum, segundo a qual as miríades de plantas flutuando nessa extensão se soltam das costas do Golfo do México e são sopradas pela corrente que dele sai em direção norte, pareceria ser um daqueles erros vulgares que obteve aceitação geral por consentimento gratuito. Se essa espécie de fuco fosse original do golfo, o que eu não sou competente para decidir, seria sem dúvida achada nos bancos de Newfoundland e na costa da América do Norte, na direção em que a corrente flui, e não no Mar do Sargasso, uma situação a qual não se chega por meio de vento ou corrente alguns. Na verdade, a planta não tem raízes nem nenhum tipo de fibrila que indique que ela em algum momento esteve afixada em rochas ou costas, mas sua haste

²⁴ “Mar gramado”.

central, enterrada bem no meio de seus ramos folhosos, torna suficientemente evidente o fato de que ela se reproduziu assexuadamente enquanto flutuava na superfície da profundidade imensurável. Algumas plantas têm muitos pés de diâmetro, outras, apenas algumas polegadas; todas aparecem em estado de crescimento; as bagas globosas são verdes em algumas plantas, em outras, vermelhas. Se retirada da água a planta se torna flácida e, no curso de vinte e quatro horas, fica marrom ou preta.

Ao retornar para casa, o passageiro curioso não pode deixar de ter grande divertimento ao examinar as “moitas” de fuco quando passa pela área do Sargasso. O naturalista achará em cada planta uma variedade de insetos marinhos e minhocas, alguns com revestimento testáceo, outros nus. Um pequenino siri, lindamente manchado, parece ser o soberano e o castigo desses pequenos mundo flutuantes, devorando e rasgando em pedaços com suas garras as minhocas macias e gelatinosas, até mesmo depois que a planta é levada para fora de seu meio.

Nós fomos afortunados o suficiente para ultrapassar a linha sem experimentar nenhuma daquelas calmarias frustrantes ou tormentas, coisas que ocorrem com freqüência nessa parte do globo, e, no dia 29 do mês mencionado acima, avistamos o ponto da América do Sul chamado *Cape Frio*. Tendo dobrado esse alto promontório no curso da noite, entramos, no dia seguinte, no magnífico porto do Rio de Janeiro.

Embora eu deva me esforçar para esboçar uma noção geral dos atributos dessa parte da costa brasileira, estou plenamente consciente de que qualquer descrição que eu possa empregar transmitirá uma idéia inadequada da grandiosidade e da beleza da região àqueles que nunca tiveram a oportunidade de vê-la. O primeiro objeto notável que prende a atenção depois de passar por *Cape Frio* é um hiato, ou fenda, no cume verdejante das montanhas que beiram a costa. Tal abismo aparece, de uma certa distância, como um portal estreito entre duas faces de rocha sólida que, sendo

perfeitamente nuas, são as mais notáveis, já que toda outra parte proeminente do cume de montanhas é revestida com uma vegetação luxuosa. Ao se aproximar do abismo, que é na verdade a entrada do grandioso porto do Rio de Janeiro, a face da esquerda, ou lado oeste, é revelada como uma única pedra de forma cônica ou, na linguagem náutica, um *sugar-loaf*, inteiramente destacada, não completamente perpendicular, mas um pouco inclinada na direção da entrada. Durante nossa estada no Rio, nós tivemos a oportunidade de verificar sua altura por meio de uma linha, medida em uma praia arenosa que tange sua base próxima ao porto, e os ângulos que ela faz a partir da extremidade dessa linha. Partindo do resultado de nossa operação, pareceu que essa massa sólida de granito duro e cintilante tem 680 pés de altura acima da superfície que a orla. A face oposta, ou leste, do abismo é uma montanha pelada, composta do mesmo material, mas com uma diferença que consiste em uma suave inclinação regular da borda da água ao topo, que tem aproximadamente a mesma altura do cone. Todo esse lado é ocupado por fortes, linhas, e baterias, fato ao qual eu devo me referir no próximo capítulo.²⁵

Uma pequena ilha bastante fortificada, localizada logo na entrada, reduz a largura da passagem a cerca de $\frac{3}{4}$ de milha. Ao passar por esse canal, uma das mais magníficas cenas da natureza estoura diante do olho arrebatado. Imagine um imenso curso d'água adentrando o coração de uma linda terra à distância de cerca de trinta milhas, onde é contido por uma cadeia de elevadas montanhas, sempre majestosas, estejam seus cumes irregulares e disformes tingidos de azul-celeste e roxo ou celados nas nuvens. Imagine esse curso d'água se expandindo gradualmente do estreito portal através do qual se comunica com o mar, à largura de 12 ou 14 milhas, até se espalhar por toda parte com

²⁵ No original, escreve Barrow: [...]for an account of which I must refer the reader to the two plates in the following chapter. (fato ao qual eu devo orientar o leitor às duas gravuras no próximo capítulo). Na verdade, as citadas gravuras são mapas que ilustram melhor a descrição de Barrow, não disponíveis nessa tradução. (N.T.)

inúmeras ilhotas dispersas em sua superfície em grande diversidade de formas e exibindo toda variedade de matizes que uma vegetação exuberante e incessante é capaz de propiciar. Conceba as margens dessas ilhas com franjas feitas de lindos e perfumados arbustos que não foram plantados pelo homem, mas dispersos pela mão branda e livre da natureza; completamente escondidas por seu invólucro verdejante. Formule esse lindo curso d'água, com suas numerosas ilhas, abrangidas por todos os lados por montes de altura moderada, um ascendendo ao outro em uma sucessão gradual, todos profusamente vestidos com um verde vivo e coroados por grupos das mais nobres árvores, enquanto suas bordas são recortadas com um sem-número de enseadas, atirando seus braços pelos mais deliciosos vales ao encontro dos córregos murmurantes, transportando suas águas para dentro do mais vasto e notório reservatório de todos. Em resumo, ainda que se imagine uma sucessão do Monte Edgecombes ao longo da margem de um magnífico lago, cujo circuito não é menor que 100 milhas, em um clima onde a primavera eternamente reside em pleno ardor da juventude, ter-se-á apenas uma idéia muito imperfeita do magnífico cenário mostrado dentro do espaçoso porto do Rio de Janeiro que, como um porto, quer seja respeitado à luz da segurança que oferece ou da conveniência para a navegação, devido à localização de sua posição, quer pela fertilidade da região adjacente, pode ser, com justiça, colocado como a primeira das estações navais.

Se as belezas naturais do Rio são então, em seu presente estado, tão encantadoras, com quão mais intensidade devem tê-lo sido em um tempo em que este braço de mar era um lago de água pura e transparente? Que assim o foi, mal se pode duvidar. Sua antiga barreira tendo cedido à pressão da água no interior, as partes mais sólidas dos fragmentos, ao ser forçadas para dentro do mar, permanecem ainda como barra diante

da entrada do porto, na qual a profundidade da água não excede sete a dez *fathoms*²⁶, enquanto próximo à margem interior, bem como à exterior, a profundidade não é menor que dezoito *fathoms*. Parte da fundação, de fato, aparece em rochas pontiagudas sobre a superfície do mar, perto da extremidade ocidental da barra.

Se os portugueses do Rio fizeram pouco no sentido de aproveitar a natureza, têm ao menos direito ao nulo mérito de não tê-la desfigurado muito. O ponto onde se construiu a cidade é bem escolhido dentre um grande número de outros bons pontos que se apresentaram. As principais construções que foram erguidas, embora não elegantes, são ao menos livres de caprichos extravagantes e de modo algum mal decoradas para suas respectivas situações. Uma fortaleza, ainda que regular, está longe de ser um objeto desagradável da paisagem, mas quando suas linhas são estendidas sobre as desigualdades de um monte irregular, cujos lados tangem a floresta, ela freqüentemente se une para impor uma nada trivial porção de beleza pitoresca. Quase toda eminência no entorno da cidade do Rio é coroada com um castelo, ou um forte, uma igreja, ou um convento; e muitas das ilhas no expansivo porto são avivadas e ornamentadas por construções de natureza similar. Nenhuma das numerosas enseadas foi desgraçada por tais edifícios ridículos e grosseiros, as esquisitices de um gosto doentio, assim como distorcem e desfiguram aqueles anteriormente adoráveis pontos sobre o lindo lago de Keswick, e que são agora uma reprovação ao grandioso e sublime cenário que o cerca.

A cidade do Rio ou, para falar com devida dignidade da capital do Brasil, a cidade de São Sebastião está encantadoramente situada em um ressaltado promontório quadrangular de forma irregular, sendo três de seus lados opostos ao porto e o quarto protegido contra as prevalecentes rajadas do oeste por uma cadeia de altos montes bem cobertos com florestas. O lado da cidade que é próximo à parte do porto onde os barcos

²⁶ Unidade de medida linear equivalente a 6 pés.

normalmente ancoram tem cerca de uma milha e meia de comprimento, e a profundidade no interior, cerca de três-quartos de milha. O ângulo norte do promontório é uma íngreme eminência irregular, na qual há em uma ponta uma fortificação e na outra um convento de monges beneditinos que, por também ser cercado por linhas de defesa, parece na verdade, metaforicamente, uma igreja militante. Essas alturas comandam por completo a cidade e o ancoradouro e parecem fazê-lo também com o mais forte trabalho no porto, ao menos estão ao nível dele, no qual a defesa do lugar é pensada principalmente para pender. Essa é a Ilha das Cobras, ou *Snake Island*, um rocha de aproximadamente oitenta pés de altura no ponto em que a cidadela fica, inclinando-se a oito na extremidade oposta; tem 300 jardas de comprimento e é separada por um estreito, porém muito profundo, canal da eminência na qual o convento beneditino se situa. Ao redor de toda essa ilha bastante fortificada, e perto de sua costa, navios dos maiores destacamentos d'água podem ficar em perfeita segurança. Aqui há também uma ampla área das docas, um arsenal de suplemento naval, um fino casco e um cais para hastear e querenar navios. As frotas maiores, contudo, podem ancorar nesse espaçoso porto, totalmente fora do alcance de qualquer uma das armas que estão montadas nos fortes.

Ao desembarcar, o primeiro objeto na cidade que chama atenção é uma bonita praça, cercada por prédios em três de seus lados, estando o quarto aberto à água. Ao longo desse lado ergue-se um nobre cais de pedra, com passagens em cada extremidade e no centro, dos quais o último é o comum local de desembarque. Quando essa linha de alvenaria for estendida por todo o comprimento da cidade, o que se intencionava fazer, irá servir não só como mero ornamento e conveniência, mas uma notável defesa contra a tentativa de um inimigo de desembarcar. Perto da escadaria central, há um obelisco quadrangular lançando de cada uma das suas quatro faces um esguicho constante de

água pura e límpida para uso da parte mais baixa da cidade e dos navios no porto. O lado superior da praça, de frente para o porto, é inteiramente ocupado pelo palácio do Vice-rei, uma construção longa e plana, não notável pela elegância de seu desenho, nem particularidade de construção.

O palácio, o obelisco e o píer são todos construídos com blocos de granito cortados e a superfície da praça é de um chão sólido do mesmo material, espargido com areia quartzosa. Sendo o granito do tipo que contém uma grande proporção de mica cintilante, é altamente nocivo ao olho, cuja aptidão para agüentar os raios estonteantes do sol brincando durante todo o dia em um lado ou outro de tal área aberta é irrisória – fulgurando emblema das brilhantes façanhas da nação portuguesa em tempos atrás!

Ao efetivar um plano para uma conveniente e ampla fonte d'água para todas as partes da cidade, um artigo de primeira necessidade em toda situação, principalmente em um clima quente, o governo mostrou uma atenção louvável; e o nome de *Vasconcellas*, o Vice-rei sob cuja administração os trabalhos foram realizados, está devidamente registrado em uma inscrição latina apropriada, gravada em um dos lados do obelisco na grande praça. Todas as fontes retiram seus suprimentos d'água de um grande reservatório, que foi construído no topo de um monte bem acima da cidade. O reservatório é alimentado por meio de um aqueduto, erguido em arcos através de um recôndito vale, em cuja outra extremidade se recebe água de uma sucessão de juntouras, colocadas sobre uma cobertura de tijolo arqueada até as nascentes nas montanhas. Essa parte desse grande trabalho que atravessa o vale e se comunica diretamente com o reservatório parece ser tão desnecessária quanto deve ter sido cara; é sustentada em uma fila dupla de elevados arcos, compondo-se de mais de quarenta em cada fileira, e é um ornamento nada modesto para a cidade, como será facilmente percebido pelo exame apensado. Uma série de canos colocados ao longo ou abaixo da superfície teria

inquestionavelmente respondido a proposta de conduzir a água igualmente bem, mas, como Sir George Stauton observou justamente, *exibição e magnificência, assim como utilidade, são às vezes os objetivos do trabalho público*.

Outro objeto de utilidade, em prol da saúde e do divertimento do público, é o *Passeo Publico*, ou *garden for public promenade*²⁷. Esse pedaço de chão é coberto por arbustos, grama, passagens e *parterres*. Há abrigos feitos de folhagens espalhados, ao redor dos quais o jasmim, a clematite e a flor de maracujá se entrelaçam em seus ramos rasteiros. Nós observamos várias plantas nativas de grande beleza, mas um anseio veemente pareceu prevalecer: o de cultivar, de preferência, as da Europa, apesar de suas aparências doentes e diminutas, encolhidas em um clima tão inadequado a suas constituições. Mas o mais desprezível objeto no jardim era uma representação miserável da árvore do papaia em cobre, de tamanho natural e pintada de verde, enquanto a real planta, crescendo perto, ao lado disso, em toda a exuberância da vegetação tropical, ria de desprezo a seu falso irmão duro e deformado. Um largo terraço na extremidade mais baixa do fim do jardim, contemplando um braço do porto, proporciona uma vista deliciosa de suas elevadas bordas, que são por toda parte margeadas por arvoredos. Em cada extremidade do terraço há uma bem cuidada construção de praça, cujas paredes internas são cobertas por pinturas. Como espécimes de arte, não são merecedores de nota, mas os assuntos estão longe de serem desinteressantes. As vistas em uma dessas construções estão inteiramente restritas a destacar partes do porto, o teto é coberto com ornamentos feitos de concha e em volta das cornijas há representações de peixes próprios da região, trabalhadas em pequenas conchas. O teto da outra construção contém ornamentos similares feitos com penas e figuras de muitos dos pássaros nativos estão arranjadas ao redor da cornija, cada uma coberta com sua própria plumagem. Nas

²⁷ Aqui, Barrow apenas traduz para sua língua a expressão *Passeo Publico* como “jardim para passeio público”.

paredes da segunda há oito pinturas apresentadas como aquelas que foram consideradas como as oito mais importantes produções do Brasil. São elas:

1ª. *Uma vista das minas de diamante e ouro*, que foram primeiramente descobertas por volta do início do século XVIII, dentre as quais as mais produtivas estão em *Villa Rica*, cerca de 200 milhas atrás do Rio do Janeiro.

2ª. *Vista de uma plantação de açúcar e moinho para amolgar a cana*, um artigo não muito cultivado nos arredores do Rio, sendo considerada mais adequada àqueles distritos mais próximos ao equador. Os poucos moinhos que vimos aqui eram de construção rude, girados comumente por um par de pequenos cavalos, e as varas passadas entre três rolos de madeira; desse modo apareciam na pintura.

3ª. *A cultura e a preparação de índigo*. Embora essa planta cresça bem e prospere sem muita atenção, sendo simples a preparação da tintura e não requerendo grande força de trabalho, a pequena quantidade em que é produzida dificilmente a fará ser considerada como um importante artigo de comércio.

4ª. *Uma plantação do cacto “opúncia” com o modo de preparar “cochinilha” a partir do inseto*. Não há dúvidas de que esse artigo, tão valoroso nas artes e manufaturas, possa ser cultivado no Brasil a uma extensão tão grande quanto no México, visto que a quantidade expandida no presente momento é excessivamente leviana.

5ª. *As diferentes preparações de mandioca*. Essa planta é cultivada em grande parte para a subsistência dos escravos. O pão de mandioca, tão comum nas ilhas das Índias Ocidentais, e a substância vendida nas lojas de Londres sob o nome de tapioca são produtos das longas raízes tuberosas dessa planta; e dela eles fazem um pó branco

como neve. Ela é propagada a partir de mudas, e a raiz é raspada até virar pó por rodas cobertas por placas metálicas e dentadas.

6ª. *Vista de uma plantação de café.* O cultivo desse artigo pareceu estar em aumento; e não há dúvida de que a perda de São Domingo para a França irá contribuir imensamente para o incentivo de sua propagação no Brasil.

7ª. *Vista de uma plantação de arroz,* que, como o mais produtivo de todos os grãos, é abundantemente cultivado em todas as províncias do norte.

8ª. *Vista de uma plantação de cânhamo e sua manufatura em cordame.* Esse artigo é cultivado, em maior parte, dos distritos do sul próximos à ilha de *St. Catharine*, mas até aqui encontrou pouco incentivo.

Das outras produções igualmente ou mais importantes eu tratarei brevemente no próximo capítulo.

Há um outro jardim que pertence à coroa, que é quase completamente dedicado ao cultivo das espécies de cacto nas quais o inseto da cochinha se alimenta e à recepção de plantas nativas curiosas ou úteis. Mas nós as achamos bastante negligenciadas e a coleção, muito limitada, contendo poucas plantas nativas que ainda não foram cultivadas nas estufas da Inglaterra. O superintendente não tinha o mínimo conhecimento de botânica. As frutas comuns da região eram suficientemente abundantes, e a essas foram adicionadas algumas outras plantas, dentre as quais, conforme achei em minhas notas, eram diferentes espécies de *iúca*, *agave*, *eufórbia* e *cacto*; o "*Laurus Persea*", uma *mimosa*, uma espécie de *cássia* e o "*Theobroma Cacao*" ou árvore do chocolate; a "*Jartropha Curcas*" ou noz medicinal e a "*Ricinus Palma Christi*"; a pimenta comum, uma espécie de "*Capsicum*" ou pimenta-de-caiena e uma espécie de "*Physalis*" ou cereja de inverno. Várias belíssimas flores de maracujá e

diferentes espécies de convóculo estavam entre as plantas rasteiras. A Rinha de Portugal enviou um coletor de pássaros e insetos, mas ele detinha somente um muito limitado conhecimento de história natural, sendo um mero organizador. Em seu ramo, contudo, ele foi razoavelmente perfeito e obteve uma boa quantidade de lindíssimos e brilhantes espécimes.

Muitas das casas em São Sebastião estão longe de serem contemptíveis, têm no máximo dois andares, são cobertas com telhas e têm sacadas de madeira que se estendem na frente do andar superior; mas as melhores têm aquela aparência desluzida e melancólica que todas as construções, cujas janelas de treliça suprimem a carência de vidro, precisam necessariamente ter. As ruas em geral são razoavelmente retas, algumas de largura considerável, embora majoritariamente estreita. As principais são pavimentadas nos dois lados com extensas lajes de granito. Não se esperava encontrar a purificação de um pavimento, tão raramente encontrada fora da Inglaterra, em uma colônia estrangeira de Portugal. As lojas são grandes e espaçosas, geralmente bem abastecidas com as manufaturas da Europa, grande parte da Grã-Bretanha, que, depois de serem exibidas nas vitrines da capital e nas principais cidades e cidadelas do império até ficarem fora de moda, são enviadas a navio para as nações comerciantes do continente e delas para suas colônias estrangeiras. No catálogo de produtos exibido nas lojas do Rio de Janeiro, charlatanescos remédios ingleses e desenhos de caricaturas não eram os menos estimados, nem os menos abundantes.

A Cidade do Rio é tão extensa que contém, estima-se, pelo menos sessenta mil almas, incluindo escravos. Ainda assim, não há hospedaria, nem hotel, nem nenhum tipo de alojamento ou acomodação para receber os estrangeiros. Havia, de fato, um tipo de taverna à direita da grande praça, que tinha um francês por dono, um Monsieur Phillipe, que na chegada dos navios se dispunha a ficar na principal escada de

desembarque para oferecer seus serviços como agente, corretor, intérprete, médico charlatão, fornecedor de alimentos ou, resumindo, serviços relativos a qualquer outra habilidade pela qual estrangeiros possam estar dispostos a empregá-lo; e, ao perguntar sobre a natureza do serviço, esses estrangeiros podem estar certos de que não é preciso ficarem apreensivos por ofendê-lo, pois ele é um francês genuíno. Um alojamento é, contudo, parcamente necessário, já que esse governo fraco e talvez por consequência cioso é tão inóspito que não permite a permanência de nenhum estrangeiro na orla depois do pôr-do-sol e tão suspeitoso que nem mesmo consente que ele ande pelas ruas durante o dia sem um soldado em sua cola. Nesse respeito, a cautela deles parece ser tanto completamente desnecessária quanto bastante inconveniente, como a dos chineses. Antes do desembarque do Embaixador, Dr. G. e eu fomos à orla e, ao pisarmos fora do bote, fomos abordados pelo oficial em guarda, que solicitou que o seguíssemos até o palácio. “Digam, senhores, qual é a finalidade de seu desembarque?”, foi a primeira pergunta que nos foi feita. Nós respondemos: “Caçar borboletas.”, que realmente era o motivo. No entanto, para convencê-los de que éramos de boa fé e para evitar a aparência de leviandade ou impertinência, nós desembrulhamos nossas redes de escumilha, pinças e caixas, com o resto do aparato necessário a essa caça. Compreendendo a natureza dessa ocupação melhor que o trânsito de Vênus, que, como nos conta o Capitão Cooke, foi concebido pelo Vice-rei como a passagem da estrela do norte pelo pólo sul, eles pareceram satisfeitos nesse respeito e, em seguida, inquiriram-nos sobre nossas funções na embaixada. Respondida essa pergunta a contento, um oficial foi imediatamente designado a nos acompanhar. Nós atingimos os limites da cidade, onde miríades de lindos insetos estavam pairando no ar. Enxames de borboletas, particularmente uma espécie marcada com barras negras e amarelas, estavam flutuando de tal forma em volta das copas das árvores e do alto matagal, que em certos lugares eles preenchiam o ar

como o vôo do gafanhoto na África Meridional. Nossa busca se estendeu tanto, que o oficial, não tendo prazer algum na caçada, aproveitou uma oportunidade para escapulir-se e, para nossa enorme satisfação, nos deixar em completa liberdade para seguir com nosso divertimento. Foi alegado que a única razão para colocar guardas com todos os estrangeiros era protegê-los dos roubos e dos insultos promovidos pelos negros ou vagabundos que poderiam estar à espreita nas imediações da cidade. Mas, assim sendo, depois que a comitiva do Embaixador desembarcou, nós fomos de muitíssimo bom grado dispensados de tal proteção e tivemos o prazer de ver que os espões que nos seguiam haviam sido retirados.

A casa providenciada para o Embaixador era suficientemente grande, mas não muito limpa e, embora tenha sido representada como sendo completamente mobiliada, havia na verdade pouco nela além de algumas cadeiras toscas e antigas de madeira pesada, umas poucas mesas e estrados de madeira e caniço, pensados para montar uma cama, mas sem suportes nem cortina. Felizmente nós desembarcamos nossas próprias roupas de cama, feito que praticamente anulou a falta de conforto provocada pela pouca gentileza dos portugueses. Atrás de nosso domicílio, havia uma faixa de terra que fora outrora um jardim, mas que estava então em total estado de negligência, repleta de ervas-daninhas. A maioria das casas de melhor tipo em São Sebastião são anexas a pedaços de chão, onde se planta frutas, flores e arbustos perfumados.

Tivemos praticamente nenhuma razão para reclamar do clima do Rio durante nossa estada. Embora o sol estivesse aproximadamente no trópico sul enquanto estivemos nessa cidade, e conseqüentemente quase vertical, nós raramente sofremos alguma inconveniência devida ao calor ou fomos impedidos de praticar nossa quantidade normal de exercícios. A temperatura geral do ar durante o dia variava entre 76° e 84° Fahrenheit. As noites eram de longe as mais desagradáveis. Se tentássemos

andar ao ar livre, os morcegos ou os pirilampos (*Lampyrus*) ameaçavam o tempo todo se atirarem contra nossos rostos. Se permanecêssemos dentro de casa, escorpiões, centopéias e escolopendras rastejavam constantemente sobre o chão e um inseto incômodo, nojento, mas completamente inofensivo, uma espécie de grilo (*Gryllus Gryllotalpa*), saltava sobre os pratos para dentro dos copos durante o jantar. Mas de todos os tormentos que já vivi em qualquer parte do mundo nenhum pode ser pior do que aqueles produzidos pelas picadas dos mosquitos do Rio de Janeiro. Eu senti o veneno dos pequenos e pontudos bicos dos mosquitos em muitas partes do mundo, mas nunca sofri com sua virulência nada próximo ao grau de dor que sua picada causa nesse lugar. O intenso tormento que sofremos aqui não poderia se dever a um extraordinário grau de irritabilidade de um determinado corpo, já que toda a comitiva, sem ao menos uma exceção, padeceu da mesma dor. Os olhos, os lábios, a testa e as bochechas de cada indivíduo que dormiu na orla estavam inflamados e inchados de tal maneira que as faces estavam desfiguradas. Aqueles que tiveram a precaução de se guarnecer cortinas de rede, ainda que não sofram tanto quanto os outros, não estão inteiramente protegidos. Se um único mosquito, por acidente, se achasse dentro da rede, o zumbido perpétuo com o qual ele assolava a face e a expectativa constante de sentir sua picada eram tão irritantes e atrapalhavam de tal modo o sono tanto de quem estava dentro da rede quanto de quem se expunha ao ar livre.

Os enxames desses insetos e outros tipos de animais nocivos se devem mais à extrema imundície das pessoas do que ao calor do clima. Os andares térreos das casas são raramente varridos: eles servem como depósitos de lenha e madeira de construção e como alojamento para numerosos escravos. A mesma forma de limpeza é vista em suas vestimentas e em suas pessoas. Poucos, se alguém, estão livres de uma determinada desordem cutânea, que em nosso país é tida como efeito combinado de pobreza e

sujeira; muitos confirmaram lepra e a elefantíase é bastante comum. Grande parte de sua dieta consiste de peixe, frutas e vegetais, com o sempre presente prato de farinha de pão, ou farinha da raiz de mandioca. Toda sua comida substancial, o que quer que seja, é primeiro mergulhada em óleo ou banha e então passada nessa farinha. Depois disso, ela ganha forma de pequenas bolas na palma das mãos. Leite, manteiga ou queijo são raramente usados. Com máxima dificuldade conseguimos um pouco do primeiro para nosso chá, e era muito ruim. A carne bovina deles é magra e indiferente e quase não se vê carne de carneiro. Aves comestíveis e perus são vistos em abundância e são razoavelmente bons. O mercado é bem suprido com uma grande variedade de excelentes peixes. O pão, que é feito de farinha de trigo, produto das províncias do sul, é muito bom. As frutas em geral não são superadas em nenhum lugar do mundo.

Ao entrar em uma cidade ou em um grande vilarejo, a primeira pergunta de um viajante inquisitivo é sobre uma livraria. Um inglês, particularmente, está tão acostumado à conveniência de um guia impresso, aonde quer que ele vá em sua cidade, que é bem possível que ele se engane ao esperar que lhe ofereçam o mesmo tipo de informação no exterior. Depois de uma longa procura e muitas perguntas, nós finalmente descobrimos que havia duas livrarias em São Sebastião. Demoramos menos tempo para descobrir que elas não tinham nada que fosse de algum modo útil ou interessante para nós. Muitos volumes antigos de medicina e alquimia, ainda mais sobre história clerical e debates teológicos e uns poucos sobre as proezas da Casa de Bragança constavam em seus catálogos. Não havia nada que se referisse à região. Essa porção da América do Sul, uma das regiões mais férteis do globo, obteve parcamente das canetas portuguesas uma página de história natural, economia ou estatísticas além do que aparece nos relatos da conquista do Brasil. Um frei franciscano nos informou que há muito está juntando materiais para uma *Flora Fluminensis*, como ele a chamou,

aludindo ao nome do Rio, e que ele esperava em breve publicar. Eu ainda não ouvi, porém, que a *Flora* se fez aparecer. Um pequeno trabalho foi mais tarde publicado sobre a importância do comércio de Portugal e suas colônias por *Coutinho*, Bispo de *Fernambuco*, mas o pouco que nele há sobre o Brasil é de natureza muito geral e de forma alguma descritivo. De fato, alega-se que o governo está em posse, tanto nessa cidade quanto em São Salvador, de volumosos manuscritos que foram compilados pelos missionários jesuítas. Se for verdade, é mais que provável que haja um pouco mais que diários de suas transações e cópias de sua correspondência com seus superiores na Europa. Se a maior parte do tempo dos padres e monges do Rio, onde eles são muito numerosos, não fosse empregada em luxo e indolência ou em intromissão em assuntos privados e arranjos domésticos propriamente familiares, ou em circular de casa em casa contando os pequenos escândalos que eventualmente surgem, que excelente oportunidade esses homens teriam de favorecer o mundo com um registro descritivo de uma região tão interessante e, ainda assim, tão pouco conhecida!

A curiosidade dessas personagens sagradas para descobrir a natureza e o escopo da embaixada para a China era alvoroçada o suficiente para não requerer muita formalidade de apresentação de sua parte. Havia intercuro constante entre os conventos e nosso hotel. Quando sua curiosidade era satisfeita, sendo conservados os assuntos referentes a nós, os principais tópicos de sua conversa voltavam-se para o caráter teimoso dos índios nativos, de quem eles abusaram profusamente por não terem abraçado a cristandade (com os quais, aliás, eles usaram pequenos esforços para convertê-los), para relatos de grandes diamantes de tal e tal peso sendo achados nas minas, para os truques traiçoeiros dos escravos e, o que era o mais repreensível neles, para a disposição das senhoras de São Sebastião à libertinagem. A Sra. Abadessa de um convento não muito distante de nossas acomodações reclamou um dia com o Dr. G. de

estar sujeita a violentas dores de cabeça, para as quais ele prometeu dar a ela algumas pílulas. Na pressa do embarque ele confiou a caixa a um frei animado e gordo da Ordem de São Benedito, pedindo que ele aproveitasse uma oportunidade futura de entregá-la à abadessa. A curiosidade desse filho da igreja, tendo o melhor das boas maneiras, impeliu-o a abrir a caixa e, aproximando-a de seu nariz, observou ao doutor com um relevante olhar de soslaio: “*Aha, Domine, mercurialia! ista sunt mercurialia!*” Tendo o doutor expressado certo descontentamento misturado com pasmo, ele, supondo que a abadessa na primeira ocasião usaria o remédio para um propósito tal, insinuou: “A Sra. Abadessa e todas as senhoras do Rio *pronae sunt omnes ac deditae Veneri*”, e concluiu observando em termos inequívocos, que a maior parte delas estava padecendo dos efeitos malévolos oriundos do livre e espontâneo deleite de um intercurso promíscuo e libertino com estrangeiros. Em relação aos homens a censura fora ainda mais severa. Se essas observações sarcásticas do reverendo eram ou não verdadeiras, não eram mais indecorosas e inconvenientes do que o caráter de quem as fazia. Se não ímpio, é ao menos indigno de homem o ato de extrair, acobertado pela religião, uma confissão das falhas e faltas daquelas que nós, poderosos senhores da criação, gostamos de chamar de sexo frágil e expô-las ao ridículo, ao oblíquo e à difamação do mundo.

A familiaridade com a qual as senhoras do Rio estão propensas a usar com os estrangeiros pode, talvez, não ser muito compatível com nossas noções de decoro feminino. Eu estou, porém, longe de estar convencido de que isso tenha o tom de criminalidade que recebeu nas viagens mais importantes do Capitão Cooke. É um costume do Rio o fato de as senhoras terem contato com os estrangeiros lançando-lhes flores conforme eles passam pelas ruas. Que o jogar ou o trocar flores pelas damas do Rio é uma prática bem comum não se pode negar. Mas estou inclinado a acreditar, o que, contudo, não me obriga a responsabilidade de declarar positivamente, que essa

atitude origina-se mais de um costume que elas assimilam nos seminários quando jovens do que de qualquer razão imoral e que esse costume é passado adiante não só por hábito, mas também por um desejo de parecer amigável e sociável. Na grade do convento de Santa Clara, que alguns de nosso grupo visitaram diariamente, o costume de ofertar flores era tão comum, até mesmo com crianças de oito ou dez anos, que, depois de algumas visitas, ninguém cogitava visitar o lugar sem receber um ramalhete. Geralmente, havia uma porfia entre as mais moças com o fim de decidir qual delas chegaria primeiro à grade e entregaria sua flor, sempre com o cuidado de encostá-la em seus lábios e, após beijá-la, recebia outra flor em troca e também a beijava, retirando-se para fazer sala a outro. O costume nos pareceu muito inocente da parte das jovens e a abadessa era deveras insuspeita de algo indecoroso, a ponto de mais tarde encorajar tal atitude, aparentemente sem nenhuma outra intenção além da de contribuir com os poucos prazeres que o rigoroso confinamento de um convento admite. E como a maior parte das damas do Rio foram educadas em alguns desses conventos, pode-se facilmente imaginar que o divertimento favorito de sua infância, em uma região de poucas diversões, seria naturalmente lembrado com prazer em uma diferente, mas não muito maior, esfera da vida. Mulheres que, inclino-me a acreditar, em todos os países estão dispostas a serem mais sociáveis que o outro sexo e cujas disputas são muito mais benevolentes têm, em sua conduta, uma tarefa muito mais difícil a cumprir. Se são tímidas e reservadas, correm o risco de serem ditas afetadas; se abertas e ingênuas, diz-se delas outras coisas.

Em relação às mulheres do Rio de Janeiro, eu confesso que, apesar do preconceito que sobre elas pesa, nunca percebi em suas condutas algo que pudesse corroborar a opinião de que elas sejam mais libertinas, ou de que tendam mais ao imoral, do que as fêmeas de outros países. Também não acredito que seu bom humor, mostrado por

sorrirem, inclinarem a cabeça em cumprimento ou atirarem flores de suas sacadas a pedestres estrangeiros, possa franca e precisamente conotar algum significado particular ou deter uma explicação diferente do fato de ser esse um mero costume local, até mesmo porque vi repetidas vezes tal ato feito ao lado de pais ou maridos. Isso não é razão para as pesadas censuras que recebem. Não é muito justo determinar a disposição e o caráter moral de uma nação inteira a partir de ocorrências ocasionais em umas poucas horas de dia durante uma estada de uma semana. Quando o caráter do belo sexo está em questão, nos inclinamos ao lado favorável, mesmo porque, em qualquer lugar, a parte feminina da sociedade, particularmente do Rio, deve em grande parte suas qualidades boas e ruins à conduta dos homens.

As maneiras são tão diferentes em cada lugar e os costumes locais, tão extraordinários, que apenas observação ocular pode ser facilmente iludida. Na França, era costume comum dos cavalheiros beijar cada dama que encontrassem nas ruas no ano novo, e aquele que omitisse essa cerimônia seria considerado rude e descortês. Lembrome de, certa vez, ao passar pelas ruas de Liverpool na metade do dia, ter encontrado meia dúzia de moças de ar vívido que me pararam e, por suas maneiras, pareciam tender a me tocar um tanto grosseiramente. Eu logo descobri que um antigo costume ainda era observado nessa cidade, que garantia às damas o privilégio de agarrar qualquer cavalheiro que encontrassem nas ruas na terça-feira santa para levantá-lo e, se ele se recusasse a fazer algumas concessões demandadas, deixá-lo cair na sarjeta. E esse dia é significativamente chamado de *the lifting day*²⁸. Ora, se o comandante de um navio português estivesse por acaso andando pelas ruas de Liverpool pela primeira vez na terça-feira santa fosse tratado de maneira aqui descrita e mandado a bordo de seu navio logo depois, como os portugueses do Rio fazem com os estrangeiros ao pôr-do-sol,

²⁸ “Dia do levantamento”.

poder-se-ia prontamente imaginar que tipo de caráter ele daria às mulheres de Liverpool, que poderia ser, e certamente seria, não menos que errôneo e injusto.

Admito que as damas do Rio são muito vivazes e pouco reservadas, o que não é de se estranhar tanto. Elas passam o dia inteiro em casa em desanimado confinamento e raramente vêem um ser humano além de suas próprias famílias, exceto ao entardecer, quando aparecem em suas sacadas ou vão às vésperas. Nesses momentos elas podem ser comparadas a pássaros que escaparam da gaiola. Além disso, não duvido de que essa cidade detenha um grande número de mulheres virtuosas. E, de fato, se há algumas que, fingindo caráter virtuoso, são indiscretas e fazem avanços desagradáveis em estrangeiros, temo que essas tenham um bom motivo para estarem ligadas à abominável conduta dos homens, o que parece corroborar a acusação dos freis.

A maior parte das mulheres do Rio, devido ao confinamento e inatividade, tende a ser de mulheres corpulentas ainda jovens. Suas feições são geralmente pálidas, bastante descoloradas, mas elas têm quase invariavelmente cabelo escuro, olhos expressivos e bons dentes. Os longos e negros cabelos delas são normalmente amarrados em tranças com fitas brancas ou coloridas e adornados com pequenas coroas de flores que exalam um cheiro poderoso e agradável, como a *Plumeira*, a *Polianthes* ou tuberosa e jasmim.

As senhoras idosas, contudo, imitam o modo de vestir da Europa e cobrem suas cabeleiras negras com grande quantidade de óleo e farinha. Suas vestimentas em casa consistem de uma camisola de musselina fina ou calicó enfeitada com renda e com uma anágua de pregas, algumas vezes com meias, mas freqüentemente sem elas. Elas raramente andam nas ruas, mas são carregadas em liteiras sustentadas por escravos, da mesma maneira como os chineses as carregam com varas nos ombros. Os homens que têm acesso a isso passeiam normalmente em um deselegante tipo de cabriolé puxado por dois cavalos. Suas vestimentas são as mesmas das da Europa. Eles quase nunca

saem sem suas espadas e seus chapéus de bicos e um par de fivelas de ouro ou prata nos sapatos e nos joelhos, incrustados de diamantes de topázio brasileiro. Em geral, eles estão envoltos em uma grande capa, mesmo com o tempo mais quente.

Nós tivemos poucas oportunidades de julgar qual era o estado da sociedade de São Sebastião, mas, disso, pode-se ter uma idéia razoável a partir das outras colônias portuguesas. Diz-se que os habitantes vão às vezes em pequenos grupos ao *Passeo Publico*, onde eles jantam, caminham e admiram a música e os fogos de artifício até tarde à noite; mas durante nossa estada não vimos nada parecido. Diz-se também que bailes e concertos são dados ocasionalmente na casa do governador, mas o Vice-rei era considerado um homem fechado e avaro que não tinha outra intenção além da de acumular uma grande fortuna. Há uma espécie de casa de opera, mas ela foi fechada por um tempo devido à indisposição da rainha de Portugal. Nós fomos, por consequência, desventurados o suficiente para não participar de nenhuma de suas reuniões, divertimentos ou encontros. Os moradores do Rio são muito indolentes, muito ciumentos entre si e muito supersticiosos. O dia é dividido entre o sono e as formalidades, pois a desconfiança mútua é incompatível com os prazeres das relações sociais. De fato, nas mentes da maioria das pessoas não está suficientemente cultivado o sentimento de satisfação que pode vir desses encontros, pois é bem verdade, como observou um grande moralista, que *sem inteligência o homem não é social, mas apenas gregário*.

Como o objetivo declarado da conquista do Brasil era a conversão dos índios nativos à fé cristã, todas as igrejas e conventos são muito bem dotados, mas o que o zelo do clero representara outrora para esse objetivo perdeu-se devido à preferência dada à facilidade e ao luxo da vida monástica. Embora esses homens santos achem prudente manter uma aparência de devoção através de uma observância mais que regrada de

cerimônias, o que atinge diretamente os sentidos do vulgo, estão perdidos em suas próprias morais e falácias e pouco dispostos a impelir restrições aos laicos. Contudo, sua influência é grande ainda que eles não sejam objeto de medo, já que nenhum tribunal da Santa Inquisição se estabeleceu no Brasil. O som perpétuo dos sinos para matinas, para vésperas, para missas solenes ou para anunciar a performance do solene réquiem de algum falecido que deixou herança para a igreja, juntos ao freqüente rebentar de foguetes e petardos, formam tal constante alarido que, como disse um satirista francês,

*Pour honorer les morts, font mourir les vivans. (Boileau)*²⁹

Não passou praticamente um dia em que não víssemos uma procissão de funeral acompanhada por padres carregando candelabros e cantando em altos brados o hino fúnebre ao passar pelas ruas. Tampouco os fins de tarde ocorreram sem que houvesse um santo no calendário ou a Virgem Maria, cuja imagem é encontrada em caixas de madeira na esquina de cada rua, sendo levada em marcha pela cidade com a parada de soldados, padres e músicos. Os ornamentos rotos com os quais essa senhora em particular é vestida, suas madeixas com pó, o ouropel e os adornos de mau gosto com os quais ela é revestida fazem lembrar limpadoras de chaminé, ou limpadores vestidos com roupas de mulher no primeiro de maio. Poucos dos santos carregados em suas procissões têm uma aparência mais respeitável que Guy-Fawkes no cinco de novembro. Ainda assim, essas figuras deploráveis, assim carregadas em procissão, recebem diamantes verdadeiros, topázios e outras pedras preciosas, além da manta rendada com fios de ouro e prata, fornecidos pela igreja a qual pertencem e emprestados por habitantes abastados para a ocasião, alguns dos quais querem tanto piedade que não negam os empréstimos de suas jóias quando quer que a santa apareça em público.

²⁹ Para honrar os mortos, matam os vivos (Trad. de Jean Marcel Carvalho França) In.: FRANÇA, J. M. C. *Visões do Rio de Janeiro Colonial. Antologia de Textos 1531 – 1800*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 224.

Menores, como tais objetos podem parecer a seres racionais, são calculados para inspirar veneração e servem ao menos, como várias maquinações, para desviar a mente de qualquer cadeia de pensamentos. O hábito continuado de testemunhar diariamente essas cenas não parece ter sequer diminuído a atenção deles. Quando o sino toca, cada pessoa na rua tira seu chapéu, e fazem o mesmo quando passam por algum dos poleiros onde está a imagem da Virgem Sagrada. Quando soltam os foguetes, estopins e petardos, o olho naturalmente se dirige para as eminências nas quais as igrejas e conventos geralmente se situam. O efeito produzido na mente por esses acessórios religiosos deve ser o mesmo que, se minha memória me serve bem, aquele que Dr. Johnson diz, a saber, que levam embora as idéias que temos e novas não nos são dadas.

Não será esperado que eu esteja apto a falar do estado do país, ou do modo ou extensão de seus cultivos, ou da condição de seus habitantes. Nossa excursão no vale da *Tejeuca*, a cerca de vinte milhas a sudoeste de São Sebastião, representou, porém, uma oportunidade de ver o quão deploravelmente negligenciada estava essa terra tão linda e fértil, mesmo nos arredores de sua cidade mais populosa. As estradas de saída da cidade não podem ser percorridas com carruagem por mais de dez milhas, de modo que, daí em diante, fomos obrigados a continuar sem veículo por seis milhas até onde cavalos haviam sido preparados para a continuação de nossa jornada. Nós logo adentramos uma grande floresta, através da qual tivemos que parar com freqüência para descer dos cavalos por conta dos troncos de árvore caídos pelo caminho, onde caíram e apodreceram. Foi prazeroso passar algum tempo sob as sobras frescas que as árvores crescidas durante os séculos nos proporcionavam e ouvir as notas selvagens de pássaro que eram totalmente novas e desconhecidas de todos nós, apesar das freqüentes, tediosas e cansativas obstruções por árvores, rochas e pântanos com as quais encontramos. De nossa saída da cidade até nossa chegada aos limites da floresta, vimos

poucos cultivos. Adiante, ainda menos. As partes mais baixas dos morros eram cercadas pela floresta, as ravinas eram cobertas por árvores de tamanho magnífico e os topos dos morros, bem como dos outeiros, eram cobertos por soutos. Nenhuma polegada da superfície parecia nua.

Subindo às alturas em direção oeste, passamos por uma magnífica cascata que, pelos nomes gravados nas paredes de uma caverna e, ainda dentro dela, por uma longa mesa feita de rocha sólida, pareceu-nos ter sido abrigo de inúmeros visitantes. O jorro d'água caía no rico e romântico vale, pelo qual corria para um pequeno braço de mar. Nós vimos apenas duas plantações ao longo de todo o vale e no domicílio de uma delas nos preparamos para a noite. O espaço tinha pouca ou nenhuma mobília, era muito sujo e tivemos de suportar o tormento dos enxames de mosquitos, que nos atacaram enquanto estávamos deitados, expostos, em estrados de madeira de bambu, sem roupa de cama, sem colchão e sem cortinas. Os escravos cuidavam de toda a plantação, onde abundava algodão, café, cacão, açúcar, frutas e outras produções de valor. O proprietário tinha uma centena de escravos em sua plantação, era um importante mercador no Rio e parecia ser um homem muito rico, mas sua maneira de viver, tão distante quanto somos capazes de julgar, era destituída de todo tipo de conforto. Cercado pela grandiosa abundância de necessidades e mesmo luxos da vida, ele era completamente estranho a essas conveniências. Ele reclamou angustiosamente da opressão que os habitantes da América do Sul sofriam da pátria mãe e também que os monopólios, as proibições e as taxas entravam o comércio e a agricultura e destruíram o espírito de empreendimento. Ele manifestou a insatisfação de ter se tornado tão submisso em relação aos fardos impelidos aos brasileiros e falou das restrições às quais eles eram obrigados a se submeter, de modo que não ficaria surpreso, segundo disse, se os brasileiros fizessem enfim o mesmo que seus irmãos do norte do continente e, para

acabar com a opressão portuguesa, declarassem independência. – Uma visão geral do sistema seguido por Portugal em relação ao Brasil devo reservar para outro capítulo.

James George Semple Lisle. *The Life of Major J. G. Semple Lisle; containing a faithful narrative of his alternative vicissitudes of splendor and misfortune.* London: Printed for W. Stewart, 1800. (trechos dos capítulos XXII e XXIII – *Arrival at St. Catharine's; honourably received there e Description of the town of Rio de Janeiro,* entre as páginas 266 e 281 / 1797-98). Referência: Biblioteca do Itamaraty, 545-4-3.

Anterior a esse trecho, consta o relato de Lisle acerca de sua estada em Santa Catarina. Segundo relatos anteriores do próprio autor, seu embarque no *Lady Shore* acontecera por acaso. Estando preso, segundo ele por antipatia de seus superiores, embarca no navio em questão com a ajuda de Dyne, responsável pelos transportes em Newgate (ou Portsmouth). Desde então sente no navio um ar de motim e, de fato, a revolta dos marinheiros eclode a caminho do Rio de Janeiro. Com a morte do capitão Wilcocks, Lisle, que fizera um trato com os marinheiros, se torna uma espécie de comandante do navio. Parte dos marinheiros amotinados abandona o navio em um bote, perto de *Rio Grande* e, na Ilha de Santa Catarina, Lisle e alguns asseclas, dentre eles John Black, seguem para o Rio.

No dia 4 de novembro a esquadra zarpou para o Rio de Janeiro, aonde chegamos no dia 18. Durante nossa viagem, tive uma cabine bastante limpa e cômoda designada a mim, ficando eu à mesa do Almirante. Nunca encontrei um marujo melhor que ele, ou um comandante melhor, nem um cavalheiro mais competente. A ele, no curso de nossa conversa, eu comuniquei minha real situação e ele disse, para minha grande satisfação, que estava disposto a julgar por ele mesmo, já que estava livre daqueles limitados preconceitos que assolam mentes menores. A descoberta que fiz para ele não teve outro efeito senão o de fazê-lo, se possível, ainda mais gentil para comigo.

Logo que ancoramos, o Brigadeiro-General *Gaspar Joze*, general-ajudante do Vice-rei, veio a bordo a mando de sua S. Excelência para cumprimentar o Almirante em sua chegada. Tendo cartas de recomendação para ele, eu, de certo modo, deixei sob seu encargo as que eu tinha para o Vice-rei. Na noite em que chegamos, algumas baleeiras chegaram ao porto e o Sr. Black, por desejo do capitão Thompson, foi a bordo de um deles para conseguir-lhe um carregador. Nesse navio, ele encontrou alguns de nossos oficiais, todos dos quais haviam chegado antes de nós, tendo lá ido atrás de notícias da

Inglaterra. Ele soube que, de algum modo, minha real situação já havia chegado aos ouvidos do Vice-rei. O Sr. Black me comunicou imediatamente o fato com uma solicitude muito amigável e pareceu alarmado. Nesse momento, eu lhe disse para não temer, mas para estar pronto para ir a terra às oito horas da manhã seguinte. A fim de não se envolver em algo desagradável que me pudesse acontecer, ele preferiu não ir sob alegação de doença e, assim, perdeu a honra de ser apresentado.

No dia seguinte, acompanhado por um soldado da esquadra, fui ao palácio, onde o Vice-rei me recebeu com muita cordialidade. Eu pedi sua permissão para permanecer em terra, o que ele prontamente acatou, e me disse que no dia seguinte daria instruções sobre uma casa a ser preparada para minha acomodação. Tendo eu mesmo uma recomendação ao Bispo, prestei-lhe meus maiores respeitos e fui recebido por um excelente prelado de modo muito gentil. Fui então com um oficial, que veio comigo do navio, à casa do intérprete, onde Minchin e sua esposa alojaram-se. Ele pareceu quase petrificado a meu ver e disse-me que, pelo tempo que durara nossa viagem, teríamos achado algum navio a caminho da Europa em Santa Catarina e nele embarcado. Ele reclamou nos termos mais amargos do Vice-rei, que, segundo Minchin, se recusara a vê-lo e apenas permitira que ele e sua esposa ficassem em terra por 12 vinténs por dia. Disse também que a mesma quantia fora dada a soldados, mulheres e crianças e que ele *ouvira que*³⁰ Drummond, Murchison e *alguém*, como ele supôs, contaram ao Vice-rei tudo a meu respeito. Em um primeiro momento vi humilhação e confusão em seu rosto e concluí muito naturalmente que ele fizera o que atribuiu a eles: uma ação que com veemência reprovava em seu irmão oficial no Rio Grande, e pela qual temia a mesma represália que eu lá infligira ao outro delinqüente. Eu não disse nada, contudo, mas imediatamente me despedi e, aos primeiros passos fora da casa, encontrei os dois

³⁰ Grifos do autor.

cavalheiros que ele tanto difamara. Eu de uma vez fiz-lhes a pergunta com clareza e os dois declararam solenemente que nada a meu respeito lhes fora perguntado e nem eles expressaram uma sílaba, ouviram, porém, da pessoa que traduziu as cartas de Minchin que ele escrevera ao Vice-rei tudo que eu pudesse imaginar de mais desagradável.

Tendo obtido essa informação, eu voltei ao castelo imediatamente, mas o Vice-rei já se havia retirado e eu não lhe pude falar. Eu perguntei, portanto, ao Conde Dom Luiz, seu filho, quem era seu *Aid-de-Camp*. A ele eu confessei quais eram as minhas reais circunstâncias. Eu contei que os cavalheiros que me acompanharam encobriram, *por vontade própria*, como pareceu de acordo com os relatórios por eles previamente assinados, a parte desagradável de minha história e, por conseguinte, eu não podia deixá-los divulgar, naquele momento, uma palavra que me causasse dor. Acrescentei que, dele, um homem de alto nível e um oficial, eu não poderia esperar liberalidade, e por isso quis que ele me dissesse, com a franqueza de um soldado, se algo havia sido dito e por quem. Muito honestamente, ele reconheceu sem delongas que *o oficial no uniforme escarlate que veio por último*, enviara uma carta a seu pai a meu respeito. Disse ainda que isso não afetaria minha relação com o Vice-rei, pois, como este havia dito naquele mesmo dia, as recomendações a mim dadas pelo General da Veiga e pelo Almirante, bem como o fato de eu o ter visitado, o fizeram assegurar minha proteção, e que eu seria distinguido dos demais. Eu afirmei minha gratidão ao Conde Dom Luiz pela gentileza do Vice-rei. E então, ao partir, e já sendo tarde, adentrei a barca do Almirante, que estava a me esperar, e segui para o navio.

No dia seguinte, voltei e, tendo encontrado retirada, escrevi ao Almirante, *Major-General da Esquadra*, e ao Vice-rei, relatando tudo, mas dizendo-lhes que contava com sua liberalidade e que esperava ser tratado como um cavalheiro cuja conduta, *além da qual nada havia a falar a favor ou contra ele*, alcançara sua amizade e estima. O Vice-

rei me assegurou de que sempre me receberia bem e me enviou a chave de uma boa casa que imediatamente ocupei. Alguns dias depois, recebi do mesmo remetente generoso em benevolência, a chave de um camarote no teatro.

O almirante, que sabia o quão necessário o dinheiro é para um homem em minha situação e supunha que eu já não tinha muito, me enviou uma bela quantia pelo *Major-General da Esquadra*, que, após acrescentar um pouco mais, me entregou o todo. O Bispo não deixa nada a desejar em relação aos outros: sua casa estava aberta a mim a toda hora e, por ela ser um pouco longe, me forneceu uma carruagem durante minha estada no *Rio Janeiro* que eu, para usar suas próprias palavras, usaria para chegar facilmente até ele quando meus compromissos permitissem.

Tais distinções não podiam ser mais lisonjeiras para mim quanto eram mortificantes para as duas Insígnias, já então isoladas de todos. Determinado a dar a Minchin o castigo que ele tanto mereceu por seu caráter dúbio, pus uma sentinela em sua porta a fim de que eu fosse informado se ele saísse. No entanto, a circunstância que existiu entre mim e o irmão dele, Prater, no *Rio Grande*, efetivamente trancou sua porta e ele, durante sua permanência nesta cidade, não achou apropriado se afastar de casa. Para evitar uma eventual desgraça, ele reclamou ao Vice-rei e pediu por proteção, porém, segundo alguns relatos, não recebeu resposta alguma. Ainda assim, de acordo com outros, o Vice-rei o enviara a alguns boas e substanciais pistolas em coldre – sugestão, pensar-se-ia, suficiente para um soldado. Nesse ínterim, o Almirante ficara ciente da transação e o Capitão Thompson veio até mim em uma manhã pedindo-me promessa de não atacar Minchin naquela cidade. Como minha situação era tal, não seria nem agradável, nem prudente, desentender-me com os de alta posição social que me protegeram de modo tão nobre e generoso. Dei logo então minha palavra, o que os satisfez. Mas Minchin não estava tão convencido de sua segurança e se manteve,

portanto, perto da casa, igualmente desprezado pelos oficiais da esquadra, do exército e pelos habitantes da cidade.

Durante nossa permanência no Rio de Janeiro, *Ensigns* Minchin e Prater fizeram várias solicitações ao Vice-rei, reivindicando que S. Excelência os pagasse, por eles mesmos e pelos soldados, pagamento completo de acordo com o estabelecimento britânico, desde o dia em que chegaram nesta terra. O Vice-rei recusou-se a cumprir tal requerimento, alegando que não tinha autoridade para consentir tal ato e que a bagatela que ele mandara dar a cada indivíduo, sem distinção de idade, sexo ou classe social, foi um ato de hospitalidade. Segundo ele, tal feito se deu em consequência da harmonia que há tanto tempo existe entre nossos países e que nunca seria cobrada ao governo britânico. No entanto, se esses senhores reivindicavam assistência adicional, deveriam, cada um, endereçar uma petição ao Soberano determinando sua demanda e enviá-la ao escritório do Tribunal, que representa S. Majestade nesta região, e da qual S. Excelência o Vice-rei é presidente. Feito isso, eles decidiriam se o requerimento seria recusado ou consentido. Suas petições foram devidamente apresentadas, com Minchin assinando como Tenente e Auxiliar e pedindo o pagamento correspondente. Alguns dias antes da reunião do Tribunal, recebi uma visita do Secretário, que inquiriu a razão pela qual eu ainda não tinha entregado minha petição. Eu lhe disse que não poderia enviar minha petição como os outros por não ter reivindicação alguma ao governo britânico e que o Vice-rei sabia tudo a meu respeito. Assim sendo, disse-lhe também que se ele ou o Tribunal, no nome do Soberano, achassem apropriado me presentear com uma soma de dinheiro que pagasse minha passagem para a Europa, eu a aceitaria. Acrescentei, porém, que nem tive, nem tocara nos dezoito centavos diários que os oficiais do *New South Wales Corps*, homens, mulheres e crianças, receberam. Além disso, comuniquei o Secretário de que, uma vez que o Vice-rei me dera uma boa casa e que o generoso

Almirante patrocina-me de tempo em tempo a fim de que eu cuide bem da casa, eu poderia dispensar assistência adicional e estava confiante de que ele, o Almirante, prover-me-ia também uma passagem para algum dos navios de sua esquadra a caminho de Lisboa. O Secretário me pedira para redigir minha resposta, o que fiz. Poucos dias depois fomos todos informados de que, pelo tempo em que estávamos no país, o tribunal não liberaria nada além do que o Vice-rei já havia consentido, que eu me recusara a receber, e que tal quantia seria cobrada do governo britânico. O Sr. Black do mesmo modo recusou-se a receber concessões desse tipo. Posteriormente, foi-nos comunicado que os comandantes dos navios do comboio no qual seríamos mandados para a Europa receberiam adiantamento correspondente a cinco meses por cada oficial na faixa de um *cruzade*, cerca de meia coroa por dia; para os soldados, mulheres e crianças, metade dessa quantia. Ao aproximar-se o momento de nossa partida, o Almirante requisitou uma passagem para mim, o garoto Richard anteriormente mencionado, e meu empregado a bordo de uma fragata de Sua Fidelíssima Majestade, o *Ulysses*, comandada pelo capitão *João da Costa de Cabedo*, um dos oficiais mais ativos da Europa, e que já me deu a honra de me incluir entre seus vários amigos. Esse cortês oficial recusou-se verdadeiramente a receber o dinheiro concedido pelo Tribunal, mas, como a quantia era um presente em nome da rainha, não poderia ser devolvida e, desse modo, ele requisitou que o dinheiro fosse pago a mim.

Enquanto estávamos no Rio de Janeiro, vários navios britânicos dirigindo-se aos Mares do Sul adentraram o porto. Quando nos foi dada licença para embarcar em qualquer um dos navios nos quais pudéssemos obter uma passagem, o Sr. Murchison, suspeito de que o comboio fosse demorar no Brasil e desempenhar longa passagem quando zarpassse, foi a bordo de um deles. Cerca de um mês depois, quando estávamos a ponto de ir para o mar, o Intendente Naval fora a bordo de outra embarcação, também

indo para os Mares do Sul. Uma vez que eu convencera os amotinados a darem àquele cavalheiro [Murchinson] o fretamento do navio e todos os outros documentos que pensamos ser úteis para a viúva do infeliz Capitão, esforcei-me para persuadi-lo a continuar conosco, pois pensei que sua presença na Inglaterra seria necessária. Pareceu-me impossível que um navio dirigindo-se aos Mares do Sul chegasse à Europa antes de um comboio que fosse imediatamente para lá. Um jovem homem, James Macleod, que deixara a Grã-Bretanha como um soldado da *New South Wales Corps*, mas que com sua dispensa no bolso (um problema que não posso explicar), foi na mesma expedição, de modo que S. Excelência, o Vice-rei, tinha menos quatro a sustentar.

Por volta de 24 de Janeiro, estando a esquadra pronta para zarpar, todos os que pertenciam ao *Lady Shore*, exceto eu, foram convidados a embarcar. Barcos pertencentes à aduana foram usados para levá-los, conduzidos por um oficial encarregado, a seus respectivos navios. Os barcos foram levados até o local de embarque perto do palácio e todos nele entraram, exceto *Ensign* Minchin, que se atrasara até o último momento. Por acaso eu estava andando pelo cais naquele momento. Ele me viu pela janela do cômodo no qual ficara tanto tempo confinado e, consciente de que merecia um castigo de minhas mãos, solicitou ao General adjunto uma escolta até o barco, o que conseguiu. Acompanhado por dois fuzileiros e por um oficial sem comissão, ele cruzou o desfile [a parada] no meio de estouros de risos de todos os que viram essa extraordinária procissão.

Antes de me despedir do *Rio de Janeiro*, tenho a incumbência de dizer algumas palavras sobre o lugar e sobre a esquadra portuguesa. A cidade é bem construída, movimentada, consideravelmente grande e cercada por bancos e jardins. O palácio é grande, amplo e decorado com magnificência. As ruas são notavelmente bem pavimentadas, mas nunca são iluminadas. As casas são, em geral, boas, mas a maioria delas tem janelas de treliça. Há um prodigioso número de ricas igrejas. O grande influxo comercial faz com que alguns dos habitantes sejam extremamente opulentos; sente-se um ar de abundância no todo. Os divertimentos são principalmente a ópera, para a qual eles têm um pequeno teatro; mas no convívio privado encontra-se bom entretenimento. As pessoas, contudo, não são tão hospitaleiras como em outros lugares, especialmente *Rio Grande*. Elas não são taciturnas e tratam seus negros notavelmente bem, muitos dos quais em idade tenra têm permissão para comprar sua liberdade.

As mulheres daqui não são de maneira alguma padrões de castidade; e aquelas de toda a classe de cortesãs são muito extravagantes no que diz respeito aos preços que pedem por seus favores: vinte, até mesmo cinquenta moedas não são negócio incomum. Dentre as singularidades do lugar devemos enumerar o freqüente, ou melhor, incessante uso das banheiras de água tépida. Se isso provoca alguma doença peculiar, deixo para os médicos determinarem, mas há duas muito extraordinárias que quase universalmente prevalecem aqui. Elas são o inchaço das pernas, que às vezes chega com vasta magnitude, e testículos de tamanho assombroso. Ambas são ocasionalmente, mas não constantemente, acompanhadas de dor violenta e a última freqüentemente desce até abaixo do joelho.

As instalações militares de toda a cidade do *Rio de Janeiro* consistem de dois esquadrões de excelentes soldados de cavalaria que servem de guarda para o Vice-rei, dois regimentos de soldados de linha e um batalhão de artilharia que, embora de aparência muito melhor que os de Portugal, não são comparáveis à milícia. Esses consistem de, além dos brancos, de um regimento negro e um mulato; esse último vai além, em aparência, de qualquer coisa que eu tenha visto. No presente, porém, são soldados de ocasião e estão quase sem disciplina, mas uma dura campanha, ou duas, faria deles muito provavelmente boas tropas. Deve-se lembrar que a milícia dos mulatos é toda de homens de propriedade e pagam seus próprios uniformes. Eles usam azul claro, com acabamentos vermelhos e laços de lantejoulas que brilham alegremente, o que lhes dá uma notável aparência pomposa.

A razão pela qual os regimentos de cor são tão mais esplêndidos que os brancos, se deve à seguinte circunstância: os brancos são uma mistura promíscua de *todos* os homens, pobres e ricos, ao passo que os outros consistem somente dos que são ricos o suficiente para estarem aptos a comprar sua própria liberdade. Além disso, uma vez livres, por meio de indústria superior, adquirem independência bem antes dos outros.

As principais produções da região são algodão, café, madeiras tingidoras, açúcar, couro, ouro e tabaco. Com isso eles enchem cento e cinquenta ou duzentos navios que costumavam reunir-se anualmente na *Bahia de Todos os Santos* e de lá continuavam sua viagem a Portugal. Estão agora, contudo, separados em dois esquadrões, um dos quais zarpa a cada três meses. Além desses artigos de comércio, há alguns diamantes, mas não tão bons quanto os orientais, que, de acordo com afirmação dos químicos, diferem por não serem inflamáveis. Também se produz cristal aqui de grande volume e beleza e que oferece ao oculista as melhores lentes para os espetáculos. Há também uma espécie de

algodão, que, a partir de sua aparência sedosa, é chamada de *silky cotton*³¹, mas sua escassez o exclui do comércio. Embora ele certamente possa ser cultivado em qualquer quantidade, a preguiça dos habitantes mostra-se como uma barreira insuperável a esse cultivo. Há frutas em abundância aqui, mas não no *Rio Grande*; mas, em compensação, cavalos são escassos aqui, enquanto lá, como já foi observado, eles abundam.

O porto fica a uma distância considerável terra adentro. O canal é fortemente defendido por ilhas bem fortificadas e é em algumas partes tão estreito que um tiro de canhão pode alcançar seu outro lado. Em resumo, se bem defendido, eu julgo ser impossível que um inimigo entre nesse porto.

O porto é grande o bastante para comportar todos os navios da Europa e nele, do lado oposto à cidade, há uma grande ilha chamada *Ilha de los Cobras*, que funciona como uma prisão. As fortificações nela têm poder considerável e podem ser tidas como impenetráveis. O que torna possível a passagem daqui para a cidade é uma balsa, apenas, que é, aliás, guardada por soldados. O acesso à ilha não permitido a estrangeiros, embora alguns ingleses empreendedores, com sua usual ingenuidade, conseguiram visitá-la *de acordo com a lei*.

Eu não embarquei logo após os outros. Como eu havia então perdido meu amigo Black, nosso grupo foi reduzido a mim, o menino Richards e meu empregado. Cada vez mais eu lamentava sua partida. Por conta de sua habilidade para a navegação, ele era muito estimado por todos os oficiais portugueses, particularmente pelo Capitão Thompson e o *Chevalier de Drocourt*, capitão dessa marinha e comandante da ordem de Malta, além de recente *Aid-de-Camp* do aclamado Conde d'Estaing. Pelo que esses senhores disseram, estou convencido de que ele poderia ter rapidamente obtido uma promoção no serviço português se tivesse a intenção de lá ficar.

³¹ Literalmente, “algodão macio”. (N. T.)

Lisle embarcou no *Ulysses* rumo a Europa no dia 1º de fevereiro no porto do Rio. Foi só em 30 de abril de 1798 que chegou à *Bahia de Todos os Santos*. Nesse ponto, encerra-se a abordagem acerca da cidade do Rio de Janeiro na obra autobiográfica de J. G. Semple Lisle.

Arthur Phillip. *The Voyage of Governor Phillip to Botany Bay*. Londres, 1789. (trecho do capítulo 4) Referência: Acervo da Bamberger Universität.

Foi intenção do Governador Phillip ancorar na baía de *Port Praya* por cerca de vinte e quatro horas, já que a quantidade de vegetais em Santa Cruz não foi suficiente para nos suprir. As ilhas desse lado do Atlântico parecem ter sido expressamente colocadas para facilitar a navegação dos que seguem em direção ao Cabo da Boa Esperança, ou que dele partem, pois oferecem às navas bons lugares para adquirir suprimentos e refrescar-se. Mais ou menos na latitude 40 ao norte, os Açores; na 33, as *Madeiras*; entre 29 e 27, as Canárias; e entre 18 e 16, as ilhas do Cabo Verde; essa disposição sucessiva está à disposição do viajante, provendo abundantemente todo tipo de acomodação que suas circunstâncias requerem. A sul do Equador, um bom porto e um grande número de tartarugas dão certa importância até mesmo à pequena e árida Ilha de *Ascension*³²; St. Helena, pela diligência dos fundadores ingleses, tornou-se um centro de fartura e elegância. Sem a assistência dada tanto na ida quanto na volta por esses lugares, o intervalo de quase quarenta graus em cada lado da linha, em um mar exposto a forte calor e sujeito a tediosas calmarias, seria suficiente para desencorajar até mesmo os navegadores do século XVIII.

No dia 18 de junho, a frota avistou as ilhas do Cabo Verde e foi dirigida, seguindo um sinal dado, rumo a *St. Jago*. Mas, com a falta de ventos favoráveis e com uma forte corrente contra nós, era provável que nenhum navio conseguisse adentrar a baía, de modo que o Governador achou melhor mudar seu plano. A bandeirola com o sinal para ancorar fora arriada e os navios orientados a continuar seu primeiro curso; uma circunstância de muito desapontamento para muitos indivíduos a bordo, que, como é natural em viagens longas, estavam ansiosos para gozar do frescor da costa. Como

³² Uma ilha do Atlântico Sul a 1600 km da costa africana.

uma incitação adicional a desejos como esse, o tempo ficara então quente; o termômetro marcava 82°F³³, calor que, ainda que moderado para um clima tropical, é suficiente para provocar grande irritação. Porém, sem se deixar abalar por qualquer consideração, exceto aquela de expediente, o Governador Phillip persistiu em conduzir seus navios até à intencionada próxima parada: o porto do Rio de Janeiro.

Talvez pareça, ligeiramente falando, um tanto extraordinário o fato de embarcações com destino ao Cabo da Boa Esperança acharem conveniente acostar em um porto da América do Sul. Atravessar o Atlântico e passar por tal costa como parte do percurso, existência da qual os primeiros navegantes destes mares não sabiam, parece um modo muito tortuoso de fazer a viagem. Um pequeno exame dará cabo dessa pequena dificuldade. As calmarias, tão freqüentes do lado africano, são por si mesmas causas suficientes para induzir o navegante a manter um curso mais a oeste. Além disso, até mesmo as ilhas nas quais é tão recomendável acostar irão levá-lo a poucos graus da costa sul-americana. Os trajetos de retorno das três viagens do Cap. Cook passam por um espaço muito pequeno do 45° grau da longitude oeste, que é 10 graus mais distante do oeste do que da extremidade do Cabo São Roque: e tudo indica que tal percurso fora tomado voluntariamente, sem nenhum incentivo extraordinário. Mas nas latitudes às quais o esquadrão do Governador Phillip então chegara, o velho e o novo continente se aproximam tanto um do outro que, se um deles for evitado, faz-se necessário passar por uma distância pequena do outro.

Ao passar pelas Ilhas do Cabo Verde, a esquadra vivenciou por algum tempo a inconveniência de forte calor, seguido de fortes chuvas. O calor, no entanto, não excedeu em momento algum o ponto já especificado³⁴ e as precauções tomadas incansavelmente em todos os navios continuaram felizmente eficazes em prevenir

³³ Cerca de 28°C. (N. T.)

³⁴ 82º,51. É comum na Inglaterra o termômetro marcar, em um ou dois dias no verão, 81º. (N. A.)

contra qualquer doença grave. A opressão do tempo quente não continuou por muito tempo, conforme se esperava dessas latitudes, pois antes que a frota atingisse o Equador a temperatura já estava bem mais moderada.

No dia cinco de junho de 1787, na longitude de 26° a oeste de Greenwich, a esquadra de *Botany Bay* passou do hemisfério norte para o sul. Cerca de mais três semanas de tempo bastante favorável e agradável conduziu-os ao Rio de Janeiro. No dia cinco de agosto, ancoraram fora do porto e, no dia seis, estavam parados já dentro de seus limites. Havia-se chegado ao lugar de nome *Cape Frio* alguns dias antes, mas a falta de vento naquele momento deixou o curso mais lento.

*Rio de Janeiro*³⁵, ou *January River*, assim chamado por conta da descoberta de *Dias de Solis* quando da festa de S. Januário, em 19 de setembro de 1525, não é de fato um rio, embora seu nome denote que se achou então que se tratava de um: é, na verdade, um braço d'água, para o qual um considerável número de rios corre.

A Cidade do Rio de Janeiro, chamada por alguns escritores de São Sebastião, mesmo nome de seu padroeiro, situa-se do lado oeste dessa baía, a menos de 1 grau do Trópico de Capricórnio e a cerca de 43° a oeste de Greenwich. Essa é no momento a capital de todo Brasil e foi, por algum tempo, a residência do Vice-rei. Essas distinções foram obtidas, por preferência em relação a São Salvador, que fora outrora a capital, por conta das minas de diamantes descobertas em seus arredores no ano de 1730. O lugar, crescendo rápido devido à riqueza a ele levada, fora fortificado e posto sob os cuidados de um governador em 1738. O porto é um dos mais magníficos do mundo, muito estreito na entrada e, dentro, espaçoso o suficiente para conter mais navios do que já foi reunido em um posto. Ele tem sondagens de vinte a cento e vinte *fathoms*. Um monte com forma semelhante à de um pão de açúcar, localizado a oeste, marca o rumo correto

³⁵ Itálico do autor.

para adentrar no porto: localidade completamente marcada à distância de duas léguas e meia por algumas pequenas ilhas, uma das quais, chamada *Rodonda*, é muito elevada e de forma não muito diferente de uma meda de feno. A boca do porto é defendida por fortes, dois em especial, chamados *Santa Cruz* e *Lozia*, e o ancoradouro habitual do lado de dentro [do porto] fica em frente à cidade, a norte de uma pequena ilha de nome *Dos Cobras*.

Há nesse porto quantias determinadas pagas por navios mercantes, tanto portugueses quanto estrangeiros: *3l. 12s.* cada ao entrar na baía, bem como ao sair, e *5s. 6d.* por dia durante sua permanência. Pediu-se que os navios de transporte desta expedição pagassem a taxa de entrada, mas, quando o Governador Phillip alegou que seus navios estavam carregados com gêneros do rei, não se insistiu mais que o pagamento fosse efetuado. Todavia, o capitão do porto prestou auxílio com a tripulação de seu navio, no sentido de ajudar os navios a entrar, uma vez que havia naquele momento apenas um ar suave que não bastava para levá-los para dentro da baía.

Na narrativa da viagem do Capitão Cook em 1768, encontramos, quando de sua chegada a esse lugar, grande suspeita por parte do Vice-rei: severas proibições quanto ao desembarque, mesmo aos senhores envolvidos em pesquisas de ordem filosófica, além de alguns procedimentos de natureza um pouco violenta. A recepção do presente Vice-rei ao Governador Phillip e seus oficiais foi muito diferente: foi educada e extremamente lisonjeira, livre de qualquer cuidado cioso.

Don Lewis de Varconcellos, atual Vice-rei, pertence a uma das mais nobres famílias portuguesas, é irmão do Marquês de *Castello Methor* e do Conde de *l'ombeiro*. O Governador Phillip, que serviu por alguns anos como Capitão a marinha portuguesa e que é merecidamente muito honrado por essa nação, não era um desconhecido para o Vice-rei, embora conhecido de um modo que, em mentes menos liberais, teria causado

diferentes humores. Houvera uma diferença entre eles nesse porto, segundo relato público, quando o Governador Phillip inspirou a Europa: cada grupo agira meramente para a honra da nação a qual pertencia, e o Vice-rei, com o espírito verdadeiro de um homem honrado, longe de resentir-se de uma conduta tão similar a sua própria, pareceu fazer desse então seu objeto para eliminar toda e qualquer memória de ofensa. Assim que fora informado da natureza da comissão do Governador Phillip, deu a ordem a seus subordinados para que este oficial recebesse as mesmas honras que ele próprio. O Governador desejou recusar tal distinção modestamente, mas não foi possível. Todos os seus oficiais foram apresentados ao Vice-rei, bem como, do mesmo modo que ele mesmo, recebidos com todos os cuidados possíveis, além da grande consideração a seu país. Tiveram permissão de visitar todas as partes da cidade e até mesmo de fazer excursões a até cinco milhas para o interior, sozinhos: uma indulgência muito incomum para com estrangeiros e, considerando o que lemos sobre o zelo dos portugueses em relação às minas de diamante, extraordinária.

As provisões eram aqui tão baratas, que, apesar de o Governador Phillip ter fixado o complemento de carne em vinte onças por dia, o homens estavam completamente abastecidos; arroz, vegetais frescos, e inclusive combustível para a caldeira a três libras e três quartos por cabeça. Não havia vinho nessa estação do ano, exceto os dos traficantes de varejo, de modo que se comprou menos do que poder-se-ia de fato ter. O rum, contudo, já estava entre nossas provisões, bem como todas essas sementes e plantas, como se pensa que floresçam na costa de Nova Gales do Sul, particularmente café, índigo, algodão e cochinhilha. Como um substituto para o pão, caso este se tornasse escasso, cem sacas de mandioca foram compradas a preços bastante vantajosos.

Mandioca, o pão de milhares nos climas tropicais, é algo que exige certo cuidado. Trata-se da raiz de um arbusto chamado *cassada*, ou *Cassava Fatropha*, que quando crua, é altamente venenosa. Com limpeza, pressão e evaporação, porém, ela perde suas qualidades nocivas e é usada para fazer bolos, tornando-se um saudável e tragável substituto para o pão.

Por indulgência do Vice-rei, a deficiência das reservas militares, observada na partida dos transportes da Inglaterra, fora resolvida com um abastecimento comprado do arsenal real; nenhuma assistência que ou o lugar oferecia, ou o governo podia proporcionar, nos foi negada.

As circunstâncias que mais pasmam um estrangeiro neste lugar, particularmente um protestante, é a grande quantidade de imagens dispersas ao longo da cidade e a devoção a tais dedicada. Estão nas esquinas de quase todas as ruas e nunca se passa por elas sem que se faça uma respeitosa saudação, mas à noite são constantemente cercadas por seus respectivos devotos, que rezam alto e fazem o ar ressoar por todos os cantos com as notas de seus hinos. A severidade das maneiras dos habitantes não parece ser, de forma alguma, equivalente ao calor dessa devoção, mas, em qualquer país ou clima, pensa-se ser muito mais fácil praticar atos externos de suposta devoção do que adquirir os hábitos internos tão mais essenciais. Deve-se reconhecer que nosso pessoal não achou as senhoras tão indulgentes quanto alguns viajantes as representaram.

Quase um mês se passou para que o Governador Phillip pudesse suprir seus navios com tudo que fosse necessário prover. Finalmente, no dia quatro de setembro ele levantou âncora e, ao passar pelo forte, recebeu do Vice-rei a última cortesia possível, sendo saudado com vinte armas. A saudação foi respondida com o número igual do

*Sirius*³⁶, e assim terminou o honorável intercuro entre as duas nações e, particularmente, com o principal oficial empregado a serviço de cada uma.

³⁶ *HMS Sirius* era o nome do navio de A. Phillip.

**George Leonard Staunton. *An Authentic Account of an Embassy from the King of Great Britain to the Emperor of China*. London: Printed by W. Bulmer and Co. for G. Nicol, Bookseller to His Majesty, Pall-Mall. Vol. 1. (trecho do capítulo V – *Passage of the Line. Course across the Atlantic. Harbour, City, and Country of Rio de Janeiro*, entre as páginas 151 e 190 / 30 de novembro a 17 de dezembro de 1792).
Referência: Biblioteca do Itamaraty, 523 – 1 – 6.**

No início do capítulo, Staunton relata o trajeto da África ao porto do Rio de Janeiro, detalhando questões climáticas, marítimas e distâncias em termos longitudinais e latitudinais. Desse modo, não há maiores comentários sobre a Cidade de São Sebastião. O trecho a seguir é o relato propriamente dito da cidade carioca.

O Capitão Mackintosh, por experiência, recomenda aos navios que direcionem suas rotas para o porto do Rio de Janeiro “após chegar ao *Cape Frio*, em vez de seguir pela costa, e que marquem seu curso entre sudoeste e sudoeste-oeste por doze ou quatorze léguas. O vento terrestre chega a essa distância. Em geral, as manhãs são calmas, mas em quase toda tarde uma fresca brisa marítima sopra do sudoeste. É apropriado dirigir-se em curso direto de lá até as pequeninas ilhas localizadas abaixo do grande e inclinado Pão de Açúcar, ao lado oeste da entrada do porto do Rio. Dessas pequenas ilhas, o vento levará o navio ao outro lado da boca do porto, onde se situa o forte de *Santa Cruz*, do qual se aproxima em cinquenta jardas e, daí, segura e rapidamente para dentro do porto.” O Capitão Mackintosh acrescenta “que em sua primeira viagem a esse lugar, ficando à orla, passara cinco dias de navegação desagradável e problemática antes de adentrar o porto, ao passo que, seguindo o método já explicado, percorreu a mesma distância em bem menos que vinte e quatro horas e com grande facilidade e satisfação”.

Sir Erasmus Gower observa que “a entrada do porto reverlar-se-á pela descoberta do castelo ou forte de Santa Cruz, e de uma pequena ilha fortificada, chamada forte Lucia, quase paralela à construção. Entre eles está o canal de entrada no porto, de cerca

de uma milha de amplitude. Ambas as costas são íngremes; a de Santa Cruz é perpendicular, havendo seis braças da superfície do mar. A estreiteza do canal possibilita fortes marés, mas como a brisa sopra fresca, não impedem a entrada no porto. Ao adentrá-lo, é melhor manter-se no meio do canal, ou mesmo próximo ao porto de Santa Cruz. A cerca de quatro ilhas do lado de fora da boca do porto, a profundidade da água é de dezoito e dezenove braças, mas diminuirá a sete ou oito. Essa, sendo a parte mais rasa, pode ser chamada de barra, e tem em torno de duas milhas. A água volta a ser profunda ao atingir-se o forte de Santa Cruz, chegando a dezessete ou dezoito braças; tampouco se encontra mais rasa no belo caminho da grande estrada. Grandes navios podem aportar em águas mais rasas, mas aquela profundidade, ou algo próximo, é mais recomendável, uma vez que tal circunstância oferece a vantagem da brisa do mar e a da distância dos insetos, muito incômodos perto da costa. O *Lion* ancorou a dezoito braças, com o Pão de Açúcar ao sudeste meio leste, o castelo de Santa Cruz a sudeste-sul, um convento em uma eminência na parte sul da cidade a sudoeste-oeste, uma milha e meia do ponto de desembarque que fica m frente ao palácio do vice-rei.

Antes de um navio tentar entrar no porto, será apropriado enviar um barco com um oficial ao castelo de Santa Cruz. Ele será conduzido de lá para o palácio do Vice-rei a fim de dar informações sobre a chegada do navio e a razão de sua vinda. Além disso, as cores do navio devem ser içadas cedo a menos que a *pratique*, ou o usual barco visitante da costa, já esteja a bordo. Uma embarcação, mesmo que da nação portuguesa, que tente passar pelo forte, será chamada e peremptoriamente convidada a ancorar até que permissão lhe seja concedida para prosseguir. Cada particularidade do navio, suas condições, força, destino e objetivos devem ser declarada sob assinatura do capitão. Depois disso, toda indulgência e assistência são prontamente oferecidas, mas as passoaas do navio não podem desembarcar em qualquer lugar que seja, exceto nas escadas que

ficam em frente ao palácio; um oficial militar ou soldado geralmente acompanha cada um desde o navio enquanto permanecem em terra. Barcos-guarda também cercam o navio para evitar desembarques, exceto quando e onde permitido. Essas regras são ainda mais rigidamente reforçadas quando se trata de navios mercantes, em comparação com navios de guerra. No interior do porto, em cuja entrada está uma ilha chamada *Ilheo dos Cobras*, ou *serpent island*³⁷, há um cais apropriados para manobrar navios, mas o modo de fazer-lo ao longo de cascos não é o melhor. No mesmo porto, ancoram todos os navios que carregam ou descarregam bens, ou querem reparo. A latitude do Rio é de vinte e dois graus e cinqüenta e quatro minutos ao sul; a longitude, quarenta e dois graus e quarenta e quatro minutos a oeste de Greenwich. Variação do compasso: quatro graus e cinqüenta e cinco minutos a oeste do pólo. A maré flui por sete horas e meia e atinge cerca de cinco pés e meio perpendicular. O termômetro Fahrenheit, durante a estada do *Lion* estava entre setenta e sete e oitenta e dois graus.”

O Rio é quase insuperável no que tange à capacidade e segurança de seu porto, sua conveniência para o comércio, e a riqueza e fertilidade da região circunjacente. Do lado de fora do porto, a entrada é margeada de um lado pelo já mencionado cone inclinado, que mede setecentos pés de altura, e do outro lado pela grande massa de granito, base do castelo de Santa Cruz. Quase no meio há uma pequena ilha, na qual se construiu o Forte Lucia. Ao entrar no porto, percebemos que sua largura passa a ser de três ou quatro milhas e penetra a terra por vários riachos, mais distante do que os olhos podem alcançar. Nele há muitas ilhas: algumas inteiramente verdes, algumas repletas de baterias [de armas] ou habitações. A orla do porto é diversificada e embelezada com vilarejos, fazendas e plantações, separados por ribeirões, pelos cumes das rochas, endentações de pequenas baías arenosas, ou pelos entornos das florestas. Tudo isso

³⁷ Ilha da Serpente, ou Ilha Serpente.

acaba em uma cadeia de montanhas em forma de anfiteatro, que tem uma vasta variedade de formas abruptas e fantásticas, coberto por árvores até o topo.

A quatro milhas da boca do porto, no lado oeste, situa-se a Cidade de São Sebastião, geralmente chamada de *Rio*, construída em uma saliência de terra. Todo o terreno atrás da cidade, porém, é repartido em rochas e montes, com florestas, casas, conventos e igrejas em seus topos. Um convento beneditino e também um forte que contempla a cidade ficam em um ponto extremo. Frente a este ponto está a *Ilheo dos Cabras, or serpent island*, entre a qual e a cidade há um canal estreito, contudo suficiente o bastante para a passagem dos maiores navios. Sobre a ilha há um estaleiro, lojas e armazéns navais; em torno dela, os ancoradouros usuais para as embarcações que freqüentam esse porto. Para além da cidade o porto começa a alargar-se consideravelmente e lembra um grande lago com muitas ilhas em sua superfície. Diz-se que o Rio melhorou bastante em comparação com alguns anos atrás. As casas são construídas, em muitas partes, com pedras cortadas. As ruas, geralmente retas, são bem pavimentadas e providas de trilhas. Além disso, a estreiteza de algumas delas se faz muito conveniente em um clima tão quente devido à sombra. Nas praças há fontes refrescantes que recebem água a elas dedicadas por meio de um aqueduto de considerável comprimento, pois, apesar de seu nome, a Cidade do Rio não tem rio perto de si digno de nota. Tal aqueduto passa por vales por uma fileira dupla de arcos, um acima do outro: é uma estrutura de grande ornamento para a cidade, embora, talvez, a água pudesse ser conduzida com a mesma eficácia por canos. Esse aqueduto não supõe ignorância dos portugueses a respeito da lei hidrostática segundo a qual a água sempre atinge seu nível; as estruturas do mesmo tipo nos entornos de Roma não fazem nada além disso, justificando essa suspeita no que concerne aos antigos romanos. Por fim, os objetos dos trabalhos públicos servem de exibição e magnificência, bem como utilidade.

Sempre há um guarda nas fontes pelo Rio afora que regula a distribuição de água que, provavelmente, é insuficiente, já que sempre há pessoas que esperam muito tempo por sua cota. Uma proporção razoável de água da fonte para o porto, frente ao palácio, é reservada para uso das embarcações e conduzida aos tonéis, permanecendo nos barcos, por meio de um tubo de lã ou lona, chamado mangueira, que se estende da fonte ao tonel. Sir Erasmus Gower, observando que a água era notavelmente boa e era mantida ao mar melhor que qualquer outra, atribuiu a opinião contrária do Capitão Cook a impurezas acidentais que permaneciam nos túneis que foram cheios.

Nas lojas do Rio havia muitos manufaturados de Manchester, além de outros produtos britânicos; e até mesmo impressos ingleses, sérios ou cômicos. Um mercador português estabelecido aqui, ao refletir sobre as vantagens adquiridas pelo país que fornecera tais produtos, observou que tanto a prosperidade de Portugal quanto de suas dependências redundavam principalmente no benefício da Inglaterra. O benefício provavelmente fora recíproco, pois tudo, ao menos no Rio, denotava a próspera condição do lugar. Os indivíduos pareciam à vontade e confortáveis. A maior parte de suas habitações estava em boas condições, muitas delas grandes e bem pensadas mediante o clima; as lojas e os mercados, bem providos de mercadorias; novas construções de natureza pública e privada; comerciantes muito ocupados e, além do aqueduto e das fontes já mencionadas, com os quais a cidade era adornada, havia também passeios públicos. Na praia frente ao palácio fora construído um espaçoso cais de granito, material lá mesmo encontrado do qual muitas outras das principais construções são feitas.

Diz-se, porém, que essa localidade não é saudável e que instancias de longevidade são muito raras. O caráter não salutar surge, supõe-se, mais de circunstâncias locais e temporárias que da inevitável influência do clima. A cidade situa-se, ao menos sua

maior parte, em um plano, cercado por todos os lados, exceto pelo porto, por montes geralmente cobertos por densas florestas, característica que não só inibe a circulação livre de ar como também faz com que haja umidade de manhã e aos crepúsculos. A humidade evaporada enquanto o sol está no céu, condensa após ele se pôr e o vapor que baixa pousa na cidade em forma de uma neblina ou sereno. Febres pútridas e intermitentes podem ser a consequência dessas noites de relento seguidas de dias escaldantes. É muito comum ver, mesmo entre os Europeus, bem como brancos nativos e negros, a terrível doença, a elefantíase, que, ao destruir a textura de bom estado do tegumento do corpo humano, cresce, distorcendo e descolorando onde quer que ataque. Isso faz com que os desafortunados membros aumentem até o tamanho dos do grande animal, a semelhança do qual, nesse caso, deu-se nome a esse horrendo distúrbio.

Não só o entorno das florestas é nocivo como também o da água devido aos pântanos próximos à cidade, embora eles possam ser facilmente drenados ou preenchidos com terra. Estrangeiros, particularmente, sentem as atormentadoras consequências nos infinitos enxames de mosquitos, ou pernilongos grandes, que os atacam por algum tempo depois de sua chegada. Uma estada longa por aqui, no entanto, pode proporcionar alguma alteração no corpo no sentido de guardá-lo contra a ação desses insetos: não que a pele deixe de ser sensível a sua picada, mas não terá mais picadas ou não mais oferecerá humores atrativos aos mosquitos. Essa não é a única chateação dos estrangeiros na noite do Rio, pois lá, assim como em Lisboa, de acordo com a observação de Lord Kaims, as rodas das carroças são propositalmente construídas para fazer um barulho áspero e esganiçado, o que previne que o demônio fira o gado atrelado. O fértil poder da imaginação não poderia conceber um método mais efetivo de produzir um ruído tão horrível.

Contudo, nenhum perigo real ou imaginário inibe a propensão de todas as classes da sociedade à gaiatice e ao prazer. Há três conventos para homens e dois para mulheres neste lugar. Mas parece que, em qualquer um deles, pouco se pratica a austeridade e a auto-abstinência consideradas como uma intenção de sua instituição original. Embora a conquista do país tenha-se dado sob justificativa de converter os nativos ao cristianismo e amplos fundos tenham sido empregados para manter os freis pregando o evangelho àqueles infiéis, nenhum frei atualmente se engaja em uma empresa tão problemática e insegura, talvez um caso perdido. De fato, alguns missionários italianos aqui residentes deram-se o trabalho de ir aos índios da tribo que freqüenta o Rio, como lograram conquistar-lhes a fé, por meio de presentes bem como de persuasão, para assim tentar converter os índios espalhados pelo Brasil.

Nem os padres, nem as freiras desse lugar pareceram, de forma alguma, dispostos a ir aos sombrios excessos da devoção: nada poderia ser mais vivaz e alegre que a conversa das últimas com os estrangeiros nas grades do convento. Os homens certamente não estão corrompidos pelos escritos dos pensadores livres. Isso não existe na linguagem da região e poucos portugueses estavam cientes de tais idéias. De qualquer modo, há poucas livrarias no Rio. Suas lojas têm apenas livros de medicina e religiosos. O sistema religioso, porém, que levou esse império até lá com tantos bons efeitos e por tanto tempo, carrega agora a semelhança a uma máquina, da qual a fonte, por seu próprio trabalho interno, diminui e desgasta-se. A inquisição, ou Tribunal do Santo Ofício, como é chamada, não foi estabelecida no Brasil. As cerimônias religiosas, no entanto, eram regularmente realizadas e até mesmo multiplicadas. Durante o dia, sinos e às vezes rojões anunciavam a cada hora alguma solenidade ocorrendo nas igrejas e, após o crepúsculo, as ruas eram tomadas por procissões. Em cada esquina achava-se,

metida em uma caixinha de vidro, a imagem da Virgem Maria, a qual regularmente prestava homenagem cada um que por ela passasse.

Ao andar pela cidade homens de classe baixa usam geralmente capas. Os de nível médio ou alto usavam seus cabelos trançados, amarrados com fitas e enfeitados com flores, a cabeça descoberta. Respeitavam a freqüência de suas visitas às igrejas, pela manhã bem como à tarde. Em outros momentos, debruçavam-se em suas janelas ou em suas sacadas. Muitos deles tinham belos olhos escuros com animado semblante. Eles se divertiam tocando algum tipo de instrumento musical, principalmente a harpa ou o violão. As portas e janelas nessas horas ficam bem abertas para que entre ar fresco. Se um estrangeiro parasse para ouvir a música, freqüentemente o pai, marido ou irmão da dama que tocava saía de casa e convidava-o a entrar. Não era raro ver as damas com ramalhetes de flores em suas mãos, os quais elas trocavam às vezes com cavalheiros que passassem. Isso é provavelmente uma imitação das damas de Lisboa, que, em dias especiais, que foram chamados de “dias de intrusão”, jogavam pequenos buquês de suas sacadas sobre as pessoas que passavam em baixo. De fato, instâncias do momentâneo abandono da reserva feminina podem ser traçados em tempos remotos. Deve-se lembrar que muito fora relatado acerca do extremo atrevimento de algumas das damas do Rio. Alguns homens eram acusados de praticas muito piores, rendendo depravações e apetites inaturais.

Dentre os prazeres mais inocentes dos dois sexos encontram-se a ópera, peças e bailes de máscaras, mesmo que não ocorram quando a Rainha de Portugal sente-se indisposta. Os encontros aconteciam geralmente em um jardim público situado perto da praia, em um extremo da cidade. Nesses recessos, durante a estação seca do ano, a alegre sociedade do Rio, após caminhar, ao fim da tarde, participava de banquetes, acompanhados, geralmente, de musica e pirotecnia e, desse modo, prolongavam seus

prazeres até tarde à noite. No centro do jardim há uma grande fonte de pedra sob a forma de dois crocodilos, esculpidos não sem talento, jorrando água em uma bacia de mármore, no qual as imitações de aves aquáticas eram bem feitas em bronze davam a impressão de estarem-se satisfazendo alegremente. A pouca distância dessa fonte havia outra imitação que parecia um trabalho certo exagero Muito dinheiro e esforço foram empregados para representar, em cobre pintado de verde, o mamoeiro, uma planta natural do clima, e de crescimento fácil e rápido.

Ao lado desse jardim, próximo ao mar, havia um terraço de granito, no centro do qual também havia uma fonte com a marmórea estátua de um menino abraçando com uma mão um pássaro, por conta do qual a água era derramada na bacia abaixo, enquanto a outra segurava uma faixa com as palavras *sou util ainda brincado*, implicando sua utilidade ainda que estivesse a brincar.

Nas extremidades do terraço havia duas belas construções quadradas como tendas, como são chamados na Inglaterra. Em um, as paredes estavam decoradas com pinturas representando vistas do porto e, particularmente, do baleeiro que costumava adentrar o porto até que a grande baleia negra, que antigamente o freqüentava, foi incomodada e expulsa do porto pelo aumento do trânsito de embarcações. O teto dessa tenda era ornamentado com vários desenhos, e a cornija exibia várias espécies de peixes peculiares da região, todos em suas cores e tonalidades particulares, todos feitos com conchas. O teto da outra construção era composto de artefatos trabalhados em pluma; ao longo das cornijas estava retratado o mais belo dos pássaros próprios do *Brazils*, curiosamente arranjado em sua plumagem natural. Nas paredes havia oito grandes pinturas: mal feitas, de fato, mas descritivas das principais produções que esse lugar deve a sua opulência, incluindo: vistas das minas de diamante e de ouro, mostrando o modo como eram trabalhadas e os materiais nelas procurados já separados da terra pela

qual estavam originalmente encobertos; o cultivo da cana de açúcar, com os processos de extração do suco e granulação a fim de obter açúcar; a maneira de coletar os pequeninos animais que produzem a cochinha e preparação da preciosa tintura a partir deles; a cultura de mandioca com o processo de confecção da *cassada*³⁸, que é a raiz dessa planta após a extração do suco venenoso que ela contém, e tapioca, que é o fino sedimento que fica depositado no fundo de certos sumos, depois de decantarem por tempo suficiente; e a cultura e preparação de café, arroz e índigo. Nesse jardim, chamado de *passeo publico*, eram exibidas amostras para a diversão das pessoas e seu objetivo de promover a saúde e prazer dos habitantes era expressa em dois grandes obeliscos de granito nas passagens: em um, achavam-se gravadas as palavras *a saúde do Rio*; no outro, *o amor ao público*.

Perto da cidade, próximo à orla, havia um jardim de um outro um outro tipo, pensado originalmente para promover o progresso da botânica, mas muito curioso então devido a uma pequena manufatura de cochinha. De acordo com as observações feitas pelo Sr. Barrow e com as informações por ele obtidas (...) ³⁹.

Além dessas espécies de manufatura [cochinha, cacto etc.]. Produzidos em locais chamados por Barrow de *Marica* e *Saquarima*, ambos próximos de *Cape Frio*, como ele lembra, nas proximidades do Rio, um outro, cujo privilégio exclusivo fora dado a uma companhia que dava 1/5 de seus lucros à coroa, foi levado para dentro do porto, mas do lado oposto à cidade. A fim de que fosse convertida em óleo, levou-se lá a ora gelatinosa ora firme gordura da baleia, não mais capturada perto do Rio, como antigamente, mas em costas livres da minuciosa perseguição dos homens. O osso da baleia ou cartilagens da mandíbula eram também separados e aqui limpos antes de

³⁸ Farinha de mandioca. (N. T.)

³⁹ Staunton faz uma citação de Barrow de seis páginas apenas descrevendo o inseto que produz a cochinha.

serem enviados à Europa. A baleia branca, que é a origem do *spermaceti*⁴⁰, é quase sempre procurada a uma distância similar à do Oceano Pacífico. Um navio inglês daqueles mares chegou recentemente ao Porto do Rio atrás de descanso. Tal embarcação pegara sessenta e nove baleias, cujo valor, em média, era de duzentas libras. Algumas chegavam mesmo a mil libras. A recente descoberta de que os músculos dos animais são conversíveis em algo similar a *spermaceti*, pode, talvez, futuramente, reduzir os lucros dessas aventuras distantes.

Em outra parte do Porto do Rio, não muito longe da cidade, em um lugar chamado *Val Longo*, estão os armazéns para recepção e preparação para venda dos escravos importados principalmente de *Angola* e *Benguela* na costa da África. Essa localidade era apropriada para limpar, ungir, engordar, torná-los bem alimentados e rentáveis e ocultar os defeitos daqueles, dentre essa classe de seres, pareçam pouco sensíveis às humilhações de sua condição. Dos vinte mil comprados para todo o *Brazils*, mais que cinco mil eram geralmente vendidos ao longo de um ano no Rio. O preço médio era de cerca de vinte e oito libras esterlinas cada. Antes de serem posto nos navios na África, uma quantia de dez mil *reis* por cabeça é dada ao representante local da Rainha de Portugal. O total chegava a cerca de sessenta mil libras por ano, que iam para seu cofre privado, não sendo considerados como parte da renda pública. Levando em conta todo o *Brazils*, estima-se haver, no mínimo, 600 mil escravos nascidos na África ou desses descendentes. Os brancos somam cerca de duzentas mil pessoas. A proporção de negros em relação a brancos na cidade do Rio era, supõe-se, bem maior, lá havendo não menos que quarenta mil negros, incluindo os emancipados, e três mil brancos.

Qualquer que seja o sofrimento dos escravos com os capitães-do-mato nas plantações, os que viviam na cidade não tinham aparência miserável. O corpo humano,

⁴⁰ Óleo tirado da baleia para fins cosméticos. (N. T.)

de fato, sente menos necessidades, é, contudo, exposto a mais misérias em um clima quente que em um frio. No frio, uma morada para proteger da inclemência do tempo, agasalhos para o corpo e calor artificial no inverno são quase tão necessários quanto comida para qualquer coisa como uma existência confortável. Esses artigos podem, com menos inconvenientes, ser dispensados, ou uma maior quantidade deles facilmente conseguida, em um clima tropical: mesmo quanto à comida, a abundância espontânea da oferta da natureza é maior em climas quentes; e nestes, as bebidas fermentadas, que se consegue somente com trabalho, são às vezes requisito, enquanto nos trópicos qualquer fonte provê o que há de mais gratuito, bem como salutar. O escravo das Índias Ocidentais não tem, então, muito o que invejar dos camponeses dos muitos reinos europeus. Os escravos de plantação no *Brazils* têm dois dias dentre os sete da semana para seus próprios interesses, mais do que se permite nas ilhas das Índias Ocidentais. Os escravos no *Brazils* foram repreendidos por sua compulsão pelo roubo e pela mentira, que parecem ser os vícios de sua condição por toda parte. Essa condição é hereditária pela da mãe e não se restringe à cor. Havia muitos no Rio nesse estado, de todos os tons entre preto e branco. Os africanos pareciam alegre e ativamente dispostos, facilmente conciliados com sua situação, aproveitando por completo qualquer parcela de prazer que por acaso chegasse a seu alcance. Eles raramente buscavam em intoxicações um meio de evitar comoções ou a proposta de sufocar reflexões sobre sua miséria. Gostavam muito de dança e música e os condutores negros Rio ficavam, nos intervalos de lazer, muitas vezes com ouvidos a brincar com seus violões. Muitos escravos eram propriedade da coroa, dos quais cerca de dez mil eram usados nas minas de diamante, onde uma pedra fora recentemente achada que, diz-se, é maior e mais valiosa que qualquer uma que a Imperatriz da Rússia tenha comprado, ou, com efeito, que tenha até então sido descoberta. Vários escravos estavam também anexados a conventos. Os

Benedictinos sozinhos tinham mil em suas plantações. Os monges dessa ordem, muito opulentos, praticaram ofícios de caridade, mas deleitavam mais dos de hospitalidade. Eles pressionaram os intérpretes de chinês que pertenciam à embaixada, padres da mesma religião, a residirem com eles no convento durante sua estada no Rio e os entretiveram nobremente. Os padres beneditinos tiveram a oportunidade, nos seus próprios escravos, de observar que a cria da relação entre negros e brancos eram geralmente dotada de muita inteligência e ingenuidade. Eles criavam alguns desses cuidadosamente e os instruíam com tal sucesso, que pensavam não mais ter obrigação de enviar pessoas às universidades de Portugal para educação literária. Esses freis mencionaram, com certo ar de triunfo, que uma pessoa de raças misturadas foram recentemente promovidas à cátedra erudita em Lisboa.

Os habitantes nativos do *Brazils* não foram julgados como redutíveis a um estado de escravidão ou mesmo aos hábitos domésticos da sociedade civilizada. Crianças de alguns desses brasileiros foram alojadas junto às famílias portuguesas e esforços pouco freqüentes foram conferidos a sua educação, [por motivos de curiosidade especulatória, bem como de benevolência e humanidade]. No entanto, são tão incorrigíveis, diz-se, como confirma sua natureza, que eles constantemente voltavam a seus hábitos originais da vida selvagem sem conservar nenhum dos princípios que possam controlar suas paixões e caprichos. Essas pessoas, embora pobres, raramente procuravam trabalho, e eram raramente cobiçadas pelos portugueses, exceto para remarem nos barcos, coisa em que eram notavelmente habilidosos. Quanto a suas pessoas, eram em geral um tanto medianos, musculosos, robustos e ativos, de cútis marrom-claro, lúgubres fortes, cabelos lisos, com muito pouca barba e grandes olhos escuros que não demonstravam sinal algum de imbecilidade. Suas fisionomias também não remetem a traço algum de malvadeza ou vulgaridade, pelo contrário: seus olhares e expressões eram inteligentes e

distintos. Eles pareciam achar um irresistível encanto do desfrute da liberdade sem limites; e alimentando, provavelmente, uma antipatia hereditária e implacável aos invasores de sua terra, afastavam-se dos consideráveis territórios em que estavam instalados os portugueses, mas massacravam indivíduos sem remorso sempre que os encontravam isoladas e desprotegidas. Boa parte da costa entre Rio e Bahia ainda estava habitada ou freqüentada por eles, circunstância que inibia qualquer comunicação por terra entre essas duas localidades.

Nas proximidades da Cidade do Rio, as estradas não eram transitáveis por muitas milhas para carruagens. Em uma excursão da cidade em direção oeste feita pelo Sr. Barrow e dois outros cavalheiros da embaixada, acompanhados por um habitante português do Rio, pareceu que pouco esforço havia por lá em relação ao cultivo do solo ou desenvolvimento da região. Consistia principalmente em cultivar vegetais para os brancos, e arroz e mandioca para os negros. Supõe-se que o trigo cresça em outra parte do *Brazils*, com um aumento além do que se sabe na Europa. O moinho de milho usado por eles era uma construção tão simples que vale a pena descrevê-la. Um deles fora construído em um riacho próximo à floresta que os cavalheiros dessa comitiva intencionavam penetrar: tratava-se de uma roda de poucos pés de diâmetro, posicionada horizontalmente muito abaixo da corrente do riacho, como descesse um plano muito inclinado, que recebia água em sulcos, dez ou doze no todo, oblíquos na borda superior da roda para que a mesma desempenhasse um rápido movimento rotatório, enquanto sua haste vertical, que passava por uma abertura no centro de um moinho sobre a roda, mas de estreito diâmetro, encontrava-se fixada em um moinho menor que, forçado a rodar com o movimento da roda e da haste pendente, encaixava-se entre ela e a pedra maior de baixo, sendo o grão introduzido entre eles por uma tremonha. Assim, por meio de

uma roda, era produzido o efeito, que é geralmente o resultado de um maquinário muito mais caro e complicado. Diz-se que um moinho similar está em uso na *Crimea*⁴¹.

Estima-se que a floresta já mencionada abunde em palmeiras e outros vegetais que crescem ao tamanho de árvores, além de alguns que nunca foram observados pelos que então estavam a viajar pela mata. Deles há de esperar-se que uma descrição completa logo apareça em um trabalho botânico sobre as plantas dessa região, o que já fora prometido por um frei franciscano que mora há muito no Rio e dá o nome de *Flora Fluminensis* a sua intencionada publicação. No momento, embora sua raiz esteja já por longo tempo em uso como um valioso artigo medicinal, ainda não se sabe precisamente a que a que classe, ou tipo, ou espécie do sistema botânico ela pertence. A mando de um dos cavalheiros da embaixada, um mensageiro fora enviado a *St. Catharine* para buscar um espécime dessa planta. O que fora trazido foi uma planta herbácea de cerca de três pés de altura com um único talo e folhas em forma de lança, mas, como naquele momento não havia flor nem semente, seu caráter próprio não pôde ser definido.

Havia no Rio um coletor de pássaros e insetos que, dentre outros interessantes artigos, tinha a *palamedea* com uma dura unha ou esporão em cada flexão de suas asas e um chifre de cerca de seis polegadas de comprimento na parte frontal de sua cabeça; um pássaro raramente visto nas vitrines da Europa. O tamanho e a intensa cor de muitas flores pela floresta afora e a colorida plumagem dos pássaros que às vezes eram vistos eram impressionantes. A floresta, conforme se ouve, tem muitas cobras, algumas extremamente grandes e formidáveis. Mas seu assóvio faz com que o ouvinte fique em guarda; caso não forem provocadas, raramente atacam. Nenhum som, porém, pareceu alarmar esses viajantes. As pessoas da região circulam, é verdade, por lugares com total indiferença em relação à segurança. Suas mentes são pouco afetadas pela apreensão de

⁴¹ Região da atual Ucrânia.

um mal, mesmo que este esteja perto delas e que dele quase sempre se fale, pois elas nunca o experimentaram: da mesma forma como na Europa o perigo da mordida de animais danados não perturba os pensamentos e nem interrompe as ocupações ou divertimentos dos mais expostos a tal calamidade, não importa quão freqüentes sejam suas terríveis instâncias em determinada época. A floresta acima descrita dava no vale cultivado de *Tijouca* era cercada por todos os lados por montanhas, exceto em sentido sul, onde uma pequena abertura admitia um braço do mar. O vale recebia água de um límpido córrego que, logo ao adentrá-lo, se precipitava em magnífica cascata por um grande bloco de granito. Muito pouco trabalho parecia necessário nas plantações da *Tijouca*. Era comum deparar-se com índigo, mandioca, café, cacau, canas de açúcar, bananeiras, laranjeiras e limoeiros crescendo promiscuamente, e algumas espontaneamente, em um espaço de vinte jardas quadradas. O café e o índigo eram os objetos de principal atenção. A temperatura do vale era demasiado quente devido a sua situação de confinamento e ao reflexo dos raios de sol dos lados das montanhas, que eram rochosas em muitas partes. Termômetros Fahrenheit por volta das quatro da tarde marcaram, na sombra, oitenta e oito graus. A comitiva alojara-se na casa de um amigo do companheiro português. Lá, eles foram tratados com hospitalidade e passaram a noite. O calor do tempo excluiu qualquer necessidade de roupas de cama. Um capacho de tecido limpo e um travesseiro elástico foram postos sobre uma plataforma um tanto acima do chão, e lá repousaram os hóspedes, sem nada que os cobrisse além de roupas de dormir. Muitos distritos do governo do Rio produziam algodão, açúcar, café, cacau ou chocolate, arroz, pimenta e tabaco em grande abundância. O *Rio Grandé* rendia grande quantidade de excelente trigo. A plantação de uvas crescia em total perfeição, mas não se deixa espremer a uva para o vinho, já que tal processo poderia interferir na venda o mesmo artigo oriundo de Portugal. No geral, o *Brazils* era dividido em oito

governos independentes, além do Rio de Janeiro, do qual o governador levava apenas o nome de Vice-rei do *Brazils*. Os outros eram os do *Para* ou *Amazona*, *Maragnon*, *Fernambucca*, *Bahia*, *Santo Paulo*, *Matto Grosso*, *Minas Geraes* e *Minas Goyaves*. Antigamente, *Bahia dos Todos os Santos* era a sede do governo e principal mercado para comércio no *Brazils*, mas o descobrimento e desenvolvimento de minas de ouro e diamante a cerca de cem léguas do Rio de Janeiro, com ligação direta com o porto, deu a este governo marcada preponderância. Mas todas as províncias estavam crescendo rapidamente em opulência e importância. Elas manufaturavam, ultimamente, vários dos mais necessários artigos de seu próprio consumo, e sua produção era tão grande, que a divisão do comércio já começara e estar a seu favor.

Na administração do Marquês de Pombal, por muito tempo primeiro ministro em Portugal, as colônias foram livradas de alguns monopólios e restrições que haviam contribuído para empobrecê-las. A situação fora novamente acusado pelas colônias por inveja de seu atual progresso financeiro e, conseqüentemente, poder e independência. Já havia um empenho no sentido de sufocar e reprimir tais idéias por meio de novas normas restritivas e prejudiciais. Mas as pessoas começaram a considerarem-se como crianças demasiado robustas para serem estranguladas no berço e a pensar que a coroa de Portugal deveria ou transferir o trono de seu império para o *Brazils*, ou deixá-lo seguir seu caminho para revelar e exercer seus poderes nativos, sem influência da autoridade ou repressão do terror de um cetro distante. Os colonos demonstraram um interesse de grau incomum no progresso da Revolução Francesa, como se previssem a possibilidade de um evento similar entre eles. Assim era, no entanto, antes dos relatos dos horrores sangrentos que ocorreram no processo: devido a eles, qualquer pretensão de seguir esse exemplo fora eliminada.

O projeto de transferência do trono dos limites de Portugal até o *Brazils* foi com o Marquês de Pombal seriamente contemplado, quando a região fora invadida por forças espanholas em 1761 e cálculos foram feitos, e precauções tomadas, para contar os navios necessários para transportar pelo Atlântico a família real com os principais oficiais da corte e seus vários membros. Esse projeto desapareceu com o perigo que o justificara e o *Brazils* continuou a ser considerado uma colônia destinada, exclusivamente, a enriquecer sua metrópole.

As taxas que os representantes de Portugal impunham sobre as importações de bens de Lisboa e *Oporto*⁴² no Rio de Janeiro eram de vinte por cento do valor de cada artigo. As principais taxas pagas em Lisboa sobre os produtos do *Brazils* eram as seguintes: sobre o ouro, 1%; café, 8%; açúcar, arroz e peles, 10%; índigo, 20%; madeira em pranchas, 17%. Todo o tipo de madeira, comumente chamada de “vermelha” ou *Brazil wood*⁴³, e também todo tipo de lenha para navios era reivindicado como propriedade da coroa. Um quinto de todo o ouro extraído das minas era exigido pelo governo e quando quer diamantes fossem achados em uma mina de ouro, não era mais permitida a procura por tal metal lá, sendo todas as minas de diamantes confiscadas como pertencendo exclusivamente à coroa. Toda manufatura dentre eles era, conforme se diz, desencorajada pelo governo, embora muitas já estivessem estabelecidas. Tal foi a mudança desempenhada recentemente nas mentes dos homens de lá, da qual alguns nobres portugueses desdenharam e desconsideraram. Um homem de grande categoria recentemente promoveu um cultivo de arroz perto do Rio no qual sessenta escravos foram empregados para na preparação desse grão para consumo. Ele foi um oficial militar e não poderia ter tido mais prazer ao mostrar a evolução de seus soldados às armas do que o que ele sentira ao mostrar os moinhos nos quais ele retira dos grãos de

⁴² Cidade do Porto.

⁴³ Pau Brasil.

arroz a película neles aderente. Porém, não havia nada especial nesse método além do uso de areia de silício, cujos ângulos pequenos e agudos ajudam, acredita-se, materialmente na operação. Por fim, a areia era facilmente separada do grão por meio de *sieves* com orifícios largos o suficiente para que a areia por eles passe, mas impenetráveis para os grãos de arroz. O mesmo cavalheiro educou seu filho mais velho para o comércio, provavelmente a mais importante profissão no *Brazils*, mas para qual parecia não haver inclinação. O comércio já estava se impondo aos muitos impedimentos que lhe surgiam de casa, e muitos trabalhos mecânicos passavam a ser exercidos.

O povo do Rio fora recentemente proibido de trabalhar até mesmo o ouro de suas próprias minas, e as ferramentas e instrumentos usados pelos artífices para este fim foram tomados e confiscados pela mão forte do poder arbitrário. Ainda assim, apesar dos monopólios, proibições e severas taxas, dizia-se que a renda total do *Brazils* não era maior do que um milhão de libras esterlinas, do qual os gastos do governo consomem cerca de um terço. As taxas eram violentamente sentidas, principalmente pelas províncias do interior, onde as obrigações de porte e trânsito aumentavam tanto o preço de cada produto, que uma garrafa de vinho do porto, por exemplo, custa dez libras esterlinas ao consumidor.

O espírito impetuoso das pessoas, pouco pacientes com as dificuldades sobre eles impostas pela terra mãe, levou há pouco tempo a uma conspiração em *Minas Geraes*, notável e de fato formidável, já que alguns dos principais oficiais do governo de lá, tanto laicos como clérigos gostavam muito de dança e música e os condutores negros Rio ficavam, nos intervalos de lazer, muitas vezes, dela participaram. Parece que as tropas enviadas de Portugal eram raramente ao fim chamadas de volta. Os oficiais civis, exceto o Vice-rei, tiveram também permissão para fixarem-se. Essas pessoas, embora

geralmente nativos de Portugal, logo mudavam sua feição original pela pátria-mãe por um compromisso com a colônia, onde iriam passar o resto de seus dias e estiveram tentados algumas vezes a sacrificar os interesses dos empregadores em nome dos seus próprios. Suas visões sobre a presente ocasião foram descobertas a tempo de prevenir as conseqüências inquestionavelmente fatais, mas achou-se necessário que um número considerável de tropas manchasse da costa até o interior para manter a tranqüilidade: uma boa política, bem como clemência, concentrou a punição capital somente em uma dos conspiradores. Os demais foram banidos para as colônias portuguesas da costa da África.

Qualquer que fosse dificuldade que os portugueses pudessem eventualmente encontrar em segurar suas possessões americanas contra inimigos internos, parecia não haver sinal de preocupação com um ataque estrangeiro. Sobre o Rio, o Capitão Parish lembra que: “Portugal, pelo estado relativamente baixo de seus estabelecimentos militares e marinhos, deve achar impraticável levar socorro a essa colônia distante após engajar-se em uma guerra com qualquer poder europeu, e deve, portanto, prover para sua defesa independentemente de qualquer esperança de maior assistência. As construções mais bem erguidas talvez sejam insuficientes para corresponder a tal proposta, pois, embora amplamente provida, não se poderia esperar que resistisse por muitas semanas a um cerco bem conduzido e empreendido com a força adequada. Talvez seja por essa razão que os portugueses não tenham construído aqui nada digno de nota. As defesas do lugar consistem de vários pequenos fortes e baterias destacados uns do outros, mas de tal modo dispostos que arremessariam qualquer impedimento em qualquer direção em um inimigo no momento em que esse adentrasse o porto na suas subseqüentes investidas na costa. Se ele, porém, tiver sucesso em ambas as situações, o estabelecimento militar está tal forma disposto que seria possível, se bem posicionado,

encará-lo no campo. Esse estabelecimento consiste de dois esquadrões de cavalaria, dois regimentos de artilharia, seis regimentos de infantaria, dois batalhões de milícia disciplinada, além de mais de duzentos negros livres disciplinados, fazendo um total de, no mínimo, dez mil homens, exclusivamente de uma milícia muito numerosa, mas indisciplinada, dos quais uma proporção considerável está na cidade e em seus arredores. A entrada do porto, cuja distância entre um ponto e outro mal chega a uma milha, é repleta de baterias pesadas. Os navios, reagindo a um ataque, teriam que trabalhar sob a desvantagem de uma ondulação ocasionada pela barreira que cruza, ainda que por fora, a boca do porto. O forte de Santa Cruz é trabalho de peso e principal defesa do porto. Sua altura média está entre vinte e quatro e trinta pés. Ele acumula vinte e três armas viradas para o mar e trinta e três para o oeste e para o norte. Situa-se no ponto baixo de uma rocha lisa do qual está separada por uma fissura de dez ou vinte pés de largura. As armas do forte de Santa Cruz e de outros atiraram quando do aniversário da rainha de Portugal e, pelos seus relatos, foram considerados peças pesadas, não menos que talvez 24 libras. A defesa da cidade do Rio parece depender, principalmente, das construções em *Serpent Island*. Sua parte mais alta, que mira a cidade, está cerca de oitenta pés acima da água. Nela está construído um pequeno forte quadrado. A ilha baixa gradualmente do lado leste até o nível da água, parte ocupada por uma linha de pedra irregular com flancos dispersados. Ela é, porém, baixa em alguns trechos não mais que oito pés sobre a rocha. O comprimento da ilha é de cerca de trezentas jardas: acumula quarenta e seis armas, vinte das quais miram o sul e o sudeste, e o resto mirando os pontos opostos. A parede, sendo agora construída à frente da cidade, possibilitará boa linha para mosquetes e armas leves.”

Qualquer que seja o destino político do Rio de Janeiro, sua aparência natural sempre atrairá atenção. Ela sem sombra de dúvidas apresenta-se marcante à vista. Seu

porto, montanhas, florestas e rochas parecem estar sobre escala elevada. Suas produções florescem com o vigor e o frescor da juventude. Nada parece descoberto, árido ou pútrido.

O Dr. Gillan notou que “as altas rochas cônicas na entrada do porto do Rio, bem como as colinas que o cercam, eram todas de granito. Cerca de duas milhas para dentro do porto, do lado oeste, havia uma alta rocha inteiramente composta por massa colunares, lembrando basalto. Estavam sobre argila. Em todas as pedreiras de granito era achado reclinado sobre argila e areia. Havia três tipos de granito aqui. O primeiro de cor avermelhada, liso e quebradiço. O segundo, de cor azul-escura, mais dura e de textura mais densa; e o último, de brilhante cor esbranquiçada, contendo muita mica, de textura lisa e impassível de bom polimento.

Os senhores da embaixada, em suas observações, dispuseram de maior liberdade do que é geralmente permitido no Rio a qualquer estrangeiro. O Vice-rei enviou sua barca para transportar aqueles que estavam no porto e dispôs-se a qualquer outra gentileza em seu poder. Ele demonstrou desejo de mostra todos os traços de respeito e atenção para com o Embaixador, que foi por ele recebido ao desembarcar com honras distintas. Ele também providenciou acomodações apropriadas para o Embaixador e sua comitiva, bem como ofereceu um guarda para acompanhá-la sua pessoa. Sua Excelência, que esteve muito indisposta ao mar, melhorou ao passo de uma noite, ansioso por chegar a seu destino, mesmo que distante, voltou ao barco antes de os barcos estarem completamente reabastecido com tudo necessário para a seqüência da viagem. O agente português, porém, fez tudo rápida e prontamente. Madeira, água e provisões foram embarcadas em tamanha quantidade, que não seria necessário parar no Cabo da Boa Esperança, possibilitando aos navios a continuidade de suas rotas, com certa delonga ou desvio, até os mares chineses. Levantaram âncora no dia 17 de dezembro de 1792.

Navios a sair do Rio de Janeiro raramente se empenham fora do porto contra o vento que sopra do mar, mas movem-se nas manhãs, com ajuda da brisa do continente, no momento em a massa de água do porto, que aumenta devido ao vento marítimo à noite, baixa. Esse refluxo é com freqüência mais forte que o vento. Seu curso é ao longo das baías do lado leste e chega ao ponto do Forte de Santa Cruz. *The Lion* foi levado àquela parte da corrente na qual esse refluxo corre com grande impetuosidade. O navio seguiu direto em direção à rocha e, se continuou nesse sentido, deve ter-se chocado contra ela. O alerta instantaneamente se espalhou entre aqueles que melhor poderiam julgar a iminência do perigo. Um dos oficiais deixou escapar que “há um fim para a expedição”. Para aqueles cujos corações tiveram compaixão, o que era de fato o caso da maior parte das pessoas embarcadas nessa tarefa, nenhum espetáculo poderia ser mais aflitante do que o prospecto do agora exibido, nem nenhuma consequência mais dolorosa do que o que se previa seguir. O navio se aproximava tanto da rocha que parecia já estar no embate das águas do mar, ou nas ondas que quebram na costa, quando, felizmente, a âncora fora baixada, segurando-o e salvando-o. A embarcação fora rebocada por barcos. Ao aproximar-se da rocha, não parecia estar exatamente perpendicular, mas sim que a parte lateral do navio havia sofrido algum dano, mas sem que as querenas tocassem o fundo.

Watkin Tench. *A Narrative of the Expedition to Botany Bay*. Dublin: Printed for Messrs. H. Chamberlaine, W. Wilson, L. White, P. Byrne, A. Gruebier, J. Jones, and B. Dornin, 1789. Chapter V. Acervo da Universidade de Bamberg.

Agosto de 1787.

O Brasil é um país muito pouco conhecido na Europa. Os portugueses, por razões políticas, têm omitido informações em seus relatos. De onde nossas descrições, constantes em publicações geográficas na Europa, foram tiradas eu não sei, mas é certo que as mesmas contêm erros e deixam a desejar.

A Cidade de São Sebastião fica do lado oeste do porto, situada num ponto baixo e perigoso, cercada por todos os lados por montanhas que inibem a livre circulação de ar, sujeitando os habitantes a doenças pútridas e intermitentes. A cidade tem extensão notável: segundo Mr. Cook, é do tamanho de Liverpool; mas Liverpool, em 1767, quando Mr. Cook escreveu seu relato, não era dois terços do tamanho atual da cidade. Talvez seja tão grande quanto às cidades de Chester ou Exeter no que diz respeito à área que ocupa, mas é infinitamente mais populosa que qualquer uma delas. As ruas se cruzam em ângulos retos, são razoavelmente bem construídas e muito bem pavimentadas, além de repletas de lojas de toda ordem, nas quais as vontades de um estrangeiro, não estando o dinheiro entre elas, dificilmente permanecem insatisfeitas. Mais ou menos no centro da cidade, a uma pequena distância da praia, fica o Palácio do Vice-rei, uma construção longa e baixa, de forma alguma notável por sua aparência exterior, muito embora detenha belos e espaçosos cômodos. São numerosos os conventos e as igrejas, além de decorados com riqueza; raras são as noites nas quais um deles não seja iluminado em honra de seus santos patronos, o que causa um efeito muito brilhante quando visto da água. Enganamos-nos a respeito desse efeito em um primeiro

momento por conta das celebrações populares. À esquina de quase todas as ruas há uma pequena imagem da Virgem, cercada de luzes ao anoitecer, perante a qual os transeuntes paravam para rezar e cantar em tom muito alto. De fato, o grau de zelo religioso neste lugar causa grande surpresa em estrangeiros. A maior parte dos habitantes parece não ter outra ocupação além de freqüentar a igreja, momentos nos quais se pode vê-los sair muito bem vestidos, *en chapeau bras*, com acessórios de cabelo e uma pequena espada. Até mesmo garotos de seis anos são vistos desfilando portando esses requisitos indispensáveis. Exceto nos momentos em que exercem suas devoções, não é fácil ver as mulheres e, quando tal ocorre, as comparações feitas por um viajante recém chegado da Inglaterra são um pouco lisonjeiras com a beleza portuguesa. No entanto, com justiça, devo observar que o costume das damas de São Sebastião de jogar ramalhetes de flores para os estrangeiros, como que para mostrar certo assanhamento, com o que o Dr. Solander e outros senhores do navio do Mr. Cook encontraram quando aqui estiveram, nunca fora visto por nenhum de nós em instância alguma. Nós fomos lastimavelmente desafortunados por passarmos em frente a suas janelas e sacadas sem recebermos as honras com um *bouquet* sequer, embora ninfas e flores estivessem em igual e grande abundância.

Entre outros prédios públicos, quase esqueci de mencionar um observatório que fica próximo ao centro da cidade e que é razoavelmente bem equipado com instrumentos astronômicos. Durante nossa estada aqui, alguns matemáticos espanhóis e portugueses estavam tentando determinar os limites dos territórios pertencentes a suas respectivas coroas. Para o descontentamento da ciência, porém, esses senhores não conseguiram até então atingir um consenso em seus relatos, de modo que muito pouca informação a esse respeito pôde ser obtida. Até que ponto razões políticas podem ter causado esse desacordo não me cabe presumir, embora deva ser lembrado que os

portugueses acusam o *Abbe de la Caille*, que aqui atuava como observador por ordem do Rei da França, de ter posto a longitude desse lugar a 45 milhas muito para leste.

Até o ano de 1770, toda a farinha existente na colônia era trazida da Europa, mas desde então os habitantes fizeram rápidos progressos na atividade de refinar grãos, de modo que estão aptos a suprir sua demanda com abundância. A principal região produtora de grãos fica nos entornos do Rio Grande, na latitude de 32° ao sul, onde o trigo nasce esplendidamente, chegando a render de setenta a oitenta alqueires. Também o café, que eles antigamente recebiam de Portugal, cresce agora em tal quantidade que já lhes é possível exportá-lo em grande quantidade. Mas o principal produto do país é o açúcar. No entanto, as tropas inglesas na Nova Gales do Sul podem comprovar que eles ainda não aprenderam a arte de fazer um rum que se pudesse beber, já que os primeiros compraram aqui uma grande quantidade, de gosto muito ruim, que fora posta no navio para o uso da guarnição de *Port Jackson*⁴⁴.

Foi em 1771 que São Salvador, que fora por mais de um século capital do Brasil, deixou de sê-lo e que, assim, a residência do governo foi deslocada para São Sebastião. A mudança ocorreu em função da guerra colonial mantida pelas cortes de Lisboa e Madrid. Foram, então, razões de segurança que sozinhas determinaram a residência do governo; no que tange esse critério, conheço poucos lugares melhor situados do que este que aqui descrevo. A força natural da região, ligada às dificuldades que acompanhariam um ataque às fortificações, faria facilmente com que os inimigos se rendessem.

Pode-se presumir que o governo português está bem apazado por essa circunstância e pelo pequeno risco que correm de serem privados de uma possessão tão importante, caso o contrário não será fácil entender o porquê de tratarem as tropas que compõe sua guarnição com cruel negligência. Seus regimentos foram ordenados com a

⁴⁴ Nome dado ao porto de Sidney, Austrália.

promessa de serem liberados e mandados de volta à Europa ao fim de três anos e, nessas condições, trouxeram todos os seus pertences domésticos. Mas a palavra do governo fora quebrada e, depois que vinte anos expiraram, tudo o que resta aos remanescentes desses homens desafortunados é sofrer em submisso silêncio. Eu caminhava com um oficial português certa noite quando esse assunto veio à baila e quando comentei que tal infração de honra pública com as tropas inglesas seria motivo de investigação parlamentar, ele agarrou minha mão com grande entusiasmo e disse: “Ah, *Sir*, seu país é livre, já o nosso...” – Suas emoções revelaram o que sua língua se recusou a dizer.

Como estou tratando do exército, não posso deixar de dizer que não vi nada aqui que confirmasse o comentário do Mr. Cook, segundo o qual os habitantes do lugar, quando quer que encontrem um oficial da guarnição, fazem-lhe uma reverência com grande subserviência e, caso deixem de fazê-lo, estão sujeitos a serem fortemente golpeados, mesmo que os oficiais em si raramente se designem a responder o cumprimento. A troca de cortesias ocorre geralmente entre oficiais e não parece ser, de forma alguma, feita à força. As pessoas que se submetessem a uma superioridade tão insolente mereceriam, com efeito, ser tratadas como escravos.

A polícia da cidade é muito boa. Soldados patrulham as ruas freqüentemente e pouco se ouve falar em distúrbios. O espantoso costume de dar punhaladas por razões de ressentimento privado está quase extinta desde que a igreja deixou de oferecer um asilo para os assassinos. No que diz respeito a outras questões, o progresso das melhorias parece lento, o que é agravado por obstáculos quase insuperáveis, cuja influência nefasta permanecerá até que seja adotado aqui um sistema político mais iluminado. Desde a manhã até a noite, os ouvidos de um estrangeiro são saudados pelo tintilar dos sinos dos conventos, bem como seus olhos pelas procissões de devotos cuja adoração e desenvoltura parecem ter o mesmo compasso, uma sucedendo a outra. “Você

quer fazer com que seu filho tenha aversão ao serviço militar? Mostre-lhe as bandas de Londres em um dia de treinamento.” Faça-o ciente de quem desejaria dar a seu filho tamanho desgosto ao papismo, aponte-lhe a letargia, a ignorância e o fanatismo desse lugar.

Quando estávamos quase prontos para partir, no dia 1º de setembro, vários oficiais, tantos quanto foi possível, foram ao palácio para nos despedirmos do Vice-rei, a quem fomos anteriormente apresentados; nesta, bem como em todas as outras ocasiões, ele nos honrou com os mais distintos sinais de cuidado e atenção. De fato, alguns dos deleites que experimentamos durante nossa estada aqui devem ser atribuídos, sem dúvida, ao grande respeito com o qual os portugueses trataram o *Governor Phillip*, que foi, por muitos anos, capitão na frota deles, tendo comandado um navio de guerra nesta estação. Em consequência disso, muitos privilégios nos foram estendidos, algo muito raro de ser concedido a estrangeiros. Foi-nos permitido fazer pequenas excursões na cidade e, nessas ocasiões, a humilhante prática de ter um oficial da guarnição nos acompanhando fora dispensada por termos deixado nossos nomes e registros ao desembarcarmos com o Auxiliar de Ordens no palácio. Acontecia, porém, por vezes, de a presença dos militares ser necessária para prevenir o abuso dos comerciantes, que costumavam pedir mais por seus bens do que eles realmente valiam. Nesses casos, um oficial, quando solicitado, sempre nos dizia o preço comum dos artigos prontamente, e ajustava os termos da compra.

Na manhã do dia 4 de setembro deixamos o Rio de Janeiro bem abastecidos com coisas boas que seus privilegiados solo e clima produzem aos montes. Um viajante futuro pode seguramente depender desse lugar para reabastecer muitas partes de seu estoque. Entre eles pode-se enumerar açúcar, café, rum, vinho do porto, arroz, tapioca e tabaco, além de belíssima madeira a fim de decoração doméstica. A carne de ave não é

muito barata, mas pode ser produzida em qualquer quantidade, bem como porcos em ritmo lento. Os mercados são bem abastecidos com carne vermelha e vegetais de todo tipo são obtidos a um preço próximo a nada, os inhames em particular são excelentes. As laranjas são tão abundantes que seu cento é vendido a seis libras, acontecendo o mesmo com as limas. Bananas, cocos e goiabas são corriqueiros, mas os poucos abacaxis que chegam aos mercados não são notáveis nem por sabor, nem preço baixo. Além dos incentivos já mencionados ao gasto de dinheiro, um naturalista pode acrescentar a sua coleção uma quase infindável variedade de lindos pássaros e curiosos insetos, que podem ser comprados a um preço razoável, bem conservados e misturados de forma organizada.

Fecharei meu relato acerca desse lugar informando aos estrangeiros que a cá podem vir de que os portugueses contam seu dinheiro em *rees*⁴⁵, uma moeda imaginária, os vinte dos quais fazem um pequeno pedaço de cobre que eles chamam de vintém, sendo que dezesseis desses somam uma pataca. Cada um desses pedaços é marcado com o número de *rees* que valem, de modo que raramente há algum erro. Moedas inglesas de prata perderam sua reputação por aqui, os dólares são aqui mais bem aceitos que qualquer outra moeda.

⁴⁵ Réis.

James Wilson. *A Missionary Voyage to the Southern Pacific Ocean*. London: Printed for T. Chapman, 1799. (trecho do capítulo 4, *Run to Rio de Janeiro – Reception and Observations* 11 a 20 de novembro 1796). Referência: *Obras Raras*, 86, 10, 7

Antes desse ponto do texto, o que se encontra é a descrição do trajeto percorrido pelo Navio Duff até o Rio de Janeiro. Fala-se de informações náuticas e geográficas da rota, das cartas enviadas pelos missionários para a Europa e de outras partes da costa brasileira, como Fernando de Noronha e Espírito Santo. O trecho seguinte tem por início já a própria de cidade do Rio de Janeiro.

11 de novembro. Às oito da manhã vimos as esparsas ilhas ao norte do Cabo Frio. Como o tempo estava obscuro, tivemos pouca visibilidade às duas e meia o Cabo Frio estava a $\frac{1}{2}$ norte e cinco milhas oeste. Começou então a chover fortemente, com uma rápida ventania vinda do noroeste, fato que nos fez nos preparar para uma tempestade, na intenção de passar a noite entre o Cabo e a entrada do Rio de Janeiro, parando em praias a trinta braças delas e saindo a trinta e oito, um fundo arenoso.

12 de novembro. Ao primeiro raio de luz do dia voltamos a navegar e fomos ao porto, mas, com a brisa fraca e a maré contra nós, já era uma hora da tarde quando atingimos a entrada. Quando estávamos perto dela, um barco piloto emparelhara conosco. Nele estava o chefe geral do porto, que se encarregara do navio. Ao entrar, atracamos a cerca meio cabo de distância do forte de Santa Cruz. Prosseguimos pela bastante fortificada Ilha de Cobras, na parte lateral do porto, até que o monastério beneditino, grande e branco, aparecesse claramente do lado norte. Sendo então levados em direção às embarcações, chegamos até elas com nossa pequena embarcação a sete braças d'água e ancoramos voltados para o norte, uma vez que o monastério mantinha-se a sudoeste-sul e a Ilha de Enchados ao norte pelo oeste. Assim que ancoramos, um navio-guarda, com seus devidos oficiais, parou ao nosso lado a fim de prevenir o tráfico e se asseguraram de que ninguém saíra do navio sem a companhia de um soldado. É importante ressaltar que o governo dessa colônia age em relação aos estrangeiros com

as cautelas mais invejosas. O capitão, obrigado a ir em terra quando adentramos o porto, fora recebido por um militar de Santa Cruz. No fim da tarde, com chuva forte, trovões e relâmpagos, içamos nossos condutores elétricos até o topo de nossos mastros, uma medida necessária quando nos trópicos.

Como esse era um *Sabbath*⁴⁶, as obrigações encarregadas puderam ser observadas da mesma maneira tanto na terra quando no mar. O oficial do navio-guarda fez-se presente, caminhando com muita propriedade, e no fim da adoração expressou sua aprovação. Ele estava muito curioso, porém, e pareceu não conseguir saber que tipo de pessoas éramos. No entanto, com seu pudor e seu medo de ofender, não fez perguntas. Mais tarde, com maior familiaridade, ele disse nunca ter visto pessoas que se comportassem com tanta paz e moderação no primeiro dia da estada: ao contrário, sendo geralmente esperados o insulto, o barulho e a bebedeira.

14 de novembro. Desde que o capitão foi em terra na nossa chegada, ninguém mais obtivera permissão para sair do navio sem exame prévio dos oficiais superiores, cujas visitas tínhamos de esperar pacientemente. Por ser incerto o momento de sua vinda, empregamos o dia nos deveres necessários do navio até cerca de quatro da tarde, quando chegaram ao barco do assistente-chefe alguns oficiais, o chefe de justiça, um médico, o capitão de nosso navio e um intérprete. A circunstância pareceu leviana, sendo repetidas as perguntas feitas ao capitão em um primeiro momento. Contudo, embora o escrivão deles estivesse presente, o que eles haviam até então feito não bastara; o capitão, eu e o segundo oficial recebemos ordens de ir até o palácio do Vice-rei, a fim de que respondêssemos à mesma seqüência de interrogativas, a saber: de onde viemos, para onde vamos, a natureza de nossa viagem, e quais notícias de política tínhamos a dar. Quando tudo havia sido anotado e duplicatas escritas e assinadas por

⁴⁶ Domingo para os cristãos; sábado para os judeus. (N. T.)

nós, fomos informados de que os papéis seriam enviados a Lisboa e que tais escrutínios eram uma prática comum na colônia.

Acabada a cerimônia, obtivemos permissão para ir a terra quando quiséssemos, tendo eles mesmo o cuidado de sempre pôr um soldado no barco antes que este se distanciasse da orla. Assim que desembarcamos, outro soldado nos buscou e nos seguiu pela cidade afora, permanecendo perto de nós até nosso retorno ao barco. De segunda-feira a domingo nos ocupamos com o aparelhamento de nosso cordame, lavando nosso navio, e obtivemos animais de criação vivos, vinho e demais coisas para armazenar em mar. Vários tipos de sementes e plantas também foram trazidos a bordo, conforme se supôs ser abundante e útil no *Otaheite*⁴⁷.

No sábado, 19 de novembro, às quatro da manhã, levantamos âncora e, com o assistente-geral a bordo, levamos o navio até quase a boca do porto, a fim de que ficássemos prontos para abraçar a primeira brisa continental e navegar.

Por volta do meio dia, o vento marinho começou com um denso fustigo; à tarde os dois barcos foram mandados à orla para trazer uma variedade de coisas que lá ainda estavam inevitavelmente.

20 de novembro. Às sete da manhã zarparamos com uma leve brisa em nosso favor, mas quando atingimos o forte de Santa Cruz, ela mudou, ficando contra nós. Contudo, continuamos a seguir a rota na direção do vento e, depois de termos feito algumas mudanças de curso, o assistente-geral despediu-se. Às três da tarde passamos entre a Ilha da Navalha e a Ilha Redonda e, quando uma fresca brisa soprava, já estávamos fora de vista da terra.

A cidade do Rio de Janeiro até o presente a capital do Brasil e, desde a descoberta de ouro em seus arredores, tem sido a residência do Vice-rei. Para sua defesa, há

⁴⁷ Tahiti.

canhões plantados nos topos das eminências à entrada, além de três ou quatro fortes. Nenhum deles, porém, pode ser separadamente considerado muito forte, exceto Santa Cruz e *Lozia* por estarem consideravelmente distantes um do outro. Por isso, embora seja possível ver armas onde quer que se olhe, o lugar não é tão bem fortificado quanto parece ser.

Os habitantes são uma mistura de portugueses, mulatos e negros. Seu número na cidade e nos subúrbios não excede duzentos mil. As igrejas, monastérios, conventos, o palácio do Vice-rei, o hospital e umas poucas casas têm boa aparência. As ruas são estreitas, mas retas e regulares. Suas janelas e a parte superior das portas são feitas de treliça, com hastes transpassadas, e ficam fechadas o dia inteiro. Um estrangeiro transeunte que vê mulheres e crianças surgirem nessas grades pode perfeitamente supor que eles residem em prisões.

O governo é tão minuciosamente cauteloso que os habitantes não podem se dirigir aos estrangeiros sem a permissão prévia do Vice-rei. A carta de crédito que tinha capitão Wilson, endereçada a um respeitável comerciante, foi um caso particular. Ao recebê-la, ele expressou sua prontidão para antecipar as somas às quais o capitão teria acesso e para ajudá-lo de qualquer outro modo, mas antes de fazer qualquer coisa, disse que deveria esperar pela carta do Vice-rei.

A capital parece exceder qualquer papista em termos de procissão. Na esquina de cada rua há uma figura de nosso Salvador e da Virgem Maria em um nicho, ou um tipo de armário, com uma cortina e uma janela de vidro a sua frente. À noite, velas são acesas e lá as pessoas param para expressar sua devoção. Por toda a noite a voz de seus cantos a essas imagens pode ser ouvida. Até mesmo o mendigo mostra sua ligação com a religião através de um crucifixo que usa no peito, que, parece-me, pode ser comprada

por um centavo. Nele os mais pobres fazem o sinal da cruz, e o mendigo a benzê-los deve ser pago por suas bênçãos tanto quanto o papa.

Os estabelecidos débitos do porto, pagos por todos os navios mercantes, são, ao entrar, *3l. 12s.*, e *5s. 6d.* por dia enquanto ancorados. Além disso, embarcações estrangeiras têm de pagar uma comissão ao intérprete por seu negócio com o governo e pelo que compra. Provisões são muito baratas, contudo. O rum, que eles fazem na colônia, tem qualidade razoável e seu vinho do porto, melhorado pelo contato com o clima tropical, é muito bom.

Ao entrar nesse porto, depois de uma longa viagem pelo Oceano Atlântico, a vastidão de que se vê enche a mente com as mais prazerosas sensações. Ao passar a estreita entrada entre dois elevados montes, o porto, repentinamente ampliado, mostra-se como um extenso lago, no qual há ilhas espalhadas em partes diferentes. À esquerda, a cidade, com as fortificações e as paredes brancas, apresenta-se de forma surpreendente, com navios ancorados e barcos carregando suprimentos de toda parte. Para além de tudo isso, ao nordeste, tão longe quanto o olho pode alcançar, uma cadeia de altas montanhas erigem seus ásperos picos: em seus seios, talvez, milhares de seres humanos estejam condenados a passar seus dias em miséria à procura de ouro e diamantes.

As Observações dos Missionários sobre a Entrada e Estada no *Rio Janeiro*

Ao aproximarmo-nos da entrada, os picos das montanhas estavam escondidos entre as nuvens, mas os montes perto da costa estavam cobertos por árvores frutíferas até o topo. Várias ilhas fortificadas estavam a nossa volta e na maior delas vimos um magnífico aqueduto de cerca de cinqüenta arcos, que se estendia de uma montanha a outra. Aqui começamos a observar marcas de suas superstições, pois a cruz fora erigida

nos topo dos montes e em seus fortes. No dia do Senhor, os portugueses e os índios, que eram nossos assistentes a bordo, olhavam com muita atenção e se comportaram muito seriamente durante a adoração, embora não familiarizados com a língua. Enquanto isso, os que ficaram no barco, embora fosse domingo, divertiam-se com cartas.

Uma grande parte de nós foi em terra. Tivemos permissão para ver a cidade acompanhados por dois oficiais que nos trataram com muita polidez. Ao desembarcar, ficamos chocados com a visão de um pobre escravo consumido pela doença e pelo trabalho rastejando-se à beira d'água. Pouco depois vimos uma cena repugnante para a humanidade: uma carga de seres humanos expostos nus para venda no mercado; enquanto isso, outros, acorrentados juntos em grupos de seis ou sete, atravessavam as ruas com fardos. Vimos seus donos fustigando-os como cavalos ou cães, de modo que nossos olhos encheram-se de lágrimas com esta visão. Quando esse tráfico bárbaro chegará ao fim?

As ruas estavam cheias de lojas de todo tipo. As farmácias e as dos prateiros eram as de melhor aparência. Vimos um grande reservatório d'água com três fontes despejando nele água, muito amável, e conveniente para a navegação. O brigue peruano era *1s. 5d.* por cada meio quilo. Cochinilha, *10s.* Queríamos obter algumas cochonilhas, mas não conseguimos; conseguimos, porém, várias plantas tropicais com um hospitaleiro morador de um chalé a pouca distância da cidade.

O jardim do Vice-rei estava lindamente repleto de laranjeiras, limeiras e outras árvores. Lá vimos um crocodilo cuspidor água, cercado por curiosas conchas trabalhadas; em outra parte, um rapaz segurando uma tartaruga de cuja boca saía um abundante jorro. A vista do porto de um dos terraços é magnífica. As tendas são adornadas com lindas pinturas que representam o trabalho nas minas de diamante e a confecção de açúcar, rum e de outros produtos da terra.

Visitamos então o palácio. O comandante-coronel e sua esposa manifestaram a maior polidez, e a senhora foi especialmente atenciosa com nossas esposas; sentíamos muito por não fazermos nenhum reconhecimento em retorno, especialmente quando vimos suas superstições enraizadas, contas e crucifixos em volta de seus pescoços. A cruz e os santos estavam na esquina de todas as ruas e à frente das casas: ao passar por tais, os habitantes se curvam e fazem o sinal da cruz. De fato eles parecem afundados em idolatria. O número de padres é imenso. A cidade não pareceu maior que Bristol e dificilmente tem mais de duzentos mil habitantes.

Nossa atenção foi presa por uma grande procissão de padres, freiras, lamentadores etc. adentrando uma de suas catedrais, que estava adornada de preto e repleta de lâmpadas. Os fiéis cantavam ladainhas acompanhados por uma banda de música. Tal visão nos afligiu: contemplar tamanha pompa externa de adoração e descobrir que não há sequer um traço da pura e imaculada religião de Jesus.

Eles são muito receosos com estrangeiros por conta de suas minas de ouro, nas quais inúmeros africanos miseráveis são anualmente sacrificados. Passamos pelo hospital militar, em um saudável ponto a uma milha da cidade. Mas, segundo o cirurgião, o não deveria visitar o hospital a menos que quisesse levar alguma infecção a bordo. Não muito distante, em um lindo vale, fica a magnífica capela do Vice-rei. Perto dela, estão agora construindo uma grande catedral, no que há uma multidão de escravos trabalhando. Para participar do mérito do trabalho, nos informaram sobre vários rapazes de famílias opulentas que ajudaram, erguendo uma vasta superestrutura um uma fundação arenosa. Eu fui descansar na minha cabine no fim da tarde, orando para que o Senhor nos enviasse seu precioso evangelho com demonstração de seu Espírito e poder.

No geral, tivemos boa razão para estarmos satisfeitos com nossa recepção e aproveitamos a oportunidade dada por um navio navegando pela Europa para transmitir inteligência a nossos amigos.